Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 910 4$00

QUARTA-FEIRA 5 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ÀS ZERO HORAS DO DIA 11

Angola independente com o M.P.L.A.

• Mercenários avançam para Benguela

LUANDA, 5 — (Do «Diário de Luanda», em exclusivo para o «D. L.». e das agências R/ F. P. / Anop) — O M. P. L. A. declarará unilateralmente a independência de Angola às zero horas do 11 de Novembro se, até lá, Portugal não alterar a sua posição face à F. N. L. A e à U. N. I. T. A., reconhecendo o movimento liderado pelo dr. Agostinho Neto como único e legítimo representante do povo angolano e transferindo para ele todos os poderes. Dado que a possibilidade de tal alteração se verificar se apresenta muito remota, a declaração unilateral da independência surge como inevitável. Aliás, independentemente da posição de Portugal, diversos países reconhecerão imediatamente o novo Estado dirigido pelo M. P. L. A., contando-se, entre esses, pelo menos dezasseis países socialistas (exclusão feita à República Popular da China), dez a quinze países africanos e três nações do grupo escandinavo de países europeus. Entre o bloco das nações não-alinhadas, espera-se ainda o reconhecimento da independência por parte de Cuba, Vietname do Sul e do Norte, Camboja, India e Ceilão.

Entretanto, destaca-se que de Portugal, o M. P. L. A. convidou oficialmente para as festas da independência de Angola, apenas o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, e o ex-alto-comissário naquele território e actual membro do Conselho da Revolução, almirante Rosa Coutinho. Esta atitude demonstra a tensão existente entre o M. P. L. A. e o VI Governo Português, a qual terá inevitáveis reprecursões nas futuras relações entre Portugal e a sua ex-colónia.

MOVIMENTOS DE ÚLTIMA HORA

A apenas seis dias da data marcada para a independência de Angola, intensificam-se os movimentos com vista a encontrar uma plataforma de última hora para o conflito angolano. Enquanto em Kampala decorreram durante o dia de ontem os trabalhos da reunião do «bureau» político da 12.ª Conferência da O. U. A., que conta com a presença de Portugal e de representantes do M. P. L. A., F. N. L. A. e U. N. I. T. A. em Mogadiscio o presidente Siad Barre, ex-dirigente da O. U. A. e um dos líderes africanos mais prestigiados, propôs uma conferência cimeira com vista a discutir o conflito angolano. A proposta foi formulada numa mensagem enviada ao actual presidente da O. U. A., Idi Amin, na qual especifica, nomeadamente que «uma vez que a crise angolana é principalmente um problema africano, exige uma solução africana» e que «uma vez que é clara a agressão racista e a interferência imperialista, as quais constituem uma ameaça para a unidade africana, é imperioso que os africanos se unam e tomem iniciativas imediatas.» Em Luanda, esta proposta de Siad Barre ainda não mereceu qualquer comentário oficial. No entanto, quanto à actual reunião de Kampala, os dirigentes do M. P. L. A. continuam a afirmar que a mesma não alterará a posição do seu movimento.

SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR

A situação político-militar em Angola sofreu algumas alterações nas últimas vinte e quatro horas, das quais a mais importante é o avanço das forças mercenárias e invasoras do Exército regular sul-africano e ELP, que entraram na província de Benguela pela via de Sá da Bandeira através de Quilengues. As forças populares, que têm oposto as forças invasoras grande resistência, tiveram um recontro na povoação de Quilengues, «sensivelmente a meio caminho entre Sá da Bandeira e Benguela. Um grupo que se encontrava a montar as transmissões, foi atacado, tendo falecido em combate Carlos Feio, técnico de transmissões das F. A. P. L. A..

Continua na pág. 20

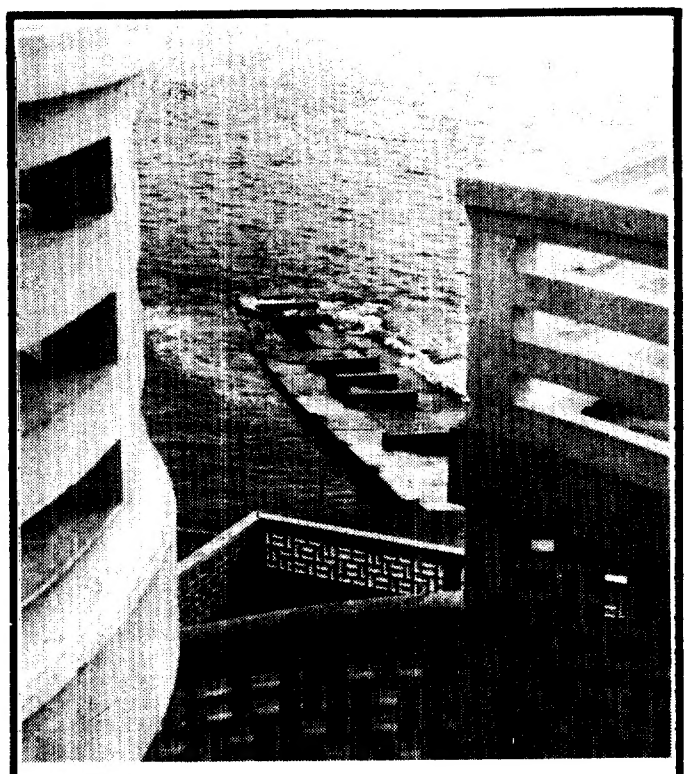
O M.C.S. EM LUTA

Cerca das nove horas, quatro carrinhas da P. S. P., transportando três dezenas de agentes, estacionaram em frente do Ministério da Comunicação Social, aos Restauradores, com o objectivo de assegurar a manutenção da «ordem», que se previa poder ser alterada, depois da decisão ontem tomada pelos trabalhadores de impedir a entrada no Palácio Foz ao secretário de Estado da Informação, Ferreira da Cunha.

..Esta atitude preventiva da P. S. P. foi considerada por elementos da Comissão de Luta do M. C. S. como «mais uma provocação do sr. ministro», destinada a impedir que se cumpra aquela decisão. Hoje de manhã ainda nada se tinha concretizado, até porque o tenente-coronel Ferreira da Cunha não comparecera no Ministério.

..A Comissão de Luta deve tomar uma decisão sobre a forma de levar à prática as decisões do plenário dos trabalhadores a seguir à reunião que ainda decorre no momento de fecharmos a nossa edição.

(mais noticiário na pág. 2).



ALGARVE,

O INVERNO DO GRANDE DESCONTENTAMENTO

ONDE A DIREITA AVANÇA E O TURISMO RECUA

REPORTAGEM NAS CENTRAIS

O SOCIALISMO A CONQUISTAR

«O povo português e o M. F. A. escolheram para a revolução portuguesa, como meta final, o socialismo — disse o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo ontem à tarde em Faro, a uma multidão de largos milhares de pessoas que o P. S. e o P. P. D. convocaram para uma manifestação de apoio ao Governo a que o almirante preside. — «Pode haver, acerca dos caminhos para atingir esse socialismo, opiniões divergentes. Não pode, no entanto, haver opiniões divergentes quanto a esse objectivo final: esse objectivo final chama-se socialismo.» Precisando melhor o conceito de socialismo, Pinheiro de Azevedo acrescentou que socialismo é «apropriação dos meios de produção pelas classes trabalhadoras, fim da exploração do homem pelo homem, construção de uma sociedade sem classes». (Pág. 12)

"DESCONHECENDO" A INDÚSTRIA PORTUGUESA

Querem importar cobertores para retornados

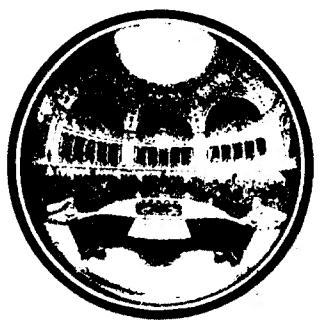
Informações não totalmente comprovadas, mas de origem responsável, dão conhecimento de uma operação no valor de 300 mil contos com vista à importação de cobertores destinados aos retornados de Angola.

O respectivo pedido de autorização teria sido negado, como é lógico, pelo Banco de Portugal, dados os prejuízos industriais e financeiros que o negócio envolve à partida, mas consta que novas pressões têm vindo a ser desenvolvidas por alguns interessados no sentido de se alterar a decisão inicial do Banco. Não sendo rigorosamente conhecida a posição do I. A. R. N. relativamente a esta operação, sabe-se no entanto que os círculos ligados à indústria têxtil a seguem com preocupação, procurando detectar-lhe os fundamentos reais e os interesses que estariam por detrás dela.

..Com o efeito o dispêndio de 300 mil contos de divisas na actual situação do País seria indiscutivelmente considerado um grave desvio, com larga repercussão no esquema da nossa produção industrial. Tanto a nossa têxtil algodoeira como a dos lanifícios estão em condições mais do que satisfatórias para fornecer aquilo que se pretende comprar lá fora, sendo, pelo contrário, exportadoras de cobertores para diversos mercados da Europa.

20 PÁGINAS

Nacional



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

DA PROPRIEDADE DE ANGOLA

. Da propriedade, segundo Cícero e a Assembleia Constituinte, às 20 horas, nas galerias com 15 polícias, 30 assistentes curiosos da cousa pública, deputados lendo jornais e jornalistas somando folhas (requerimentos, substituições, eliminações e intervenções), discutiu-se e (sobretudo) votou-se sem discutir. Vital Moreira dizia: nós propomos porque. Vital Moreira insistia: nós vamos votar contra porque. Mas que valia argumentar? A contagem chegava para os srs. deputados. Se um é economista já não é jurista, se é conhecedor dos problemas dos bombeiros já se sente em seara estranha ao falar do trigo e assim sucessivamente. Discutir? Refutar? Para quê se a contagem é sempre o argumento mais eficaz?

. Da propriedade (porque me lembro de Cícero no Senado, venal mas brilhante?) o artigo 7, por proposta do P.S., baixou à Comissão. Demorou. Demorou a baixar.

O artigo 8 entusiasmado no plano com um P maiúsculo, à dimensão que os leitores possam imaginar, ficou por votar. A substituição ao articulado, proposta pelo P.S. (como sabem maioritário) vai ganhar. Discuta-se ou não. E não somos bruxos. Basta-nos saber contar. A U.D.P. que esteve activa propôs a substituição da alínea 1 do artigo 8. Sabia que não ganhava. Mas que o «Diário das Sessões» e (se possível) a História registe. Foram-lhe favoráveis os votos do P.C.P. e M.D.P./C.D.E. António Campos (P.S.) é um ponto. Sorriu, riu para Américo Duarte mal ouviu que o P.C. votaria a favor. Américo Duarte falara há minutos do P. «C.» P. Terminada a votação, da bancada do P.C. ouviu-se: «Amanhã tira as aspas».

JOSÉ MAGRO: ANGOLA EM NÓS

O M.P.L.A. («reconhecido já como representante dos povos de Angola por 80 nações, entre as quais os novos Estados da Guiné-Bissau, de Cabo Verde e de Moçambique») «é sem dúvida o verdadeiro e legítimo representante dos povos de Angola e a ele será inevitavelmente conferido, a curto prazo, a responsabilidade de dirigir o grande país». Palavras de José Magro cheio de força (diz-se na minha região que um homem que desde pequeno muito sofre e muito trabalha: tem a força puxada) da tribuna para um hemiciclo distraído ou esquecido de que Magro não é um «simplesmente deputado». Mas as hostes do P.P.D. têm a memória tão curta que se *repetem* enquanto a Revolução dobra a esquina ou o diabo esfrega um olho. As hostes do P.P.D. agitaram-se. Houve risos. Apartes. Porquê? Ouçamos José Magro: «A contra-revolução e o imperialismo agem planificadamente e como um todo em Angola e em Portugal. Quando atacam em Portugal, visam também dificultar e adiar a descolonização de Angola; e quando atacam em África ofendem pelas costas a Revolução portuguesa».

Se para Angola se aproxima o 11 de Novembro e há indícios de «uma violenta acção terrorista nos próximos dias dirigida ao próprio coração de Angola — Luanda», qual a posição do P.S. em relação ao M.P.L.A., à F.N.L.A. e à U.N.I.T.A.?

. Para melhor compreendermos as posições e compromissos partidários façamos o ponto da situação política, pela boca de José Magro: «Entrada no País, pelas fronteiras praticamente abertas de Trás-os-Montes e das Beiras, de centenas e centenas de criminosos do terror (...), reuniões de conspiradores que actuam perfeitamente à vontade e de que a prisão dos dois perigosos ex-oficiais em Braga, é indício preocupante (...), continuação progressiva dos saneamentos à esquerda no aparelho civil e militar do Estado; a ofensiva sobre os órgãos de Informação, com ameaças de chantagem do ministro da Comunicação Social, na tentativa de silenciar jornais inequívocamente ao lado do processo revolucionário; o regresso à actividade docente de fascistas, como Hermano Saraiva, ministro de Caetano, e outros; o boicote sistemático pelo grande patronato e pela reacção de todas as medidas revolucionárias nos campos económico e social como foi denunciado nos últimos dias, por exemplo, pelo general Otelo e pelo secretário de Estado da Reestruturação Agrária».

«Pergunta-se: que significado atribuir a tudo isto?»

HÁ INCÊNDIO NA FLORESTA

Entre o elogio do novo governador civil de Castelo Branco, na linguagem empolada para a tribuna e com vénias de adjectivo com mais de três sílabas, proferido por um deputado do P.S. e a pergunta terrivelmente séria de um deputado do P.P.D. sobre as áreas atingidas pelos incêndios, um outro deputado do P.P.D. requereu ser informado da produção do trigo em 73, 74 e 75, do seu consumo nacional e da sua importação nos dois últimos anos.

Américo Duarte, useiro e vezeiro em requerimentos, com intervenções nada jurídicas mas sobretudo noticiosas das lutas que os trabalhadores travam com particular incidência na cintura industrial de Lisboa, insurgindo-se contra o «carácter repressivo e antipopular» da P. S. P., anteontem no Porto, requer que o Governo o informe se esta actuação da Polícia «corresponde ao que o Governo pensa ser o exercício da «ordem», «autoridade» e «disciplina».

Com o P.S. ontem pouco activo, passe a intervenção de António Campos, ganhou foros de alguma surpresa o insistente garaudismo de Alfredo de Sousa do P.P.D.

Plano (com P grande) e sistema de planeamento, foram o taco-a-taco de algumas horas. Plano (com P grande) já está aprovado.

Registe-se a coerência do C.D.S. na própria votação. Preenche um espaço político. Um espaço sem tempo. Ou fora do tempo. E tudo. Mas salve-se a coerência.

R.R.

TRABALHADORES DO M.C.S. RESOLVEM

FERREIRA DA CUNHA NÃO PODE ENTRAR

Não permitir a entrada do tenente-coronel Ferreira da Cunha, no Ministério da Comunicação Social, até à conclusão do inquérito por ele pedido, e construir imediatamente um «comité» de luta alargado aos órgãos do Poder Popular, tais são as decisões aprovadas ontem, em Assembleia Geral extraordinária, pelos trabalhadores do M. C. S. O plenário foi antecedido de momentos de alguma expectativa, pois aguardava-se o resultado da audiência concedida pelo ministro Almeida Santos à Comissões de Trabalhadores, após insistentes pedidos desta.

O ministro deu a conhecer à Comissão um despacho que viria a ser vivamente contestado e, finalmente, repudiado, durante o plenário que decorreu na Sala da Biblioteca do Palácio Foz, com a presença de representantes de várias comissões de trabalhadores e de moradores na qualidade de observadores. Em obediência a ordens do ministro, contínuos, à entrada, procuraram, sem resultado impedir o acesso à reunião a quem não fosse trabalhador do M. C. S. Os funcionários acabaram por, apenas, solicitar a identificação às pessoas, actividade de que, ao que nos pareceu, se foram desempenhando com pouca convicção.

A PROPOSTA APROVADA

É do seguinte teor a proposta aprovada pelos trabalhadores, por 95 votos a favor, 3 abstensões e nenhum voto contra:

. «Considerando que a exigência de suspensão do secretário de Estado da Informação por parte dos trabalhadores do M. C. S., reunidos em Assembleia geral extraordinária em 31-10-75. não foi acatada pelo Presidente da República, pelo Conselho da Revolução e pelo Conselho de Ministros, estes trabalhadores decidem:

1) — Não permitir a entrada do tenente-coronel Ferreira da Cunha neste Ministério, até à conclusão do inquérito por ele solicitado; 2) — A constituição imediata de um «comité» de luta na base de 3 membros da Comissão de Trabalhadores que coopterá mais 7 elementos do M.C.S. Este «comité» deve ser alargado a todos os órgãos de poder popular; comissões de trabalhadores, conselhos de redacção dos órgãos de Informação e comissões de moradores e de soldados e marinheiros».

Subscrevia a proposta um grupo de trabalhadores.

A MOÇÃO ACLAMADA

Mais adiante, a assembleia geral convocada extraordinariamente aprovaria por aclamação a moção seguinte:

. A A. G. T., Extraordinária do M. C. S. reunida no dia 4 de Novembro de 1975, após ter tomado conhecimento do despacho ministerial da mesma data, que procura de um modo «legalista» e fascista restringir e mesmo impedir a actuação progressista da Comissão de Trabalhadores, decide:

. 1)Repudiar veementemente o citado despacho;

. 2) dar conhecimento a todos os órgãos da Comunicação Social do conteúdo do Despacho, para que o Povo Português o julgue por si mesmo;

. 3) reafirmar mais uma vez a intenção dos trabalhadores desta casa de continuarem sempre e sempre a sua luta contra o fascismo, o capital e o imperialismo, qualquer que seja a forma em que se manifeste.

O despacho ministerial repudiado pelos trabalhadores, depois de pôr em causa a forma de convocação (o ministro afirma que teve conhecimento pela Imprensa, «via que (lhe) não parece a mais idónea») e os objectivos do plenário, e após considerar «punição antecipada» à própria defesa do tenente-coronel Ferreira da Cunha e às conclusões do inquérito por ele pedido qualquer forma de reprovação que viesse a ser deliberada no plenário, adianta:

. «De qualquer modo, tenho por inadmissível que a Comissão de Trabalhadores do M. C. S. promova que um assunto que directamente lhes diz respeito, e ao Ministério a que pertencem, seja debatido não apenas ao nível dos trabalhadores comitentes, mas ao nível e com a participação de organizações populares de base.

Mais do que isso, considero intolerável e feridente das mais elementares regras da disciplina funcional que se proponham, sem prévio conhecimento e autorização superior, efectuar esse debate dentro do edifício do próprio Ministério, mais propriamente na sala da sua biblioteca.

Estou convicto de que a Comissão de Trabalhadores do M. C. S. não mediu o significado e a gravidade da sua atitude, pelo que confio em que evite voluntariamente a consumação do que, porventura impensadamente, e talvez até na sequência de uma convicção honesta, promoveu.»

. Com base nestas considerações, determinou, no seu despacho, o ministro Almeida Santos:

. **1.º Que, de futuro, não sejam convocados plenários de trabalhadores em dependências do M. C. S., sem prévio conhecimento superior, até para se assegurar previamente a disponibilidade delas.**

2.º — Que, por já ter sido convocado, possa ter lugar o plenário anunciado para hoje.

3.º — Que a esse plenário a realizar-se, assistam, no entanto, apenas trabalhadores do M. C. S.

4.º — Que a Comissão de Trabalhadores do M. C. S., responsável pela convocatória, tome as providências necessárias para que ao referido plenário só assistam trabalhadores do M. C. S.

5.º — Que a Comissão de Trabalhadores do M. C. S. seja responsabilizada por eventual desobediência a este meu despacho.

Não foi acatada a determinação n.º 4, conforme já noticiámos. Estiveram realmente presentes para cima de uma dezena de órgãos do Poder Popular. Durante o plenário foi ainda relatado que o ministro Almeida Santos ameaçou de processo disciplinar os membros da Comissão de Trabalhadores, o que foi classificado de «chantagem» por alguns dos trabalhadores que fizeram intervenções. Deduz-se que tal ameaça estará implícita no ponto cinco das determinações ministeriais. De qualquer modo, as críticas ao ministro subiram de tom ao serem contestadas as determinações sobre a convocação e reunião de plenários dos trabalhadores e ao ser repudiada a ordem do ministro no sentido de ser impedida a comparência dos órgãos de Poder Popular. «De que tem medo o ministro?» — interrogou um dos intervenientes na reunião que, embora longa, foi esclarecedora.

MINISTÉRIO DA COOPERAÇÃO DESMENTE "JORNAL NOVO"

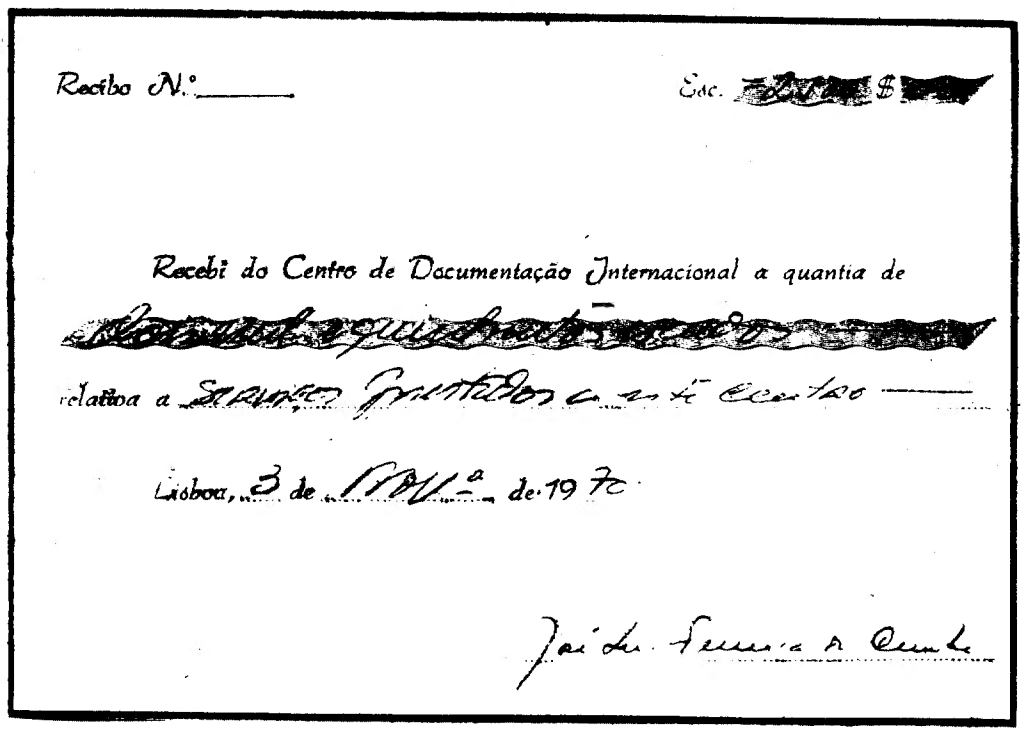
. .Pelo Ministério da Cooperação foi distribuída uma nota oficiosa em que se desmente, categoricamente, uma notícia publicada há dois dias pelo «Jornal Novo» sobre a situação dos portugueses residentes em Moçambique. Diz aquela nota:

. .«1. Publicou o «Jornal Novo», na sua edição de 3 de Novembro, em 1.ª página, uma notícia em que dizia estar a ser planeada uma ponte aérea entre Moçambique e Portugal para evacuação imediata de milhares de portugueses residentes naquele país.

2. A divulgação desta notícia causou viva repulsa nos meios portugueses de Moçambique, dado que a vida dos portugueses, residentes nesse país, se processa dentro da mais completa normalidade e tranquilidade.

3. Não pode assim, deixar este Ministério de reprovar vivamente todo este género tendencioso de notícias, cuja veracidade deveria obrigatoriamente ser verificada junto dos seus serviços competentes, e que, para além de se prestar às mais torpes e insidiosas especulações, lançam o povo português, numa altura crítica da sua vida política, num clima de insegurança que só pode servir a contra-revolução.

4. Com o intuito de repor a verdade dos factos e informar o povo português, vem este Ministério desmentir categoricamente a notícia publicada e testemunhar a concórdia das relações estabelecidas entre Moçambique e Portugal, povos irmanados na mesma luta pelo progresso e pela paz entre as nações progressistas do mundo.»



Recibo N.º _____ Esc. [illegible] $

Recebi do Centro de Documentação Internacional a quantia de

[illegible]

relativa a [illegible]

Lisboa, 3 de [illegible] de 1975

[illegible]

«Recebi do Centro de Dcumentação Internacional...»

post scriptum

O «show» jugoslavo

Pezarat Correia e Canto e Castro foram um «show». Menos o primeiro — que apesar de tudo tentou manter a dignidade que fugiu a Canto e Castro —, mais o segundo, claramente comprometido com esquemas que nem à Jugoslávia servem.

Senhores comandantes: de uma vez para sempre, a ver se deixamos essa ignorância ingénua e aprendemos que a História não se faz com joguinhos de palavras. Porque é que o povo é indisciplinado, como alguns dos seus pares já afirmaram, incluindo os Carneiros e os Magalhães Mota? Porque é que os soldados, sendo povo — são os senhores quem o afirmam, agora e sempre — decidem não obedecer à disciplina clássica, cujo único fim era mantê-los fora do povo, contra o povo? Porquê, respondam lá, senhores comandantes tão cheios de si, que até parece que já fizeram a revolução? E já a fizeram? Estão de facto garantidas, como na Jugoslávia, as conquistas populares? Não existe em Portugal, a todo o momento, o perigo de uma volta à direita, de uma volta ao fascismo? Não têm sido órgãos militares responsáveis quem dá cobertura aos ataques realizados contra a esquerda, que é, realmente, a única força capaz de manter o ideário projectado pelo 25 de Abril? Os exércitos disciplinados de hoje, da Jugoslávia e de outros países onde o socialismo vingou claramente, conheceram os senhores comandantes em tempo de revolução? Ou tudo é uma questão de barbas para os senhores comandantes? Nesse caso, o exército cubano é um exército à balda? Não, senhores comandantes, não se desmintam. Ainda não há muito, alguns dos senhores consideravam o soldado português como exemplo de disciplina e heroísmo. Porque motivo de repente mudam de tom e de atoarda? Porque o soldado português, já politizado, lhes tira a possibilidade de esconderem a contra-revolução que vai nos vossos corações? Porque o soldado português, o soldado verdadeiramente progressista, já filho desta revolução, decidiu não disparar à primeira sem saber contra quem dispara? Porque o soldado português, sentindo o perigo do avanço da direita, resolve ele próprio defender a revolução que muitos dos seus generais e oficiais superiores não querem defender ou, pior, até querem atacar? O disciplinado exército jugoslavo não deve de facto fazer outra coisa que estar em quartéis, vigilante e atento, porque a sua revolução está feita. As conquistas, se não ainda totalmente realizadas, andam perto do seu ideário completo. O povo avança e nada o pode deter. A revolução jugoslava foi feita nesse sentido e caminha abertamente, sem brechas, nesse sentido.

Será isto, senhores comandantes, o que se passa neste momento em Portugal? Não anda pór aí uma reacção à solta, que ataca, destrói, lança palavras de ordem fascistas e que, algumas vezes, como no recente ataque à Casa de Angola, até recebe cobertura das forças militares? Então que há-de pensar o soldado filho do povo? Ao lado dos generais burgueses ou contra os generais e comandantes que defendem ainda, embora o tentem ocultar, uma ideologia burguesa, o capitalismo, a violência fascista?

Mas nós, os que um dia fomos soldados e que sentimos morder na pele a disciplina alienante imposta pelos oficiais fascistas — obedecer, obedecer e não querer saber porque e para quê se obedece —, os que um dia fomos tropa e agora somos povo, não queremos partilhar da ignomínia dos senhores Canto e Castro, dos senhores Jaime Neves, dos senhores Pires Veloso. A **guerra** que existe, neste momento, senhores, é aqui, dentro das nossas fronteiras, onde a reacção lança a confusão, auxiliada, tristemente, por alguns senhores oficiais que sofrem de uma terrível nostalgia da disciplina alienadora de antanho. Não há **invasão de fora**. Há desordem de dentro. E é uma desordem que atenta contra a Revolução, a coberto de certas atitudes dos Canto e Castro e companhia. Como vou eu, povo, confiar num soldado que obedeça cegamente a um oficial que trai os meus interesses de povo?

Façam primeiro a autêntica revolução, senhores Pezarat e Castro e Veloso e Neves e etc. Façam-na e depois exijam disciplina. Ninguém se negará a exercê-la. De dentro para fora e de fora para dentro. Mas enquanto as vossas atitudes dúbias puserem em perigo aquilo que ainda nem sequer é verdadeira revolução popular, NÃO à disciplina que os senhores pretendem. Eu sou, entre muitos, um homem de poucas letras. Mas sei onde os senhores querem chegar com essa da disciplina. Neste momento convinha-lhes. E depois até deixavam os vossos colegas jugoslavos a chuchar no dedo.

Chamo a atenção, no meu dever de português, a todos os soldados progressistas sobre a «charla» dos senhores comandantes Pezarat Correia e Canto e Castro, desde a Jugoslávia — que vergonha! — na passada 3.ª-feira, através da televisão. Estão a tentar levar-nos à certa. Alerta, companheiros! Os senhores comandantes não sabem nada de como foram os exércitos revolucionários da Rússia de 1917, do Vietname dos nossos dias, da Angola desta hora crítica. Ignoram tudo. Têm a ciência na gravata. Não sabem, inclusivamente, aquela do oficial inglês que, enviado de avião, em plena Guerra Mundial, foi cair no meio dos «partizans» jugoslavos, sujos, barbudos, que se deitavam pelo chão após muitas horas de combate e vigília, que se riam na cara dos seus oficiais. Muito pragmático, o oficial inglês chamou o comandante da força jugoslava e perguntou: «Mas onde está o exército de libertacão?» E o oficial jugoslavo, com um sorriso irónico, respondeu: «A seus pés comandante. Mas cuidado: não os pise, porque eles mordem a sério. São o futuro da Jugoslávia e não consentem ideias demasiado burocráticas. Porque não há tempo a perder, eles sabem fazer uma coisa muito segura: combater o nazismo.»

Aprendam, senhores oficiais. Ou então, se não lhes interessa esta espécie de lição, digam de uma vez para sempre o que querem, o que pretendem. Cá os esperamos.

Fernando da Costa (operário) — Paço de Arcos

AS LINHAS POLÍTICAS DO VI GOVERNO

AUSTERIDADE PARA QUÊ? PARA QUEM?

CELSO FERREIRA

1. As declarações proferidas pelo Sr. Primeiro-Ministro em nome do VI Governo Provisório sobre a situação económica do País têm suscitado larga controvérsia, essencialmente devido à sua natureza marcadamente ambígua e ao facto de não ser estimulante em relação às classes trabalhadoras, bem antes pelo contrário.

Na parte referente à questão da austeridade e problemas conexos, a leitura dominante que se tira da posição do VI Governo Provisório reside no essencial no seguinte:

austeridade significa restrição dos consumos;
a austeridade terá de atingir infelizmente todos os portugueses;
a austeridade será obtida essencialmente através de aumentos de alguns preços, correcção de impostos indirectos aumento de algumas tarifas, reforço do investimento público, apelo ao investimento privado;
já estamos no socialismo ou de lá muito perto;
os trabalhadores são os principais responsáveis pela actual situação economica, já que reivindicam salários incomportáveis, reduzem o tempo e o ritmo de trabalho, sobrepõem à recuperação das suas empresas, estéreis discussões politicas, pelo que são objectivamente contra-revolucionários;
O problema básico de qualquer sociedade política é que seja capaz de produzir o que consome;
se queremos ser livres devemos exigir já de nós próprios, de todos nós, enquanto Povo, duros sacrifícios;
o VI Governo pretende salvar o País e não tem um programa popular.

AUSTERIDADE, MAS

2. Em primeiro lugar, é de perguntar porque é que a austeridade terá infelizmente de abranger todos os portugueses.

A política de austeridade constitui peça importante numa estratégica de transição para o socialismo, mas naturalmente integrada numa política global económica e social, de modo que seja possível controlar os seus efeitos. No nosso caso concreto, a não adopção integral de uma política de austeridade não terá deixado de agravar o tão profundo desequilíbrio da balança de pagamentos. Tal agravamento, a prosseguir, porá em grave risco qualquer projecto de construção do socialismo no nosso país. Mas a austeridade não deverá assentar essencialmente em razões de balança de pagamentos. Efectivamente, encontramos na sociedade portuguesa uma larga penetração de hábitos de consumo caracterizados por uma marcada ideologia e aspirações burguesas. Bastará passar pelas ruas das nossas principais cidades e verificar a proliferação do convite à ostentação da sociedade de consumo. Hábitos e ideologia que assentam na perpetuação de uma dominação de classe. Ostentação que tem sido suportada pelas remessas dos nossos emigrantes, divisas do Banco de Portugal e qualquer dia pelo nosso ouro. Que transição para o socialismo se fará com o abundante «whisky» e as confecções «último grito de Paris ou Londres»?

Mas logo uma segunda questão se põe. **Para quem?** O espírito e prática da austeridade será assumida pelo Povo português, mas desde que **claramente** ao serviço da construção da sociedade socialista. Assim, não parece que alguma vez se possa implantar uma política de austeridade apoiada pelas massas trabalhadoras se não se explicitar e concretizar a sua natureza antiburguesa. Terão os operários e camponeses que continuar a ser os principais suportes do consumo desmedido da burguesia? Poder-se-á aceitar a generalização e indefinição que caracterizam a posição do VI Governo Provisório expressa através do discurso do Primeiro-Ministro? Que austeridade se pode pedir a um agregado familiar com um rendimento mensal inferior a 4 ou 5 mil escudos?

É necessário que as classes mais desfavorecidas vejam que a burguesia é a principal atingida, o que é manifestamente contraditório com qualquer política que assente principalmente em aumentos indiscriminados de preços ou na tributação indirecta.

Quanto à equivalência entre austeridade e restrição aos consumo, para além da mera restrição. A austeridade deverá va. O essencial é iniciar a alteração dos nossos padrões de consumo, para além da mera restrição. A austeridade feverá ainda naturalmente cobrir outros aspectos e ser contrabalançada por medidas de repercussão imediata nas classes mais desfavorecidas. A prática revolucionária, e naturalmente violenta na perspectiva burguesa, das ocupações não será o resultado da falta de trabalho, de terra, de habitação, de esgotos?

A política de austeridade terá igualmente de integrar acções directas sobre os rendimentos e património das classes burguesas, sobre as residências sumptuosas e outras manifestacões de ostentação, restrições quantitativas, e nalguns casos até proibição, à importação de bens e serviços não essenciais.

Não existem dúvidas, por outro lado, que terá de ser posta em prática uma política coerente de controlo de evolução global e estrutural dos salários e dos restantes rendimentos. Política que permita a formação do excedente necessário à acumulação e ao crescimento da base material e que possibilite a melhoria das condições de vida dos oprimidos e explorados, em particular os que produzem os bens materiais, de que se destacam naturalmente os camponeses e o proletariado urbano e rural. Política que articule claramente a evolução dos salários com as transferências sociais e assente numa estabilização das principais componentes do custo de vida, principalmente dos bens essenciais de maior consumo.

Porém, os recursos que uma política de austeridade permite economizar só poderão ser orientados para um processo de acumulação que resulte da definição prévia e clara de uma estratégia de transição para o socialismo, sob o controlo operário, discutida, aceite e conduzida pelos trabalhadores.

Nada no discurso do sr. Primeiro-Ministro aponta neste sentido, pelo que o apelo do VI Governo Provisório ao investimento privado e estrangeiro resulta perfeitamente ambíguo. Duros sacrifícios, para quê? Para continuar a exploração, mesmo disfarçada?

Que austeridade deve pedir-se aos pobres?

E os trabalhadores?

3. A experiência ocorrida após o 25 de Abril, e que infelizmente alguns estratos da população identificam com o socialismo, é para o VI Governo, essencialmente desastrosa e o caos económico está próximo. Ignoram-se pura e simplesmente os aspectos positivos económicos e sociais de tal período, em particular após o 11 de Março.

E tudo isto porque «os trabalhadores se perdem em discussões estéreis e têm arruinado as empresas através de reivindicações impossíveis e quebras de produtividade». Perante a ambiguidade de tal expressão, caberá perguntar quem, na verdade, serão os principais responsáveis. Serão os trabalhadores? Mas quem é que tem aguentado as empresas e as explorações agrícolas perante a fuga e sabotagem dos capitalistas e agrários, com largos meses sem receber a justa retribuição? Quem tem evitado uma ruptura brutal nas condições de funcionamento da economia portuguesa? Foi o aparelho de Estado, que no essencial está no 24 de Abril de 1974? Terá sido a social-democracia europeia através dos seus boicotes? Os tecnocratas que também querem fazer a «sua» revolução? O Conselho da Revolução e os Governos Provisórios?

A resposta é simples: foram principalmente os trabalhadores. Como é possível perspectivar o contrário? Quem faz a revolução socialista são os trabalhadores. Como será então possível que os trabalhadores sejam contra a sua revolução? Há aqui efectivamente um equívoco. **É que a burguesia não fez nem nunca fará a revolução socialista, mesmo que se apresente com fraseologia socialista. A burguesia o que sabe fazer é a revolução e a contra-revolução burguesas.**

4. Quanto ao dizer-se que o socialismo poderá ser dentro em breve uma esperança que deixou saudades, não podemos deixar de considerar esta expressão como extremamente infeliz e passível de interpretação perigosas pela direita reaccionária. Não haverá quem aproveite para dizer, como já vem acontecendo: «vejam o que fez o socialismo», a «a social-democracia é que salvará o nosso país». Isto não será objectivamente contra-revolucionário?

A este propósito não deixa de ser curioso assinalar o facto de um número crescente de «personalidades» aparecerem, como bons educadores do proletariado, a pretenderem ensinar o que é, e como se faz a revolução socialista, como se devem fazer os compromissos históricos etc..., assentes não se sabe em que prática ou até mesmo teoria, por muito original que seja.

Convirá explicitar que o que se tem passado no nosso país é algo ainda muito longe do socialismo ou sequer da revoluçao socialista. Apenas após o 11 de Março se deram alguns passos reais na destruição do capitalismo e que podem permitir o arranque para o processo de transição entre o capitalismo e o socialismo, mas que até podem igualmente possibilitar o regresso calmo e planeado ao capitalismo.

5. Quanto à perturbação e desarticulação que uma fase como esta necessariamente implica, parece que se exageram os seus efeitos. O essencial, todavia, residirá no facto de o desactivar do processo de decisão e de funcionamento do sistema capitalista não ter encontrado ainda, em contrapartida, um poder e vontade revolucionários com um projecto digno desse nome, apoiado pelos operários, camponeses e por outras classes desfavorecidas. Poder capaz de decidir e fazer cumprir, e principalmente **de não perder a cabeça perante a realidade,** mas de a controlar e inflectir. Será esta a situação do VI Governo Provisório? Pergunte-se aos operários e camponeses.

A transição para o socialismo far-se-á através das organizações de poder popular, ignorado pelo VI Governo, e de um governo de formação e projecto revolucionários. Até para que a revolução socialista deixe de ser uma palavra e não se pense que os trabalhadores devem lutar essencialmente pelas «suas» empresas e se acredite que a sua luta final é pelo poder político.

Nacional

POR PRESSÃO FRANCESA

Miguel mudou de prisão e pode ser repatriado

Durante 15 minutos, o estudante de biologia luso-francês Miguel Trefaut Urbano Rodrigues, 22 anos, preso em São Paulo durante a última vaga de prisões levadas a cabo pela ditadura brasileira, recebeu a visita de sua mãe, na passada segunda-feira.

Ao que parece, a campanha de solidariedade feita ao redor da sua detenção, e de centenas de brasileiros, começa a apresentar os primeiros resultados.

Miguel Trefaut Urbano Rodrigues, foi preso no passado dia 18 de Outubro e levado para um dos órgãos repressivos mais temidos, o DOI — Divisão de Operações e Investigação, uma reconhecida câmara de tortura, de onde muitos brasileiros já sairam mortos após os interrogatórios. Sabe-se agora que Miguel foi transferido deste organismo, afecto ao Exército, para o DOPS — Delegacia de Ordem Política e Social, sob a responsabilidade da Polícia Política Civil, departamento também conhecido pela violência e desumanidade dos métodos empregados.

A transferência de Miguel dos órgãos repressivos militares para os civis deve-se ao intenso trabalho desenvolvido nos últimos dias pelo Governo francês. Parlamentares, como o deputado por Seine-St. Denis Robert Ballanger, fizeram grande pressão nesse sentido. Ballanger, numa carta enviada ao ministro francês dos Negócios Exteriores, lembrou que «os observadores políticos não escondem que a prisão do jovem estudante de biologia, de nacionalidade luso-francesa, está ligagada à situação de seu pai em Portugal, o jornalista Miguel Urbano Rodrigues, que faz parte do Comité Português Pró-Amnistia Ampla no Brasil».

As próximas tentativas serão para obter a transferência de Miguel para o Presídio do Hipódromo onde, teoricamente, estará mais longe do alcance dos torcionários da Polícia brasileira.

Mas tudo parece encaminhar-se para a repatriação de Miguel para a França, solução que já foi sugerida pelas autoridades diplomáticas daquele país. Entretanto, nas masmorras ficarão milhares de presos políticos brasileiros, e pelo menos, mais dois portugueses: o ex-padre Alípio Cristiano de Freitas e o metalúrgico José Duarte.

Não se tem notícia de qualquer atitude do Governo português junto ao Governo brasileiro, no sentido de prestar uma maior assistência ou exigir a libertação ou o repatriamento desses dois antifascistas, apesar das campanhas já feitas com este objectivo.

P.S. DO CHILE EM LISBOA

FRENTE ÚNICA PARA COMBATER A CONTRA-REVOLUÇÃO

«O processo revolucionário português comove o mundo. A queda do regime fascista originou uma dinâmica que colocou esse acontecimento entre as grandes decisões históricas, ao mesmo tempo que as forças militares e políticas assumiram a tarefa de eliminar os restos do império colonial, de democratizar a vida nacional e extirpar interesses económicos centenários. A atitude das forças revolucionárias excitou o ódio e a fúria dos grupos económicos e políticos desarmados» — assim se lê no primeiro parágrafo da declaração do Partido Socialista do Chile, num documento assinado pelo seu secretário-geral, Carlos Altamirano, que aquele partido político, com um comité em Portugal, nos remeteu.

«A reacção em Portugal e em todo o mundo», salienta o documento, «que durante meio século de terror e de obscurantismo se manteve silenciosa, grita agora pela causa da liberdade e da democracia que ela própria pôs em perigo».

Refere ainda o texto que o Chile passou por essa experiência: reacção a inventar e a gritar perante um perigo que existia e que ela subtilmente fomentava e alimentava. Assinala-se no documento que «a contra-revolução internacional utiliza agora, em Portugal, o mesmo modelo **marca CIA** que usou para a queda do Governo de Allende».

As forças imperialistas e monopolistas tentaram apresentar o Governo de Unidade Popular como «ilegal e antidemocrático» e «criar uma imagem de nação a descambar num caos económico» e na «ditadura fascista».

Já depois de referir que uma tirania cruel e sanguinária destruiu o Estado liberal com 160 anos de exercício democrático, a declaração do PS (do Chile) revela que é seu «dever revolucionário erguer a voz no momento em que a reacção portuguesa passou à ofensiva e se formaram brechas nas frentes progressistas e entre os comandos militares.

«O nosso partido», observa-se em seguida, «vê com cuidado a falta de entendimento entre o Partido Socialista e o Partido Comunista, o que provoca à escala nacional e internacional uma campanha anticomunista para obter a separação entre o povo português e as suas Forças Armadas. No Chile, atitudes sectárias e a falta de uma avaliação exaustiva do perigo contra-revolucionário contribuiram para uma derrota extremamente severa, embora transitória. A reacção conseguiu ganhar partes importantes das camadas médias, influenciadas por uma campanha anticomunista obstinada. Isso passa-se justamente em Portugal, onde a reacção agudiza as desinteligências entre os partidos populares».

Acerca, ainda, do processo revolucionário, acentua-se no documento que «sem a unidade, sem a unidade entre o Partido Socialista e o Partido Comunista, sem a unidade entre o povo e as Forças Armadas, não pode haver fim vitorioso em Portugal para a sua revolução. Apelamos para os socialistas, para os comunistas e para o MFA para terminarem com os seus desacordos e formarem uma frente única destinada a derrotar a contra-revolução».

Rectângulos

Maria Judite de Carvalho

MIGUEL

. No cais, o rapazinho gritou bem alto viva o general Humberto Delgado, e houve um frio. O frio era compreensível, tendo em vista o tempo e o lugar em que decorria o acontecimento. As pessoas olharam decerto com desconfiança para aquela criatura frágil e inquieta que assim gritava por entre a multidão. O rapazinho tinha quatro anos e ia entrar daí a momentos no barco do exílio que o levaria para o grande país da esperança de todos nós, do outro lado do mar. Já não sei quem então mandava nesse país verde, mas era gente de liberdade, pelo menos relativa, gente de se poder respirar livremente e pensar alto e escrever.

Nunca mais vi esse menino, meu sobrinho, agora preso político no Brasil. Entretanto passam dezoito anos e dezoito anos é tempo. A última fotografia sua, via-a neste jornal. Não consigo, no entanto, imaginá-lo no ambiente de pavor para onde o levaram, jovem de vinte e dois anos que pôs de parte (ou que sempre os ignorou), privilégios, egoísmos e lugar ao sol. Um jovem como o são os homens que a seu tempo foram jovens, o que não é tão vulgar como pode parecer à primeira vista. Mas eu recordo-o é menino pequeno, lançando por entre a multidão a sua palavra de ordem.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

EDITAL

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis, Faço saber que Joaquim Pereira Carreira pretende obter armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 9672 litros, sita na Azinhaga dos Cucos Estrada Militar, freguesia da Ameixoeira, concelho e distrito de Lisboa.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadads das entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 30 de Outubro de 1975.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição

Tupamaros apoiam M.P.L.A. e Fretilin

«As forças reaccionárias do imperialismo e neocolonialismo armam os fantoches da UM. N. I. T. A. e da F. N. L. A. para destruir o avanço da luta do povo angolano, que tem no M. P. L. A. a sua única vanguarda e representante. Por mais que seja o poderio militar de que dispõem Holden Roberto e Savimbi, buscados nos arsenais da África do Sul, Zaire, Pentágono e C. I. A., estamos absolutamente seguros de que jamais conseguirão vencer as Forças Armadas do M. P. L. A., pois estas integram nas suas fileiras o povo angolano» — com estas palavras de confiança revolucionária a Junta de Coordenação Revolucionária que engloba o E. R. P. argentino, o M. L. N. (Tupamaros) uruguaio, o M. I. R. chileno e o E. L. N. boliviano, exprime o seu apoio ao povo angolano em luta contra o imperialismo, num comunicado distribuído aos órgãos de Informação.

No mesmo comunicado expressa-se igualmente o «mais completo apoio internacionalista» à Fretilin, que, «depois de expulsar do seu território os reaccionários da Apodeti e da U. D. T. enfrente hoje uma tentativa do M. A. C., que, apoiado e integrado pelos subimperialistas indonésios, procura massacrar e submeter o povo timonense ao mais feroz dos neocolonialismos».

TEMA: ENERGIA

. Na Faculdade de Economia do Porto, realiza-se de 14 a 16 do corrente um Encontro Nacional sobre Política Energética. A iniciativa tem o apoio da Ordem dos Engenheiros (Secção Regional de Lisboa), Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul, Sindicato dos Economistas e Organização dos Trabalhadores Científicos (Secção Sul).

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

ASSEMBLEIAS LOCAIS

CONVOCATÓRIA

Abrangendo: Lisboa, Setúbal, Santarém, Évora, Portalegre e Beja

Convocam-se todos os trabalhadores da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares, para as Assembleias locais abaixo discriminadas com a seguinte

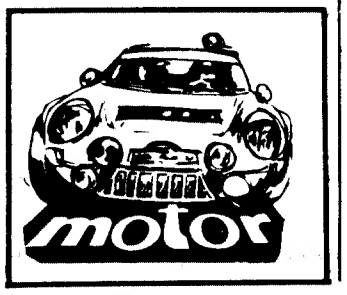
ORDEM DE TRABALHOS

1. Dinamização sindical.
   a) Eleição de Delegados Sindicais.
   b) Criação de uma Delegação local.
2. Infomações.
   a) Contrato Colectivo de Trabalho.
   b) Direitos dos trabalhadores.

Local de realização das Assembleias Locais

Loures	— Restaurante A Horta das Traseiras — Sala	5/11	das 22
V. F. Xira	— Salão do Bombeiros	6/11	23
T. Vedras	— Ex-Sede da Banda Nova	7/11	22
Almada	— Ginásio Clube do Sul R. Carvalho Ferreirinha	8/11	23
C. Caparica	— Salão dos Bombeiros Voluntários	9/11	23
Barreiro	— Barreirense Fut. Clube	10/11	23
Montijo	— Café Portugal	11/11	23

A DIRECÇÃO



RÁDIO MARCONI
R. S. JULIÃO, 128

A PARTIR DE 5/11/75 TODOS OS ASSUNTOS ASSISTIDOS PELO TEL. **364537** PASSAM A SER ATENDIDOS PELO

*** 606325 ***

INFORMA

RÁDIO MARCONI
R. D. LUÍS, 20

- telegramas telefonados 364531
- informações 365551/2
- Pedido de Estafeta 364564
- Relações públicas 364540

DÉCADA DA U.R.S.S.

"O difícil Outono de 75"

A delegação do Azerbaijão (uma das repúblicas socialistas soviéticas da Transcaucásia) que se encontra entre nós para as comemorações da Década da União Soviética integra um grupo de representantes dos círculos culturais daquela República. Entre eles Gassan Abdullaiev, presidente da Academia de Ciencias do Azerbaijão e membro correspondente da Academia de Ciencias da URSS. Deputado também ao Soviete Supremo da mesma República e autor de numerosos e célebres trabalhos de física no domínio dos semicondutores.

«No mundo de hoje o cientista não pode trabalhar isolado» — afirmou a propósito desta viagem a Portugal. «No nosso século, século da Informação, o cientista deve manter contactos permanentes com os seus colegas de outros países. Trata-se de um dos requisitos do progresso técnico e científico. Penso que se devem estabelecer também contactos com os cientistas portugueses. Possuimos uma rica experiência de pesquisas científicas no domínio da geologia, da prospecção, extracção e refinação do petróleo. Nos últimos anos foram amplamente reconhecidos os trabalhos dos físicos azerbaijanos, sobretudo no campo dos semicondutores. Tudo isto poderá servir de base para a nossa cooperação».

O cientista soviético acrescentou ainda que no domínio das relações e troca de experiências com cientistas de outros países, a Academia de Ciências do Azerbaijão mantém contactos científicos com quase todos os países do mundo, sendo muitos cientistas soviéticos membros dos E. U. A., Inglaterra, Checoslováquia, etc. A Academia está também a elaborar um programa de investigação científica a longo prazo, juntamente com os cientistas da República Democrática Alemã, Checoslováquia, Polónia e de outras nações.

Zakhra Kulieva, reitora do Instituto de Medicina Narimanov do Azerbaijão, é doutorada em Medicina. É membro da direcção da Sociedade de Oftalmologistas da URSS e deputada também ao Soviete Supremo da União Soviética.

«Portugal? Que País?» Para mim, nessa pergunta, há a preocupação pelos destinos de um povo que derrubou a ditadura, há um desejo de saber tudo quanto possível, sobre a luta dos portugueses pela democracia e pelo progresso social. Há, enfim, um interesse puramente profissional. Em que situação está a Medicina desta jovem República? Para obter respostas para todas estas perguntas não chegam com certeza dez dias. Mas, é claro, em consequência dos contactos que criaremos em Portugal faremos muitos amigos. Outros encontros haverá. Amizade e compreensão mútua — eis o que deve ser o resultado da Década.

Izet Orudjeva é doutorada em Ciências Técnicas, membro da Academia de Ciências da República. Nos anos 30, quando a mulher azerbaijana apenas começava a integrar-se na construção socialista, ao receber direitos iguais aos homens, Izet participou num filme sobre esse tema. No entanto, não se tornou actriz. A paixão pela ciência venceu.

«Hoje em dia, a maioria dos médicos e professores, e uma parte considerável dos que trabalham na Química, são mulheres. Quase 40 por cento dos deputados do nosso Parlamento são mulheres. Conhecemos as primeiras transformações revolucionárias em Portugal, as conquistas sociais do Povo português, das mulheres portuguesas. É por isso que saudamos a Revolução Portuguesa e declaramos a nossa solidariedade para com ela.»

. Bakhtiar Vagab-Zade é poeta e cientista, doutor em ciências filológicas, muito conhecido no Azerbaijão:

. «Existe um ditado: quando falam os canhões, as musas estão caladas. Sabe-se, contudo, que, quando a Revolução está em curso, os poetas estão nas barricadas. Estou feliz por ter uma oportunidade de visitar Portugal nestes dias agitados e de importância histórica para o seu futuro. Quero encontrar poetas portugueses, quero ouvir a voz da Revolução na música da poesia. Quero levar comigo os versos de Portugal e traduzi-los para o Azerbaijão — e assim contar ao meu povo a luta dos portugueses por uma vida nova. Enfim: contar o dia de hoje em Portugal, neste difícil Outono de 1975.»

SOLDADOS E TRABALHADORES NA LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Numa conferência ontem realizada no Palácio da Independência, sede dos deficientes das Forças Armadas, foi anunciada conjuntamente pelos representantes da Aplied Magnetics, do Ralis e por um desempregado a formação de uma comissão provisória composta pela comissão de trabalhadores da Aplied e por desempregados cuja função será a ligação com comissões de trabalhadores, comissões de moradores e comissões de soldados, para melhor se poder organizar os trabalhadores e os desempregados nos bairros e nas fábricas.

Pretende também esta comissão formar um amplo movimento de solidariedade operária contra o desemprego e criar as ligações necessárias com as comissões de trabalhadores das fábricas em luta.

Um dos objectivos desta comissão é trocar experiências conjuntamente com outros órgãos de Poder Popular a fim de que se avance na luta contra o desemprego, contra os despedimentos e pela criação de postos de trabalho. Não é por acaso que uma das palavras de ordem desta comissão diz que «há que retirar o exército dos desempregados do alcance das mãos dos fascistas!»

É um facto que o desemprego sempre foi uma arma utilizada pelo Capital para melhor poder reprimir e dividir o povo trabalhador. Segundo a comissão «o número de desempregados em Portugal ronda os 400 000 e tende a aumentar, dia a dia, agravando-se ao mesmo tempo as más condições de vida, a fome e a miséria das classes trabalhadoras. O capitalismo atravessa uma grave crise e são aqueles que tudo produzem que sentem os seus efeitos.

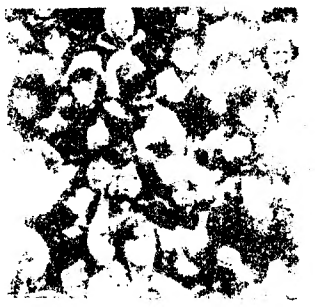
«A existência de desempregados não é prejudicial para os capitalistas, pelo contrário, eles sabem que os desempregados aceitam trabalho com ordenados mais baixos e que os menos conscientes aceitarão fazer parte das milícias do E. L. P. e participar num golpe fascista.»

. Tratou-se ainda nesta conferência de imprensa do problema dos subsídios que muitos desempregados não recebem porque não têm seis meses de caixa.

Efectivamente se uma pessoa trabalha dois períodos de 4 meses por ano não pode receber o subsídio porque não trabalhou seis meses de seguida. Isto enquanto a esposa do gen. Kaúlza de Arriaga recebe por mês, unicamente pelo facto de ser a mulher de um general, a quantia de 27 500$00...

Falou-se também da necessidade da organização de todos os desempregados para que juntamente com os operários e os trabalhadores da cidade e do campo se exija a criação de postos de trabalho, a abertura das fábricas encerradas pelos patrões e a entrega dos latifúndios, na maior parte desocupados, aos assalariados rurais.

Foi anunciada para breve uma «manifestação contra o desemprego que culmine com a ocupação da Aplied e a sua transformação num Centro de Desempregados, onde se encontram todos os trabalhadores em luta pelo direito ao trabalho.»



Ora diga-nos

Conhece a sua comissão de moradores?

Quem anda informado sobre o processo revolucionário português tem-se apercebido de que as organizações populares de base ganharam grande força nas últimas semanas, insuspeita para os cépticos, surpreendente para os reaccionários.

Entre essas organizações estão as Comissões de Moradores. Elas deverão estar a par de problemas dos trabalhadores que residem na sua área e devem tentar resolvê-los. Constituídas por outros trabalhadores que colaboram em regime de voluntariado, nem sempre podem cumprir, com a urgência e a correcção pretendidas a função para que foram criadas. Mas do que não há dúvida é que são autênticas organizações de base, indispensáveis à conquista do poder popular e ao triunfo da Revolução Socialista.

«Bom, eu conheço muito mal a Comissão de Moradores do meu bairro que pertence a Santa Catarina — respondeu Mabília da Silva Santos, funcionária da Câmara Municipal de Lisboa.

— O que posso dizer é que foi muito incorrecta para mim quando ocupei uma casa da CML, devoluta há anos, e lho comuniquei. Quando estava a fazer a ocupação foi lá a PSP que muito delicadamente considerou correcto o meu comportamento, porque como disse, a casa se encontrava devoluta há muitos anos. Mas os senhores da Comissão até usurpadora me chamaram. No entanto, conheço uma senhora das Mercês que diz muito bem da Comissão de Moradores dessa freguesia. Eu penso que as Comissões são uma coisa boa desde que defendam os interesses dos moradores.

«Conheço a minha Comissão de Moradores, que a de Alfragide. — assim começou por dizer Mário Rodrigues, empregado de escritório — Acho que a Comissão tem feito umas coisas engraçadas. Fizeram, por exemplo, jardins, colocaram neles baloiços e outras coisas para os miúdos e sei que têm pugnado por outros interesses dos moradores. Concordo com a existência das Comissões de Moradores desde que sejam apartidárias e não lutem apenas dentro das perspectivas estreitas do seu partido. Se lutarem pelos interesses do povo, penso até que devem ser criadas e ampliadas em todos os bairros».

«Eu não tenho colaborado com a Comissão de Moradores da Quinta dos Lombos, em Carcavelos, onde moro. Por isso não me posso pronunciar muito sobre a sua actividade. Parece-me, no entanto, que ela não tem lutado muito pelos nossos interesses. Mas entendo que quando as Comissões de Moradores funcionam bem, elas não só devem existir em todos os bairros, como devem desdobrar-se noutras Comissões para poderem alargar o seu raio de acção de órgãos populares de base — esta a resposta do trabalhador estudante Orlando Rosa.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular

ESTREIA DIA 7 O SEU FABULOSO ESPECTÁCULO MÉXICO 75
LEÕES, TIGRES CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, ESCADA AÉREA, PERCHISTAS, ASTRONAUTAS em MEIA LUA, OS DIABLOS, ROLA ROLA

DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS — DUAS
E AINDA O MAIOR DA EUROPA
JOSÉ FREIXO
E O SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES ÀS 21,45
QUINTAS E SÁBADOS ÀS 16 HORAS «Matinées»
DOMINGOS 3 ESPECTÁCULOS ÀS 15 H., 18 H. e 21,45 H.

ARQUITECTO, ENG.º CIVIL, DESENHADOR
ORÇAMENTISTA, DESENHADOR,
TOPÓGRAFO
PRECISAM-SE
Resposta A CÂMARA M. DE TORRES NOVAS
URGENTE
Telef. 22037 - 8

Nacional

FURRIÉIS DE TAVIRA CONTRA O E.M.E.

..Reunidos em plenário, os furriéis do C. I. S., Tavira, decidiram, segundo comunicado enviado aos órgãos de Informação, «repudiar energicamente a atitude divisionista e reaccionária do E. M. E. ao mandar passar à disponibilidade compulsivamente turnos que acompanharam o processo revolucionário desde o início, como tentativa de enfraquecer a luta dentro dos quartéis por um Exército revolucionário, enquanto chama para as suas fileiras ex-«comandos», para a força repressiva que é o A. M. I., aliciando-as com ordenados acima do normal.»

..Os furriéis do C. I. S. esclarecem ainda que, «contrariamente a todas as informações que o E. M. E. tem dado, muitas unidades têm manifestado a sua solidariedade, estando a encetar a mesma luta», mais esclarecendo a opinião pública que há duas mensagens daquele Estado-Maior sobre o mesmo assunto: «A primeira mandava passar à disponibilidade, no dia 2 de Dezembro, o 4.º turno de 73 e o 1.º de 74, enquanto que a segunda manda sair no dia 31 de Outubro os 3.º e 4.º turnos de 73, com aviso prévio de nove dias.»

..Por este motivo os furriéis do C. I. S. denunciam publicamente mais esta manobra «que mais uma vez prova a falta de interesse dos órgãos superiores em corresponder aos interesses das bases» e manifestam a sua solidariedade «com todos os militares que nos diversos quartéis do País mantêm a mesma luta, que é uma luta nacional a nível militar». Por último manifestam ainda a sua «inteira confiança no comandante do C. I. S. (Centro de Instrução de Sargentos), o qual desde o primeiro momento nos tem acompanhado na nossa luta».

MEDICINA QUER MATRÍCULAS (JÁ)

. A promulgação imediata de ligislação que contemple a institucionalização do ensino nos hospitais não-escolares; a integração das carreiras assistencial e docente e a obrigatoriedade de prestação de serviços pelos médicos, em regime de tempo completo de seis horas diárias, são algumas das medidas exigidas ao ministro Vítor Alves pelos estudantes de Medicina dos 4.º, 5.º e 6.º anos, reunidos em 30 de Outubro último.

Noutros pontos da proposta aprovada, aqueles cursos da Faculdade de Medicina, depois de exigirem ainda do M.E.I.C. a autorização para que a Reitoria da Universidade de Lisboa proceda à imediata abertura das matrículas do próximo ano lectivo e o imediato reconhecimento do «curriculum» do ano lectivo de 1974/75, informam que avançarão para formas de luta «mais adequadas» caso o ministro «não dê uma resposta clara até ao início da Assembleia Geral de Estudantes marcada para amanhã, dia 4, na Aula Magna.

CIÊNCIAS SOCIAIS

O Conselho Directivo do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, prorrogou, a título excepcional, o prazo para as matrículas nas especializações do 2.º ciclo até ao próximo dia 7 de Novembro., inclusive. Segundo o comunicado que nos enviou o C.D. as «Matrículas estão abertas apenas aos candidatos cuja pré-inscrição teve apreciação favorável por parte do Conselho Directivo».

Saneamentos à esquerda nunca

A política direitista do VI Governo Provisório tem sido alvo de constante e dura contestação por parte dos que, depois de explorados durante 48 anos de fascismo, aspiram legitimamente à construção do socialismo em Portugal. A política direitista tem-se traduzido de modo flagrante por algumas medidas como a dos saneamentos à esquerda, que culminaram com o recente afastamento dos governadores civis progressistas de Lisboa, Faro, Braga e Castelo Branco. Muitos têm sido os protestos, individuais e colectivos, tendo estes vindo, sobretudo, por parte de organizações populares de base.

Nesse sentido, a Comissão de Moradores de Belas, a Comissão Dinamizadora de S. Sebastião da Pedreira, o Conselho de Moradores da Freguesia de Vila Franca de Xira e o povo da Quinta da Lomba lavraram o seu protesto veemente em moções em que se salienta que a medida visa substituir as pessoas afastadas por sociais-democratas e direitistas que entravarão o processo revolucionário. O povo da Quinta da Lomba aprovou ainda uma proposta de repúdio ao VI Governo Provisório, «considerando-o um Governo de direita, disposto a abrir as portas ao regresso do fascismo».

Os Municípios do distrito de Lisboa aprovaram também em reunião intercâmaras uma moção em que condenam «este acto arbitrário e anti-popular acabado de ser disferido contra a democratização e a descentralização da administração local, contra a organização popular e as massas trabalhadoras.

OCUPAÇÕES

As ocupações de propriedades privadas abandonadas têm sido outro dos objectivos das Comissões de Moradores como meio de fazer justica social.

Assim, a intercomissões de Moradores de Gouveia decidiu promover a ocupação imediata das instalações do extinto Grémio dos Industriais para nelas passar a funcionar o Sindicato de Lanifícios que lutava com falta de espaço. Também o Conselho das Comissões de Moradores de Vila Franca de Xira apoia a ocupação de um terreno pelo Ateneu Artístico Vilafranquense, salvaguardando, no entanto que «o terreno e futuras instalações deverão ficar em nome da futura Assembleia Popular de Vila Franca de Xira (onde terão assento todas as colectividades, como todas as outras organizações populares); as instalações a construir devem visar servir não só o Ateneu como também todas as outras organizações populares de Vila Franca de Xira. Exemplo: a Assembleia Popular, as Comissões de Moradores e de Trabalhadores, outras Colectividades Populares, as Associações de Pais, os Sindicatos, etc..

O povo da aldeia de Cótimos — concelho de Trancoso, distrito da Guarda — cansado de esperar promessas que nunca via resolvidas, organizou-se e ocupou uma casa abandonada há mais de vinte anos, propriedade de um grande capitalista do distrito, dr. José Manuel Vilhena. O povo aproveitou a casa para aí instalar um centro social e recreativo, bem como um posto médico. Luta, no entanto, com dificuldades: além do antigo proprietário ter posto o caso em tribunal, os organismos oficiais a que tem recorrido para instalar sobretudo o posto médico dizem que não têm verba, enquanto sofre as perseguições e as ameaças dos caciques e reaccionários da terra.

Nesta situação, a Comissão de Aldeia apela para que todos os trabalhadores, soldados, marinheiros e oficiais progressistas, e pessoas em geral que possam ajudar, enviem a sua colaboração para **Comissão de Aldeia, Casa do Povo, Cótimos, Trancoso.** Ou, então, pelo telefone 44193. Falar com Evélio Soares.

OUTRAS ACTIVIDADES

Os quinze mil residentes na freguesia de Santo André, ao sul do Barreiro, vão dentro de pouco tempo beneficiar de várias iniciativas populares: uma creche na Avenida da Escola dos Fuzileiros Navais, que deverá prestar assistência a 100 crianças; um jardim de infância para 50 crianças; um mercado que ficará instalado num terreno onde deviam erguer-se 12 lotes para habitação, esperando a Comissão de Bairro recuperar um jardim ocupado por vendedores ambulantes, formar uma cooperativa para a qual já tem 300 associados e criar um jardim de infância.

Os moradores da freguesia da Penha de França, reunidos em plenário, decidiram aprovar moções de apoio aos soldados do R.A.S.P. e C.I.C.A.P. (exigindo simultaneamente a dissolução imediata do A.M.I. e a demissão imediata do «brigadeiro fascista» Pires Veloso), aos trabalhadores do «República», Rádio Renascença e «O Setubalense». E (ainda) ao M.P.L.A.

Também os moradores da freguesia de Santa Catarina, reunidos em plenário, decidiram resolver o problema das obras nas suas casas concedendo um prazo de 15 dias ao senhorio e à Câmara Municipal para que as obras sejam feitas. Sendo a resposta negativa, proceder-se-á à avaliação das mesmas, e criar-se-á um Fundo Comunal para realização das obras, deixando imediatamente os inquilinos de pagar renda. Concluidas as obras, o senhorio não poderá aumentar a renda.

A população do Concelho de Loures prepara através de reuniões de moradores e trabalhadores a Assembleia Popular do concelho, a efectuar no próximo dia 9.

A Comissão de Moradores da Freguesia de São João de Deus resolveu divulgar a sua posição acerca do conturbado plenário de moradores realizado no dia 19 do mês passado. Assim, repudiam as manobras partidárias orquestradas da direita «que nada mais visam que a asfixia do Poder Popular e a reinstauração do fascismo»; denunciam veementemente o boicote mantido ao longo de todo o plenário e certas atitudes descaradamente reaccionárias, tais como recusa de aprovação de uma moção de repúdio pela actuação fascista dos Governos espanhol e brasileiro e aprovação de uma proposta eleitoralista, recusando as formas organizativas do Poder Popular.

CONVOCAÇÕES

Um grupo de naturais de Monsanto promove no próximo dia 8, às 21 horas, no Sindicato da Companhia Carris (Calçada do Combro, 38-A, 2.º, esq.), um plenário de monsantinos com a seguinte ordem de trabalhos: «Informação; resolução do problema do forno; e eleição de um representante da comunidade dos monsantinos de Lisboa».

Nacional

EM VENDAS NOVAS

Os S.U.V. organizam-se na E.P.A.

Os S. U. V. (Soldados Unidos Vencerão) anunciaram, através de um documento agora divulgado, a formação dos S. U. V.-E. P. A. (Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas), organização que nasceu aquando da manifestação de 15 de Outubro, em Évora, onde os soldados da E. P. A. se fizeram representar massivamente.

No mesmo documento, é definida a linha de acção dos SUV-EPA, salientando que, prevalecendo os princípios gerais defendidos pelos «Soldados Unidos Vencerão», serão também, e conjuntamente inseridos neles as particularidades da EPA e a região (o Alentejo), onde o recém-formado agrupamento actuará.

Os S. U. V.-E. P. A. definem como principais direcções de luta a defesa intransigente dos direitos e interesses dos soldados (povo fardado) dentro do quartel, nomeadamente:

. Pela melhoria das suas condições de vida; dinamização das estruturas democráticas já existentes e pela criação de novas estruturas autónomas, representativas dos soldados (comissões de soldados, etc.); combate para a abolição da disciplina baseada no R. D. M. fascista e luta por uma disciplina verdadeiramente revolucionária num Exército ao serviço do povo e da Revolução; desmascaramento e saneamento dos militares reaccionários.

Os S. U. V.-E. P. A. declaram ainda o seu apoio incondicional ao avanço da reforma agrária e a todas as formas de luta dos trabalhadores contra as manobras reaccionárias dos agrários e seus lacaios; a sua profunda ligação e apoio incondicional às diversas formas de Poder Popular (comissões de trabalhadores e de moradores, etc.); o combate vigoroso a qualquer tipo de força armada ou militarizada que exerça ou pretenda exercer uma função contra-revolucionária, ou de repressão sobre os trabalhadores e a manutenção e alargamentos dos contactos com as organizações representativas dos soldados e marinheiros e em particular da Região Militar Sul.

ESTA NOITE EM LISBOA

S.U.V. MANIFESTAM-SE

. A fim de exigirem a libertação do camarada Filipe Oliveira os S.U.V. vão manifestar-se hoje, pelas 19.30, junto às instalações do Governo Militar de Lisboa (S. Sebastião da Pedreira), pelo que «apelam para a participação de todos os soldaods e militares progressistas». Os S.U.V. emitiram ontem um comunicado em que se manifestam contra a transferência do aspirante Oliveira do Forte da Trafaria para o presídio militar de Santarém, considerando essa transferência uma «manobra arbitrária para desmobilizar a luta pela libertação do camarada preso». Recorda-se que este militar, preso na Madeira, por se ter recusado a cumprir ordens de actuação cor le consideradas contra-revolucionárias, foi posteriormente transferido para o Forte da Trafaria, de onde os S.U.V. pretendiam libertá-lo na sequência da manifestação marcada para hoje.

DISPONIBILIDADE GERA PROTESTOS NO DESTACAMENTO DE AVEIRO

Considerando terem direito ao pagamento do 13.º mês, em duodécimos, e sublinhando que a sua passagem à disponibilidade não corresponde a um problema económico mas à necessidade da passagem à disponibilidade dos militares que participaram activamente no 25 de Abril e que, de maneira nenhuma estão de acordo com o caminho que a Revolução está a seguir, 10 furriéis e 15 alferes milicianos do Destacamento de Aveiro, passandos à disponibilidade no dia 31 de Outubro enviaram ao chefe do Estado-Maior do Exército um documento em que expressam as suas pretensões e apreensões.

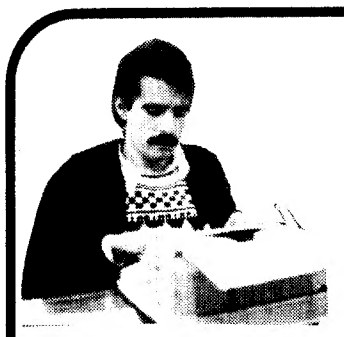
Estes 25 militares do Destacamento de Aveiro, pertencentes ao Regimento de Infantaria de Coimbra, integrados no serviço militar nos 3.º e 4.º turnos de 1973, consideram que, «através dos préstimos dos seus serviços durante o corrente ano, merecem o subsídio a que qualquer funcionário público tem direito» e demonstram que tinham programado as suas actividades para sairem a 15 de Novembro e 2 de Dezembro, respectivamente, considerando-se por isso entre a data de saída e a real, no desemprego.»

Entretanto, anexa ao abaixo-assinado enviado ao chefe do E. M. E., os 25 alferes e furriéis contestam as posições demonstradas pelo comandante do Destacamento de Aveiro, tenente-coronel Alves Moreira. Denunciam que este comandante recusou-se a receber a exposição dos signatários, afirmando que «só receberia exposições individuais, baseadas na reivindicação do 13.º mês». Os militares recordam ainda que esta atitude do tenente-coronel Alves Moreira «se enquadra em toda a sua linha de actuação de há uns tempos a esta parte (recusa de assembleias gerais de unidade, marginalização de militares progressistas, tentativa de impedimento de toda e qualquer tomada de posição colectiva)». Lamentam ainda «a despersonalização demonstrada pelo sr. tenente-coronel Alves Moreira ao recusar a audiência», e apresentam como razão que três dos signatários são conhecidos pelas suas posições que sempre chocaram com a orientação do comandante, classificada de «antidemocrática».

No final da nota, os signatários perguntam: «Qual foi a participação do sr. comandante no 25 de Abril, apesar de ter sido contactado pelo Movimento e como justifica assim toda a evidência de atitudes que vem tomando nestes últimos tempos?»

TRABALHADORES DE BRAÇO DE PRATA CONTRA MANOBRAS

. . Os trabalhadores da Fábrica Militar de Braço de Prata, reunidos em plenário no dia 3 de Novembro, aprovaram uma moção na qual «protestam veementemente contra a realização das manobras militares, para as quais várias organizações progressistas das Forças Armadas têm chamado a atenção, pois pensam que, mais do que manobras, se poderá tratar efectivamente da preparação de um golpe de direita, visando a destruição do processo revolucionário e de todas as conquistas já alcançadas».



O repórter de serviço

RIBEIRO CARDOSO

E VÃO DEZ!

. ... E vão dez. Dez processos. Dez processos ao «Diário de Lisboa». Dez processos ao «DL» postos pelo Ministério da Comunicação Social. O Mário Castrim, apanhou por uma carta aberta não me lembro a quem. Julgo que neste momento está a pensar fechá-la. O Manel Anta, esse, bom, processo no lombo porque falou num cavalo que se procura. Remédio: dizer que já não se procura nada e aquilo não passou de uma brincadeira. O Manel de Azevedo, pumba, dois processos em cima: um por dizer que a panela estava a ferver e outro por afirmar que a lógica é uma batata. A julgar pelo que me segredou agora mesmo ... ele está aqui a espreitar por cima do meu ombro ... anda aflito, pois não consegue deitar água na fervura e por muitas voltas que dê à cabeça não arranja maneira da lógica, mesmo em tempo de revolução, deixar de ser uma batata.

Agora eu, que diabo, eu tenho a tarefa facilitada. Apanhei, indirectamente, com dois processos pela frente: um pelos SUV e outro... pelos SUV. Explico: pelos SUV em Évora e pelos SUV em Coimbra. Para mal dos meus pecados foi-me marcado em agenda esse serviço ... e eu lá fui à terra do Charais e ao reduto do Pezarat para contar o que vi. Mas agora, agora também não me custa nada dar a mão à palmatória: os SUV são uma ficção. Os SUV não existem. Juro: não há SUV. Nem aqui, nem em parte nenhuma. E já que isso pode dar multa e prisa,o, eu retracto-me e digo que quem andou pelas ruas de Coimbra e de Évora a gritar «Reaccionários fora dos quartéis, já!» e «Abaixo o pré de miséria» não eram soldados, não eram S.U.V., mas sim uma corja de malandros que tinha ido à Feira da Ladra comprar os milhares de fardas que um jornal da tarde, sempre bem informado, disse já estarem esgotadas. Aceite as minhas desculpas senhor ministro. Um engano qualquer um tem. E eu ia lá imaginar que os malandros eram capazes de me pregar uma destas!

INTERSINDICAL NACIONAL

R. Victor Cordon, 1, 3.º—Tel. 32 55 67—LISBOA 2

CONVOCATÓRIA

De acordo com o estipulado nos Estatutos convocam-se os Sindicatos e Delegações Sindicais do Distrito de Beja, para um plenário a realizar no próximo dia 20 de Novembro, pelas 21,30 horas, na sede da União dos Sindicatos do Distrito de Beja com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único:

Eleição do Secretariado.

Beja, 5 de Novembro de 1975.

UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE BEJA

motor revista

SINDICATO DOS PROFESSORES

(ZONA DA GRANDE LISBOA)

ENSINO PARTICULAR

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

A CDP vai realizar sessões de esclarecimento sobre o Contrato Colectivo Vertical dos Trabalhadores dos Estabelecimentos do Ensino Particular.

DISTRITO DE SETÚBAL

Sexta-Feira, 7 de Novembro, pelas 18.00 horas no

Ginásio do Liceu de Setúbal

DISTRITO DE SANTARÉM

Quarta-Feira, 5 de Novembro, pelas 18.00 horas na

Sala de Actos do Seminário de Santarém

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

Grande exposição venda

FEIRA POPULAR DE LISBOA

3-16-Novembro

DIAS ÚTEIS 16 H - 23 H

SABADOS, DOMINGOS E FERIADOS 17 H - 23 H

LIVRO SOVIÉTICO

POLITICO - TÉCNICO

ARTISTICO - INFANTIL - FICÇÃO - ETC.

UMA ORGANIZAÇÃO DA «CENTRAL DISTRIBUIDORA LIVREIRA»

EM COLABORAÇÃO COM V/O «MEZHDUNARODNAYA KNIGA» (Moscovo)

BRECHT

POEMAS E CANÇÕES

Versão Portuguesa e Selecção de **Paulo Quintela**

EDIÇÃO da **LIVRARIA ALMEDINA — Coimbra**

Trabalho

NO SÁBADO

PLENÁRIO DAS C.T. DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA

As comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa reunem-se em plenário no próximo sábado, a partir das 9 e 30, no Ginásio da Siderurgia Nacional, numa organização do Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa.

Ordem de Trabalhos: 1.º — Abertura do plenário (análise da situação político-militar, com a presença de todos os elementos das comissões de trabalhadores); 2.º — Discussão dos seguintes temas, por secções de trabalho: controle operário, desemprego, reivindicações, nacionalizações, reforma agrária, organização e coordenação das c.t. e assembleias populares; 3.º — Encerramento do plenário com leitura e aprovação das conclusões de cada uma das secções.

O Secretariado das C.T. da Cintura Industrial de Lisboa apela para que até sábado, se efectuem plenários de trabalhadores, a nível de empresa, e para que as c.t. se façam representar na sua máxima força «de modo a poderem estar presentes em todas as secções de trabalho».

Tendo em conta que o local do encontro apresenta dificuldades de acesso, o Secretariado está a providenciar no sentido de garantir transporte colectivo, contando, para o efeito, com o apoio de autocarros da Carris e da Transul. O local de encontro será na Praça de Espanha entre as 8 e as 8 e 30. Qualquer contacto deverá ser dirigido para a sua sede, na Rua Pascoal de Melo 120-r/c.

Este plenário conta já com a aderência de dezenas e dezenas de comissões de trabalhadores, entre as quais, a Lisnave, a Setenave, a C.U.F. e de outras grandes empresas da cintura industrial de Lisboa.

Entretanto, está a ser distribuído por todas as comissões de trabalhadores o «Manifesto» do Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, divulgado no decorrer da manifestação-comício que se realizou em Lisboa por iniciativa daquele Secretariado e que reuniu milhares de trabalhadores.

Dr. Marcelo Curto (irmão) esclarece o "DL"

Do dr. Orlando Marcelo Curto, irmão do actual secretário de Estado do Trabalho, recebemos o seguinte pedido de esclarecimento de uma notícia e comentário sobre o que se passa na Soformel.

Diz o dr. Orlando Marcelo Curto: «O patrocínio dos interesses da Sopormel estava confiado por duas sócias gerentes. D. Arlete Ferreira e D. Maria Judite Batoque, ao meu escritório quando o irmão do signatário não ocupava ainda aquele cargo.

«Dada a responsabilidade civil e criminal que, no entender do signatário implicava a passagem da credencial referida pelos trabalhadores, foi chamada a atenção do Ministério do Trabalho para a grave ilegalidade praticada por um seu funcionário.

«Se tal credencial não tivesse sido revogada, como foi, o signatário, apesar de irmão do secretário de Estado não teria hesitado em processar a secretaria de Estado e o signatário da credencial pelo acto manifestamente ilegal que fora a passagem da mesma.

«Quanto às acusações contra a entidade patronal a única resposta há-de ser dada pelas conclusões do inquérito em curso».

Eugénio Rosa responde à "Luta"

O vespertino «A Luta» terá de responder a mais um processo judicial, desta vez, requerido pelo dr. Eugénio Rosa, acusado por aquele jornal de ser «um dos contemplados com os envelopes azuis, gratificações que existiam no Ministério do Trabalho».

«Se não fosse a consideração — afirma o dr. Eugénio Rosa — que me merecem os leitores do vosso jornal, nem me daria ao trabalho de responder a esta baixa calúnia, processo este que vem sendo habitual em certos jornais ditos independentes. Paralelamente, vejo também que V/pretende é desacreditar-me perante os trabalhadores, com o objectivo claro de justificar qualquer medida de saneamento à esquerda que porventura possa vir a ser tomada contra mim.

«É mentira que alguma vez eu tenha recebido no Ministério do Trabalho qualquer tipo de 'gratificação de competência' (nem sabia que elas existiam naquele Ministério e muito menos que tinham sido extintas após a tomada de posse do VI Governo como V/pretende insinuar. É também mentira que eu tenha recebido, no Ministério do Trabalho, alguma vez 'envelopes azuis'. Desafio-o, sr. Director a provar publicamente o que escreveu».

Depois de salientar que apesar de dirigir uma Direcção de Serviços o seu salário foi sempre inferior ao de vários funcionários desta mesma direcção, prossegue:

«Saiba senhor director apesar disto poder ser incompreensível para si, que não vim para o Ministério do Trabalho para juntar dinheiro (nos primeiros oito meses até ganhei muito menos do que auferia antes do 25 de Abril), mas sim poque estava convencido (e continuo a estar) que neste posto posso defender melhor do que em qualquer outro lugar, os interesses dos trabalhadores, principalmente das classes mais desfavorecidas».

E conclui o dr. Eugénio Rosa, após informar que vai proceder judicialmente: «Espero que a Polícia Judiciária seja, pelo menos, tão expedita a actuar contra caluniadores, como está a ser contra os legítimos representantes dos trabalhadores metalúrgicos».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO, SUL E ILHAS ADJACENTES E MOAGENS DO CENTRO E SUL

CAMARADAS :

Conforme o decidido na última reunião de delegados sindicais, estão já marcados os seguintes plenários regionais para os trabalhadores dos sectores de MOAGENS, FARINHAS, BOLACHAS, CHOCOLATES, MASSAS ALIMENTÍCIAS, DESCASQUE DE ARROZ e RECONSTRUÇÃO DE PNEUS :

DIA	HORA	LOCAL	MORADA
6/11	19 h	LISBOA	Av. da República, 29
6/11	19 h	ALVERCA	R. César Augusto Gonçalves Ferreira, lote, 11-r/c., Esq.
8/11	16 h	LEIRIA	A indicar pela Delegação
8/11	10 h	BEJA	Fáb. Moinhos St.ª Iria — R. da Lavoura
8/11	10 h	ÉVORA	R. do Raimundo, 48
9/11	10 h	ABRANTES	Clube Desportivo Rossiense
9/11	10 h	ALCÁCER	Salão Nobre da Câmara Municipal de Alcácer do Sal

Estas reuniões terão a seguinte Ordem de Trabalhos :

I — Análise da resposta do Ministério da Base IV da portaria do CCT.

II — Formas de luta a adoptar para que as justas reivindicações dos trabalhadores, por uma avaliação da capacidade económica das empresas segundo a sua facturação, sejam atendidas.

POR UMA CLASSIFICAÇÃO, SEGUNDO A FACTURAÇÃO !
PELA PUBLICAÇÃO DO DECRETO-LEI SOBRE O CONTRÔLE OPERÁRIO !
OS QUÍMICOS UNIDOS VENCERÃO !
A LUTA CONTINUA !

Lisboa, 31/10/75.

A DIRECÇÃO

NOTAS OFICIOSAS

Da Secretaria de Estado da Agricultura recebemos a seguinte nota oficiosa que temos de publicar ao abrigo do art.º 15 da Lei de Imprensa:

Como era de prever, o afastamento do director e subdirector do Centro da Reforma Agrária do Distrito de Portalegre, respectivamente dr. Pedro Hespanha e dr. Raul Domingos Caixinha, que foram transferidos para os serviços centrais do I. R. A., em Lisboa, fez desencadear toda uma série de especulações nos habituais «órgãos de comunicação social», particularmente bem definidos, onde os clamores de «saneamento à esquerda» começam a ser um monótono lugar-comum.

Para que a população, sujeita em grande parte à intoxicante agressão desinformativa desses meios de comunicação, possa ajuizar das razões que motivaram a decisão do Ministério da Agricultura e Pescas, publica-se o presente esclarecimento, inevitavelmente um pouco extenso:

1.º — Vinha o Ministério da Agricultura e Pescas a ter conhecimento de situações anómalas relacionadas com a actividade deste centro: mal-estar interno e elevado número de protestos pelo tipo de actuação dos seus responsáveis.

2.º Para a conveniente avaliação dos problemas existentes, deslocou-se a Elvas, no dia 23 de Outubro, o sr. subsecretário de Estado-adjunto do ministro da Agricultura.

3.º — Foi a partir desta visita que se iniciou um processo de ataques caluniosos a este Ministério, VI Governo Provisório e Forças Armadas.

4.º — Com a data de 29 de Outubro, um «comité» de luta de trabalhadores do Centro da Reforma Agrária do Distrito de Portalegre» publica um «comunicado de convocatória», para esse mesmo dia, de um «plenário de trabalhadores no Centro Regional de Reforma Agrária do Distrito de Portalegre», em Elvas.

5.º — O referido comunicado, a pretexto da «luta a travar contra a burguesia e reaccionários que pretendem travar e reprimir o avanço das classes trabalhadoras», mais não é do que um elo da orquestrada campanha de aleivosias contra o VI Governo em geral e este Ministério em particular.

Nele se afirma, por exemplo que «desde a subida ao Poder do VI Governo» se tem assistido a uma autêntica investida dos «reaccionários e dos latifundiários no distrito de Portalegre e em todo o Alentejo contra a reforma agrária» e que este ataque se faz «através das tentativas do ministro da Agricultura e de sua equipa em dar cabo dos centros regionais de reforma agrária e dos elementos que têm apoiado incondicionalmente os trabalhadores rurais», pela «tentativa das forças reaccionárias internas do C. R. A. para impedir o apoio aos trabalhadores empenhados na reforma agrária», com a «passividade das forças militares locais face à escalada dos latifundiários». Acrescenta-se: «de facto o ministro da Agricultura e a sua equipa têm-se preocupado não em apoiar o avanço da reforma agrária e a destruição dos agrários mas pelo contrário apoiando estes, na recusa descarada ao reconhecimento das expropriações das terras, apresentadas através do conselho regional da reforma agrária». E mais à frente: «assistimos também dentro deste centro, o que acontece em quase todos os outros, por parte de alguns elementos que apoiados no sr. ministro da Agricultura e nas forças reaccionárias locais, tentam impor a sua linha contra-reforma agrária e sanearem os elementos progressistas dos centros, que têm apoiado a luta dos trabalhadores contra os latifundiários.

Perante esta contra-ofensiva, a posição das Forças Armadas tem assumido um papel que tem sido claro: passividade pura e simples face às investidas dos fascistas e suas organizações, como é o caso da Junta de Salvação Agrária, ajudando a criar uma situação de terror, e a possibilidade de abrir as portas ao regresso do fascismo».

6.º — Para este plenário foram mobilizados mais de mil trabalhadores rurais (mas não 6000, como noticiou um conhecido matutino de Lisboa) do distrito, mobilização efectuada por elementos do próprio centro utilizando viaturas dos serviços. A ordem de trabalhos consistia na análise da «política do Governo e do Ministério da Agricultura em relação à reforma agrária e aos centros da reforma agrária», da «situação interna do centro», do «avanço das forças fascistas contra a reforma agrária; e tentativa de lançar os pequenos camponeses contra a luta dos trabalhadores rurais e vice-versa» e da «posição das forças militares e militarizadas em relação à reforma agrária».

7.º — Foram aprovados:

A) «Voto de total incondicional desconfiança ao sr. ministro e à sua equipa ministerial».

B) «Voto de desconfiança aos Comandos das Forças Armadas do nosso distrito».

C) «Saneamento imediato de seis técnicos do centro, com proibição de entrada nas respectivas instalações».

D) «Intimação a todos os outros funcionários a assinarem um documento em que se comprometiam, entre diversas profissões de fé quanto à sua conduta, a dar todo o apoio à direcção do centro:

«...Para isso resolve a assembleia que os referidos trabalhadores deste centro, venham declarar, junto da mesa a sua posição apondo a sua assinatura.

As faltas de comparência sem motivo justificado serão consideradas como alinhamento pelo lado da reacção, excepto aqueles que já se encontram identificados pelos trabalhadores das herdades como reaccionários declarados, sem cura possível».

8.º — O citado «saneamento» foi decidido sem que os interessados fossem ouvidos e pudessem apresentar qualquer defesa. Posteriormente, de cerca de 80 trabalhadores do centro, 54 solidarizaram-se com os colegas atingidos.

Como é óbvio e da mais elementar justiça, este Ministério não reconhece qualquer validade a este género de «saneamento», que se encontra nos antípodas de uma ordem socialista e democrática, em que o respeito pela pessoa humana deve ser fundamental.

9.º — Os drs. Pedro Hespanha e Raul Domingos Caixinha cometeram faltas deontológicas graves e assumiram pesadas responsabilidades quanto ao desenvolvimento de todo o processo descrito:

A) Autorizaram a realização do plenário durante as horas normais de serviço e nele participaram.

B) Permitiram a decisão de «saneamento» nestas condições sem que os visados tivessem possibilidade de apresentar recurso.

C) Se existiam motivos fortes para considerar que os técnicos em causa não serviam a política da reforma agrária, deviam ter apresentado o caso superiormente e proposto medidas a tomar. Não o fazendo, demonstraram incapacidade revolucionária para a responsabilidade dos lugares que desempenhavam.

D) Colaboraram em pressões inadmissíveis sobre os restantes funcionários do centro, métodos estes que em nada ficam a dever aos utilizados pelo fascismo.

E) Não cumpriram o elementar dever de pôr o Ministério ao corrente do que se estava a passar.

10.º — Em qualquer país, sob qualquer regime, actos desta natureza implicariam processo disciplinar, quase certa demissão da função pública ou, porventura, sanções bastantes mais severas. Limitou-se o ministro da Agricultura e Pescas a determinar uma transferência de serviço. Acredita-se que as pessoas possam ultrapassar a sua inexperiência, reconhecer os seus erros e ser recuperados para dar contributo válido à construção de autêntica sociedade socialista em Portugal.

11.º — Este Ministério não tolerará que seus funcionários atropelem as leis revolucionárias que têm por obrigação cumprir e fazer respeitar.

Trabalho

A reacção da Cooperativa

Dirigentes do Sindicato do Comércio de Setúbal que no dia 29 pretendiam efectuar uma reunião com assalariados da Cooperativa de Palmela, foram agredidos à paulada, com o objectivo de evitar que se concretizasse a discussão prevista. Nova reunião que foi marcada para o dia 3, foi de igual modo impedida por mobilização dos pequenos e médios agricultores locais, no intuito de «os lançar contra os assalariados e os seus dirigentes sindicais».

Afirma o Sindicato do Comércio de Setúbal: «Manipulados e enganados pelos grandes agrários e pelos agentes da reacção que querem continuar a perpetuar a exploração dos pequenos agricultores, sob a capa de cooperativista» estes são levados «a lutar contra os assalariados, seus aliados naturais».

Motivo da «luta»: não cumprimento dos ordenados mínimos previstos na lei. Consequências próximas: afastamento de cinco trabalhadores e uma delegada sindical.

O Sindicato empenhado na defesa dos direitos dos assalariados, denunciando esta «falsa cooperativa», exige a sua readmissão e o cumprimento dos ordenados previstos legalmente. Caso contrário, ameaça que mobilizará todos os seus associados e os trabalhadores em geral, para paralisar, quer a nível de distrito, quer a nível nacional, a venda dos vinhos dessa cooperativa.

SINDICATOS, PREVIDÊNCIA E REFORMA AGRÁRIA

Em reunião efectuada em Évora, foi decidido reestruturar a União dos Sindicatos de Évora-Intersindical, em termos de organizar e servir a classe trabalhadora do distrito, enquanto eram discutidas e objecto de propostas, os problemas levantados pela Previdência e Reforma Agrária. Participaram nesta reunião, elementos da União local, do Secretariado Nacional da Intersindical, representações dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas, da Construção Civil, Metalúrgicos, Comércio e Serviços, Rodoviários e delegações dos Sindicatos dos Bancários do Sul, Electricistas e Gráficos.

Alguns pontos aprovados: «necessidade de os trabalhadores se organizarem nos seus locais de trabalho, com vista à discussão dos graves problemas que afectam a Previdência Social; exigir que sejam pagas à Previdência as contribuições dos trabalhadores por parte das empresas que estão em dívida; que se consolide e desenvolva o controlo da Previdência por parte dos trabalhadores através das suas organizações sindicais; que sejam postas ao serviço dos trabalhadores agrícolas as máquinas, cereais e adubos para que se consiga levar por diante um aumento da produção agrícola; que sejam punidos todos os grandes proprietários que até à data não tenham requisitado sementes e adubos com vista ao novo ano agrícola.»

MINEIROS NA MANIFESTAÇÃO

O Sindicato dos Mineiros de Lousa de Valongo e o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito do Porto convidam todos os trabalhadores do seu sector a participarem na manifestação unitária, que se realiza no Porto, amanhã, às 19 e 30, em frente à Câmara Municipal. Uma das suas palavras de ordem: «Operários, camponeses, **mineiros,** soldados, marinheiros, unidos venceremos».

O SANEAMENTO E OS PESCADORES

Um ofício dimanado da Secretaria de Estado das Pescas prevê a reintegração dos trabalhadores suspensos por estarem em curso processos de saneamento, até posterior decisão da Comissão de Saneamento.

Ao tomar conhecimento desse ofício, a secção do Sindicato Livre dos Pescadores de Vila Praia de Âncora protesta veementemente contra a referida determinação, pois só irá dar azo a que se criem tensões de imprevisíveis consequências nos locais de trabalho, virando trabalhadores contra trabalhadores e considera que a manter-se tal decisão, a reintegração de fascistas e quejandos que foram na altura própria sacudidos dos locais de trabalho e dos cargos que ocupavam, a mesma terá por certo consequências muito mais funestas do que as que advêm do afastamento remunerado dos funcionários suspensos».

METALÚRGICOS NA JUDICIÁRIA

Reafirmaram as acusações ao ministro do Trabalho

. Para prestar declarações, estiveram ontem na Polícia Judiciária, os dirigentes da maior parte dos Sindicatos dos Trabalhadores Metalúrgicos do País, prevendo-se que os de Faro, Bragança, Funchal e Guarda compareçam nos próximos dias.

Trata-se do processo instaurado pelo ministro do Trabalho, Tomás Rosa, à direcção da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, acusada de ter considerado publicamente aquele membro do Governo «ao lado dos patrões» e «mentiroso, cobarde, divisionista e contra-revolucionário».

Segundo conseguimos apurar, os dirigentes sindicais são unânimes em manter as acusações contra o ministro Tomás Rosa, assumindo a responsabilidade colectiva por aquelas afirmações que foram proferidas na TV pelo presidente da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos.

«Nós metalúrgicos — recordamos uma das passagens — somos homens de uma só cara, ao contrário do sr. ministrado Trabalho. Por isso, aqui dizemos e diremos em qualquer parte que o ministro do Trabalho é mentiroso, é cobarde, divisionista, contra-revolucionário e está do lado dos patrões».

Depois de justificar cada uma destas acusações, concluiu: «Nas suas declarações, o ministro Tomás Rosa deixou bem clara a sua posição de classe e demonstrou, para quem tivesse dúvidas que está do outro lado da barricada, que está do lado dos patrões contra a classe operária e o povo trabalhador».

METALÚRGICOS EXIGEM

Enquanto os trabalhadores metalúrgicos respondem na Judiciária a um processo instaurado pelo ministro do Trabalho, este mesmo Ministério não consegue fazer com que as entidades patronais cumpram a portaria, que o próprio Ministério considerou «legal».

No sentido de conseguir uma «saída» para o problema, a direcção da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos «exige uma vez mais a esse Ministério que assuma as responsabilidades que lhe cabem no sentido de fazer cumprir o referido diploma legal; exige que esse Ministério mande passar credenciais às Comissões de Trabalhadores e delegados sindicais ou, não as havendo, aos Sindicatos Metalúrgicos conferindo-lhe poderes de executar o pagamento de salários e movimentar as contas bancárias das empresas, dos sócios, administradores e gerentes de todas as empresas em que seja recusado o cumprimento da portaria publicada no Boletim n.º 33 do Ministério do Trabalho e exige que as referidas credenciais sejam subscritas pelo ministro do Trabalho ou pelo secretário da mesma pasta». No caso, salienta ainda o comunicado, de as credenciais serem passadas aos sindicatos, deverão estes proceder ao pagamento de salários e movimentação de contas bancárias depois de ouvidos os trabalhadores da empresa e em colaboração com estes.

E PROTESTAM

A Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, representante de duzentos mil operários, protesta pela suspensão dos trabalhadores, Maria Cecília Ramos e de Álvaro Cameira, membros da Comissão de Saneamento do Ministério das Corporações (Ex-Ministério do Trabalho). Declara ainda a Federação que os trabalhadores metalúrgicos não consentirão em perseguições a trabalhadores metalúrgicos, nem promoções a reaccionários comprometidos com a P. I. D. E., caso Vítor Ferreira e outros».

«Não foi para isto que libertámos o Ministério» — concluí o comunicado que exige «reaccionários fora dos Ministérios».

Como já foi noticiado, os representantes dos Metalúrgicos aguardam uma resposta ao seu pedido para serem recebidos pelo Conselho da Revolução. «Perdida que é a confiança no ministro do Trabalho», os dirigentes metalúrgicos enviaram uma longa exposição ao 1.º Ministro, na qual fazem algumas exigências de actuação imediata por parte do Governo para fazer cumprir a portaria.

Até agora ainda não foram tomadas quaisquer decisões que levem as associações patronais a «pagar os salários».

O Conselho da Revolução decidirá se quer ou não ouvir os trabalhadores. Os metalúrgicos. Cabe a estes, caso isso não aconteça, enveredar por novas formas de luta. Recordamos aqui, que os trabalhadores da Salvador Caetano já conseguiram que a portaria fosse cumprida na empresa. Este foi o 1.º caso. Que a não ser cumprida a portaria «legal» poderá ser um exemplo.

DUARTE FERREIRA EM GREVE

Os trabalhadores da fábrica do Porto da Metalúrgica Duarte Ferreira, S. A. R. L., estão em greve desde as 13 horas de anteontem, em consequência da Comissão Administrativa da empresa (quatro administradores nomeados pelo Estado) não cumprir a portaria do C. C. T. dos metalúrgicos já aprovada e publicada pelo Governo e em vigor em muitas empresas. A fábrica do Porto especializada em fogões e louça esmaltada, essencialmente, emprega 547 pessoas.

Segundo nos informou, esta manhã um elemento da comissão de trabalhadores, estes não transigem enquanto a portaria não for cumprida. Por seu turno, o Sindicato dos Metalúrgicos confirma o direito dos trabalhadores.

NOTA OFICIOSA

Da Secretaria de Estado do Trabalho recebemos uma nota oficiosa que temos de publicar ao abrigo do Decreto-Lei n.º 15 da Lei de Imprensa:

«Para esclarecimento, rectificação e repúdio, do comunicado do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio do Distrito de Lisboa publicado nos dias 30 e 31 de Outubro passado, respectivamente nos jornais «A Capital» e «O Século», o secretário de Estado do Trabalho informa o seguinte:

1.º — No dia 18 de Setembro, não foi enviado nenhum instrumento de regulamentação colectiva de trabalho para publicação.

2.º — No dia 19, só foram enviados 18 contratos, acordos e portarias de regulamentação de trabalho.

3.º — Só a 4 de Setembro se atinge o número de 26 instrumentos foi mandado publicar pelo antrabalho. Nenhum destes contratos, foi mandado publicar pelo anterior ministro do Trabalho por despacho de 18 de Setembro, mas sim por despachos cujo dia limite é 11 de Setembro.

4.º — O Contrato Colectivo de Editores e Livreiros, não foi enviado para publicação, nem no dia 18 nem no dia 19, nem nos seguintes e só no dia 6 de Outubro é enviado ao gabinete do secretário de Estado.

5.º — O Contrato Colectivo de Editores e Livreiros não foi enviabinete do secretário de Estado a 6 de Outubro não o foi para publicação, mas sim para análise de algumas alterações suscitadas pelo sindicato.

6.º — Desde essa data os serviços dependentes da Secretaria de Estado procederam ao estudo das alterações pedidas pelos sindicatos, tendo ainda havido uma adesão ao Contrato Colectivo.

Daqui se conclui serem falsos os factos apontados no comunicado do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio do Distrito de Lisboa, quanto ao envio dos 26 C. C. T.,

Continua na pág. 12

SINDICATO DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONSTRUÇÃO CIVIL EM GREVE

Depois de convocados pelo trabalhador António Albino do Comité de Greve do Sector da Construção Civil da Área de Sines, deslocaram-se àquela vila, à OPCA dois Dirigentes do Sindicato da Construção Civil de Setúbal a fim de explicarem às muitas centenas de Trabalhadores, já em greve, a situação em que se encontram as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho, para a Construção Civil. Depois de explicado o acima referido e lidas as actas das Reuniões efectuadas no Ministério do Trabalho, para o efeito em que participou o senhor Dr. secretário de Estado do Trabalho Francisco Marcelo Curto, devido ao prazo que os Sindicatos deram àquele Ministério para conclusão do referido Contrato.

Depois de tudo isto explicado, aqueles trabalhadores, dizem não às manobras dos Sindicatos, feitas nas costas dos Trabalhadores e exigem que o Sindicato **PUBLIQUE A SEGUINTE MOÇÃO**:

Os Operários da Construção Civil da Área de Sines, avançaram com todas as suas formas de luta pela saída imediata do Contrato Colectivo de Trabalho, avançando e estão dispostos a continuar a luta, mobilizando toda a classe operária e os camponeses da Área de Sines.

Exigindo que os Sindicatos provem que estão ao lado dos trabalhadores, mobilizando-os imediatamente para a luta, pela aprovação imediata do Contrato Colectivo de Trabalho.

Exigem ainda que o Sindicato publique esta Moção, em todos os órgãos de Informação.

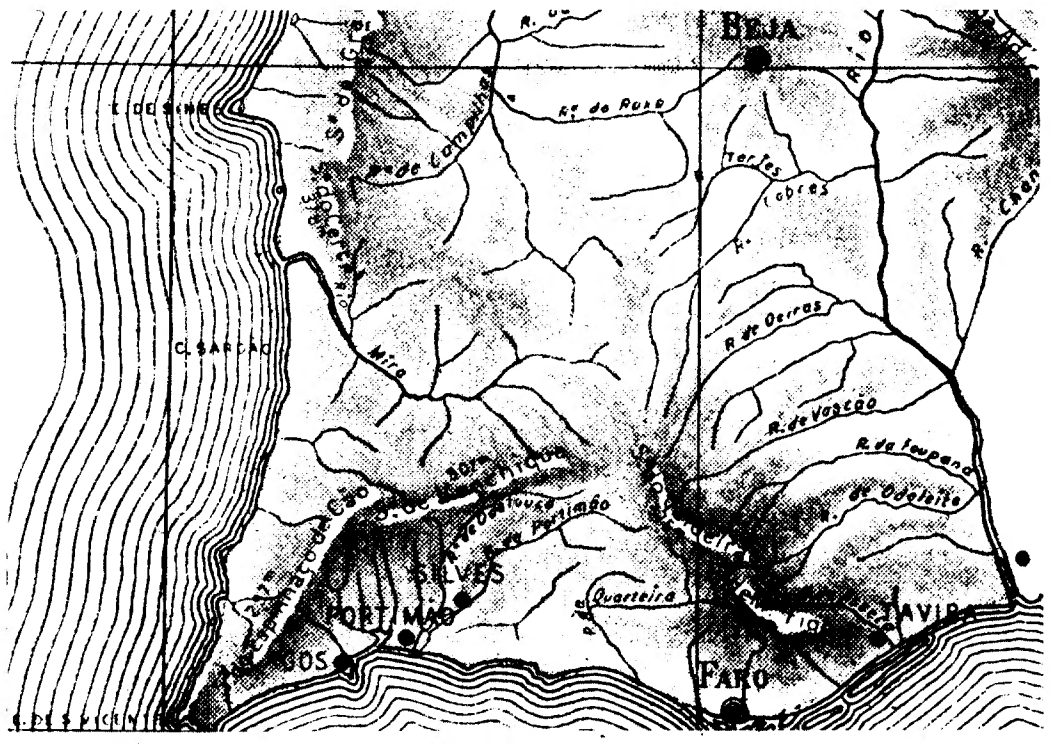
Esta Moção foi aprovada por unanimidade e aclamação pelos trabalhadores das seguintes Firmas:

EMPEC — CONSÓRCIO SUPICO TÂMEGA — A. SUPICO — OPCA — ENCIL — RENÉ TOUZET — C. T. LUZ E ALVES — C. T. CONDOTTE — C. T. A. VEIGA — C. T. A. C.

Setúbal, 3/11/75

A DIRECÇÃO

Nacional


BEJA
Ribeira de Cobres
Ribeira de Oeiras
Ribeira de Vascão
Ribeira de Odeleite
Ribeira de Quarteira
Ribeira de Alcantarilha
Ribeira de Odelouca
Ribeira de Arade
Ribeira de Alcantarilha
Ribeira de Aljezur
Ribeira de Seixe
Ribeira de Carrapateira
Ribeira de Bordeira
Ribeira de Almargem
Ribeira de Alfambras
Ribeira de Alvor
Ribeira de Odiaxere
Ribeira de Boina
Ribeira de Alcantarilha
Ribeira de Algibre
Ribeira de Alcantarilha
Ribeira de Alcantarilha
Ribeira de Alcantarilha

DESCONTENTAMENTO

EITA AVANÇA

Ó RECUA

Por isso, eu lhe digo que se for preciso me ofereço para o A. M. I. porque isto sem ordem nunca mais se endireita. No entanto, há quem diga que isto há-de estabilizar. E vá o País para a esquerda ou para a direita, o turista continuará a vir a Portugal, a estender-se nas praias algarvias, que asseguram têm muitas qualidades.

DEZ MIL EMPREGADOS

— Existem dez mil empregados na indústria hoteleira, só aqui no Algarve — informam-nos no Sindicato respectivo, em Faro. Nós aqui temos um serviço de colocações, e neste momento temos trezentas inscrições. Claro que ninaceita que os empregados fiquem em casa, «de férias», recebendo metade do ordenado.

— É que contam-nos no Hotel de Lagos — há aí unidades onde já não há dinheiro no próximo mês. Por acaso nós ainda vamos tendo, mas nós também ainda nem praticamos a nova tabela salarial. E deixe-me que lhe diga, esse foi outro dos grandes erros: numa altura em que a indústria atravessa esta crise, as tabelas salariais fizeram aumentar os encargos de uma forma verdadeiramente assustadora...

Assim, na maioria dos casos, começa o Estado a suportar os prejuízos provenientes desta crise que avassala todo um sector. É que muitas das empresas que detinham a «propriedade» de hotéis, têm hoje os respectivos prejuízos nacionalizados.

Na verdade, muitos hotéis, restaurantes, etc., eram construídos com empréstimos contraídos à banca. E a banca foi nacionalizada. *Et voilá*.

De contratos também falámos com diversas pessoas. No antigamente do turismo, apareciam bons contratos mesmo para o Inverno: eram os ingleses, os americanos, os escandinavos, que vinham pelo sol, pelo golfe, pelo descanso. Agora...

Bem, no princípio do ano conseguimos um contrato que era bem bom com uma agência inglesa — contam-nos numa unidade hoteleira. Foi conseguido, esse contrato, à custa de conhecimentos pessoais do nosso director, de telefonemas para Londres, sei lá mais quê. Mas veio o 11 de Março...

Mais tarde, situação semelhante: vieram os incidentes no Porto. «Não vamos», disseram os ingleses». Mas venham, que a bronca é no Porto»... Qual quê? Os ingleses foram no seu golfe, mas para a Grécia, onde há mais calma.

A propósito, segundo nos contam, mesmo na Grécia já há muito quem fuja. Parece que se conturba o meio e os turistas não podem ouvir falar em «barulho».

Planeamento, meus amigos, é o que faz falta — contam-nos. Mesmo no turismo português, vêm para aqui tudo durante Julho e Agosto, com preços mais altos, dificuldades de todo o tamanho. E agora, que há sol, que os preços são mais baixos, ninguém... Além disso, se queremos desenvolver laços turísticos com os países de Leste já sabemos que temos de começar depressa. Nos países socialistas, tudo é planeado a prazo e se os queremos para o ano, é preciso começar já.

Uma nota: no Algarve nem os retornados são grande «injecção» para os hotéis e pensões vazios.

Nomeada pelo Governo já se encontra em funcionamento uma Comissão encarregada de centralizar os problemas respeitantes a uma série de empresas que se encontram nacionalizadas. Nessa Comissão, a CAETA, participa um representante do Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira. Mas os problemas que são resolvidos no âmbito desta Comissão, dizem respeito à gestão de empresas em dificuldades, segundo conseguimos apurar.

E o turismo do Algarve precisa de sangue novo. De planeamento que tem de vir «de cima».

— Parece-me que querem a todo o custo matar a nossa indústria — afirma-nos um profissional.

AS CONSERVAS

Também no sector das conservas se aguarda que o Governo dê a mão ao sector, a braços com uma enorme crise no que respeita a exportações das nossas «latas».

Olhe que isto não tem nada a ver com o 25 de Abril — asseguram-nos em diversos locais. A nossa crise já vem de há muito e a origem está principalmente no facto de nós colocarmos os produtos enlatados tradicionais, os espanhóis e os marroquinos...

E porquê esta diferença no preço dos nossos produtos?

As razões são diversas e, actualmente, vão do preço da mão-de-obra (uma mulher ganha 22$10/hora,com garantia de três dias semanais) até ao preço do óleo. Contrariamente ao suposto, asseguram-nos, não é o preço do peixe que influi grandemente (os pescadores coitados até nem têm sido grandemente beneficiados — informam-nos).

Vamos então a contas: as nossas conservas entram na concorrência internacional com um preço superior, em média, de cerca de vinte por cento. Uma caixa de «vazio» — folha de flandres «cenilatas) custam mais 20 escudos em Portugal, do que nos concorrentes. O óleo, cotado internacionalmente em 45$00, é comprado pelos nossos conserveiros a 62$50. De taxa de exportação, paga o produtor cerca de 14$00 por cada caixa que sai do País. Ainda no que respeita à CEE, as nossas conservas são oneradas com uma taxa de 22 por cento, enquanto as marroquinas têm uma taxa de três por cento.

Em contrapartida, os nossos concorrentes têm um prémio de exportação que, segundo nos asseguram em Espanha é de um dólar por caixa que sai.

O argumento velho, de que o nosso produto é de melhor qualidade, já parece não resultar. O comprador no estrangeiro encontra um produto em tudo semelhante ao nosso e a preços mais baixos, o que o leva a optar pelo outro.

Asseguro-lhe que não se trata de boicote nenhum — conta-nos um vendedor de Olhão. Apenas nós vendemos mais caro.

E sobre a campanha que tem sido efectuada à escala nacional, para que aumente o consumo interno de conservas, conta-nos o mesmo vendedor ligado a uma firma exportadora-distribuidora:

Sim, tem dado resultado. Mas só isto não basta. É preciso que se ultrapassem as dificuldades de fundo que têm obstado a uma verdadeira expansão desta indústria. É preciso que se vá mesmo a sério no assunto. E tem de ser o Governo...

E, entretanto, diz-nos um dos recepcionistas do Hotel Lagos, é preciso planificar a indústria para o que temos agora. Há o Leste que, certamente, estará interessado no turismo no nosso País. Há o turismo português, que se for planeado, também dará resultado. Claro que o turismo de luxo terá de ser abandonado, os hotéis e restaurantes deverão funcionar em novos moldes.

Que esperamos?

guém vai conseguir arranjar lugar agora...

A baixa sazonal, na frequência de hotéis, é tão velha como o turimso no Algarve. Mas nunca se atingiu este ponto, em que hotéis como o de Lagos, com capacidade para seiscentas pessoas, com duzentos e cinquenta empregados tem em média vinte hóspedes, neste momento.

Tal situação conduz à prática de um novo tipo de emprego: em certas unidades já se

A NOVIDADE!

carreira universitária que o qualifica como um homem de cultura invulgar.

«Nós, polacos — continua — gostamos do vosso espirito de aventura, creio eu. Mas desconheço a vossa psicologia e posso estar enganado!»

Noutro tom, mas sempre à volta do mesmo tema:

«A literatura brasileira é bastante interessante para nós: Machado de Assis, os clássicos... Vamos a ver».

Sem deixar de ressalvar o ponto mais crucial:

«Na Polónia só queremos traduzir obras de inquestionável valor literário».

OS TRADUTORES

Até 1972 os polacos traduziram cerca de 10 mil títulos literários ocidentais.

O prof. Kurz esboça um sorriso e re-adjectiva:

«Títulos capitalistas...»

Para essa enormidade de versões há uma legião de especialistas do francês, do inglês (surgidos estes sobretudo a partir do pós-guerra), do russo (obrigatório na escola primária, melhor; durante 8 anos de escolaridade), do alemão (a vizinhança, os conflitos...). Caso curioso, o russo não tem na Polónia um grande nivel de ensino: aprende-se para ler, nem sempre com fluência, aprende-se para «desemburrar» o contacto verbal, mas não chega para multiplicar os tradutores.

No caso português talvez venha a verificar-se do interesse crescente pela língua próxima, o espanhol. Foi nos últimos 5 a 7 anos que os escolares de espanhol fizeram a sua aparição em força na Polónia. Influência de quê? De Cuba, do México — argumenta o prof. Kurz.

Completemos este quadro sumário: em Varsóvia já há tradutores das principais línguas indianas, obtidos, se assim se pode dizer, normalmente através de bolsas substanciais.

Portugal irá conhecer o mesmo fenómeno?

«Por mim — defende o editor — estou pronto a acolher em Cracóvia um ou dois jovens escritores portugueses para ali passarem algum tempo».

O ESTREANTE

Como nasce um escirtor na Polónia?

«Nasce» — diria Andrzej Kurz se não fosse uma conversa longa.

Mas explica:

«Nós publicamos estreantes na minha editora. Publicamos menos poesia, claro, e esta a 700, 800 1000 exemplares. Só um poeta bom» (emenda rapidamente, e ri-se: «só um poeta com bom nome») «consegue ir aos vinte mil num volume! Ah, o poeta nacional, Mickiewicz, esse tirou até agora milhões, milhões. Mas estavamos a falar...»

«Do estreante».

«Do estreante. O estreante pode aparecer junto da União dos Escritores, que na Polónia é um organismo forte. A União dos Escritores tem círculos para jovens autores e incrementa a sua publicação. Por outro lado todas as revistas literárias dedicam algum espaço aos novos. E há as organiza.ões juvenis com os seus círculos literários, há concursos...»

«E de vez em quando...»

«Pois é, de vez em quando nasce um escritor!»

De onde conhecemos esta história simples?

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca e Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

Nacional

PINHEIRO DE AZEVEDO ONTEM EM FARO

"Não pode haver divergências sobre o objectivo final"

FARO, 5 (ANOP-DL) — Largos milhares de militantes e simpatizantes do P. S. e do P. P. D. vindos praticamente todos os pontos do Algarve concentraram-se ontem ao fim da tarde em frente do Governo Civil de Faro para saudarem o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, que se deslocou a esta cidade para o que oficialmente se classificou uma visita de trabalho.

O comício traduziu-se fundamentalmente num apoio à pessoa do Primeiro-Ministro e ao VI Governo. Palavras de ordem mais gritadas: «Em frente, sem medo, Pinheiro de Azevedo», «Governo há só um, o VI e mais nenhum» entre outras.

Presentes nas varandas do edifício do Governo Civil, o Primeiro-Ministro, o secretário-geral do P. S., Mário Soares, o secretário-geral do P. P. D., Francisco Sá Carneiro, e ainda os destacados dirigentes do P. S. e do P. P. D., Sottomayor Cardia e Magalhães Mota, este também titular da pasta do Comércio Interno do VI Governo. Via-se ainda o novo governador civil do Algarve, o conhecido militante local do P. S., Almeida Carrapato, que foi, ao longo desta jornada, frequentemente aplaudido.

A massa das duas grandes forças partidárias, a que mais tarde viria a juntar-se um reduzido número de elementos ligados ao P. P. M. (Partido Popular Monárquico) estavam mais ou menos divididas pelos dois lados da praça onde fica situado o edifício do Governo Civil e tentaram mesmo, na altura em que o almirante Pinheiro de Azevedo usava da palavra, demarcar-se entre si gritando palavras de ordem semelhantes mas diferentemente formalizadas. «Assim aparece a força do P. S.», gritava amultidão afecta a este partido. E a multidão do outro lado respondia: «Assim se vê a força do P. P. D.». Outras vezes uma ala gritava: «Carneiro! Carneiro!», enquanto a outra gritava «Soares! Soares!». A pequena representação do P. P. M. passaria despercebida. Ao contrário do que chegou a admitir-se, militantes do C. D. S. não chegaram a comparecer, ou, se compareceram, a sua presença não se manifestou. Em conjunto foram proferidas algumas palavras de ordem: «Vitória! Vitória» e «Unidade! Unidade!». Também a sugestão de «Cunhal para a Sibéria» foi objecto de uma palavra de ordem que a multidão em coro proferiu.

INCIDENTE

Um incidente muito breve. A certa altura irromperam por uma das ruas laterais cerca de meia centena de soldados. Numa breve detenção gritaram «Morte ao A. M. I.» e a sua presença soprou um pouco de inquietação pela multidão de manifestantes.

Salvou a situação o brig. Pezarat Correia, que foi ter com os militares e os demoveu. Na rua a multidão entoava: «Com Pezarat a F. U. R. não passará». Mais tarde o comandante da Região Militar Sul diria aos jornalistas que fora «dar as suas ordens mandando os soldados embora para não perturbarem a manifestação popular que estava a decorrer». Além disso, da multidão sairam diversos «Pss» e «ppds» dispostos a resolver a situação. O incidente não atingiu proporções muito numerosas. Reposta a boa ordem que presidia a sessão, a multidão retomou as suas palavras de ordem num coro: «Vitória! Vitória!» e «A reacção não passará». Mais tarde, e já depois de Pinheiro de Azevedo ter discursado, nas ruas de Faro continuava a ouvir-se «Sá Carneiro! Sá Carneiro!» por um lado e, por outro «Soares! Soares!», não sem que se tivesse cantado em coro o hino nacional e não ainda sem que uma equipa da R. T. P. tivesse sido objecto de provocações por parte de um sem-número de manifestantes que desataram a gritar «Não a falsa informação».

SOARES: «OS PCS»...

Nenhum dos dirigentes partidários presentes proferiram qualquer discurso no decorrer do comício. Registam-se no entanto algumas palavras do secretário-geral do P. S., Mário Soares, a um repórter que lhe perguntou qualquer coisa acerca de uma eventual aproximação P. C. P. - P. S. Soares, apontando as pessoas concentradas na rua, disse: «Veja lá onde eles estão. Onde estão os «pcs»? Aqui não os vejo».

O DISCURSO DE PINHEIRO DE AZEVEDO

No uso da palavra, Pinheiro de Azevedo começou por recordar a sua visita ao Porto, para enquadrar a sua presença em Faro, no contexto dum programa: «contactar as diversas regiões do País e as suas populações»: A seguir falou do Algarve que não interessa, para depois rematar com um «chega de poesia»: Não porque a poesia não seja precisa (a poesia e as revoluções andaram sempre de mãos dadas disse o Primeiro-Ministro mas porque vim aqui para tratar de problemas concretos. Problemas concretos da região do Algarve.»

«Uma das grandes preocupações da Revolução Portuguesa e dos Governos que dela sairam tem sido o problema da descentralização regional — entrou a dizer Pinheiro de Azevedo. Desenvolver este País, passa, entre outras coisas, pela resolução dos problemas de cada região de cada vila, de cada aldeia. Cada região, cada lugarejo tem os seus problemas próprios que não podem ser rigidamente resolvidos à régua e esquadro no Terreiro do Paço.»

Referiu então a criação do Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, enquadrando-a numa política tendente à resolução dos problemas locais. E justificou fundamentalmente a sua presença em Faro: «Como sabem, esse Gabinete funciona na dependência directa do Primeiro-Ministro, através do director do Gabinete, autorizar e orientar, acompanhando-os, os planos dos vários departamentos. Foi para tomar contacto com os planos existentes, com as realizações já em curso e com os projectos de futuras realizações que hoje me desloquei ao Algarve, onde acabo de ter uma reunião de trabalho com o director do Gabinete, arq. Rui Mendes Paulo e com os seus colaboradores.»

«Nessa reunião foi analisado o processo de inserção do Gabinete no contexto regional, apresentando o projecto da futura orgânica do mesmo Gabinete e referidos os seus métodos de actuação.»

Pinheiro de Azevedo enunciou depois as quatro «obras a executar com a maior urgência» que o Gabinete tem planeadas ou que já entraram em fase de concretização.

Noutro passo do seu discurso, o Primeiro-Ministro referir-se-ia à situação política actual em funções dos objectivos finais do processo político que decorre: «O povo português e o M. F. A. escolheram para a Revolução portuguesa, como meta final, o socialismo — disse. — Pode haver, acerca dos caminhos para atingir esse socialismo, opiniões divergentes. Não pode, no entanto, haver opiniões divergentes quanto ao objectivo final: esse objectivo chama-se socialismo, o que quer dizer isto: apropriação dos meios de produção pelas classes trabalhadoras, fim da exploração do homem pelo homem, construção duma sociedade sem classes. É isto que ficou definido no programa de acção política».

Pinheiro de Azevedo terminaria, depois de algumas considerações sobre as tarefas que se põem, citando Miguel Torga numa alusão à paisagem alagarvia: «De mãos dadas, unidas, e sem traições, aqui, nesta règião, algarvia de sol limpo e de espuma salgada, em que a traição não será possível. (...) Miguel Torga: «as figueiras são pequeninas e anãs. Tão pequeninas e anãs que nelas nenhum judas se pode enforcar de remorsos.»

MILITARES E INCIDENTES

Ainda ontem, em Faro, militares distribuiram um comunicado sobre os incidentes que chegaram a perturbar a realização da sessão junto ao Governo Civil. O comunicado é da responsabilidade de soldados do R.I.F. e do C.I.S.T. (de Tavira) e nele pode ler-se uma descrição interpretativa dos acontecimentos.

«Um grupo de mais de uma centena de soldados do R.I.F. e do C.I.S.T. deliberaram estar presentes na alocução do Primeiro-Ministro em Faro, com o objectivo de, como povo que são, exigir melhores condições e demonstrar a sua firme disposição de estarem sempre ao lado do povo» — dizem eles, para a seguir referirem que o seu aparecimento no local se processou dentro da melhor ordem de acordo com deliberação oportunamente tomada.

«No local da alocução, a formação constituída exclusivamente por soldados no activo, ao contrário da insinuação reles posta a circular por provocadores fascistas de que haveria civis fardados ali infiltrados, manteve sempre a mesma posição, bem como uma distância considerada conveniente relativamente à população civil». Gritou, porém, nos intervalos, palavras de ordem: «Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos», «Soldados sempre, sempre ao lado do povo», «Abaixo os prés de miséria», «Os soldados são filhos do povo», «Fora com o A.M.I.» e «Contra o fascismo, ofensiva popular».

«Em consequência, um bando de arruaceiros e provocadores fascistas com bandeiras partidárias, já suficientemente conhecidas do povo de Faro pelas suas actividades contra-revolucionárias, avançou violentamente contra os soldados, tentando impedir pela força que estes se manifestassem, no que foram ajudados pelo brigadeiro Pezarat e pelo ten.-cor. Caniné, novo comandante interino do R.I.F.»

Ainda do texto: «Face à violenta ofensiva dos reaccionários, os soldados recuaram e fizeram-no conscientemente para evitar envolver nas confrontações as massas trabalhadoras que pudessem estar no local».

COMANDANTE DO R I F PEDIU A DEMISSÃO

O tenente-coronel Rebelo de Sousa, comandante do Regimento de Infantaria de Faro, pediu a transferência do lugar que ocupava. Esta decisão foi tomada em face dos acontecimentos registados no passado dia 26 naquela localidade, aquando da ocupação do Governo Civil.

Fontes militares confirmaram à ANOP a transferência de Rebelo de Sousa, tendo revelado que o mesmo já foi substituído interinamente, a partir de ontem, pelo tenente-coronel Caniné.

Entretanto o inquérito aos acontecimentos, que está a ser efectuado por militares do R.I.F. está terminado, não tendo ainda sido divulgado em face do boicote que está a ser feito por alguns militares do quadro permanente daquela unidade.

Comissão Russell para Portugal

LONDRES, 5 — (R.) — O jornalista francês Claude Boudet acusou aqui países europeus de tentarem sabotar a economia portuguesa.

Falando numa conferência de Imprensa destinada a anunciar a criação da Comissão Internacional Russell para Portugal, Bourdet salientou que a intervenção estrangeira poderá levar à queda do socialismo no nosso País.

«A interferência externa em Portugal processa-se precisamente com a mesma subtileza com que foi organizada contra o Chile de Allende» — afirmou Bourdet.

«Há países europeus implicados no processo» — acrescentou, citando como exemplos a recente decisão da C. E. E. de impor uma taxa sobre os têxteis portugueses e as notícias aparecidas na Imprensa americana sobre o recrudescimento das actividades da C. I. A. em Portugal.

«Temos de travá-la, ou pelo menos de denunciá-la» — sublinhou.

Além de Bourdet, figuram entre os membros fundadores da Comissão Russell para Portugal o filósofo americano Noam Chomsky, o geneticista soviético Zhores Medvedev e os políticos franceses Jacques Debu-Bridel e Pierre Hervé.

NO ALGARVE

Militantes de esquerda sob a alçada da G.N.R.

..«Casas de militantes de esquerda têm sido revistadas no Algarve pela G. N. R.» — revelou um militante da F. U. R. à Anop.

..Sublinhou o militante que «a situação político-social agrava-se perigosamente e não é um lugar-comum o dizer-se que as liberdades podem vir a ser ameaçadas».

..Com efeito, «tem acontecido, cada vez com mais frequência, quer os insultos na rua a militantes progressistas, quer mesmo as confrontações físicas como, por exemplo, a revista de casas de militantes de esquerda, por guardas republicanos, ostentando um mandato de busca passado por um juiz».

..Por seu turno, o ex-governador civil de Faro, Ramires Fernandes, activista do M. D. P., manifestou o receio de que a substituição dos governadores civis fosse «a primeira pedra num xadrez que talvez seja alterado por todo o Algarve e que visa a transformação dos centros de decisão em meros porta-vozes das cúpulas do P. S., assim atacando o poder popular, através de interpretações mais ou menos originais, mas que outra coisa não visam do que destruí-lo à partida».

Administração-Geral do Porto de Lisboa

EDITAL

INQUÉRITO ADMINISTRATIVO

Nos termos do n.º 1 do artigo 199.º do Decreto-Lei n.º 48 871, de 19 de Fevereiro de 1969 é, por esta forma, notificada ESCODEL ESTRUTURAS E CONSTRUÇÕES METÁLICAS DESMONTÁVEIS, LD.ª, que teve a sua última sede conhecida na Avenida 5 de Outubro, 269-1.º, em Lisboa, e cujos corpos sociais se ausentaram para parte incerta, na sua qualidade de adjudicatária da empreitada desta Administração-Geral para «CONSTRUÇÃO DE UM TELHEIRO NO POÇO DO BISPO» para, no prazo de vinte dias contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a reclamação apresentada por FOSEL ARMAZÉM DE MATERIAIS TÉCNICOS, LD.ª com sede na Rua do Desterro, 10, igualmente, em Lisboa, no valor de 1 379 277$60, sob pena de não o fazendo a mesma se ter por aceite e deferida.

A documentação que acompanhava a aludida reclamação poderá ser vista nesta mesma Administração - Geral, Serviço de Contencioso, durante as horas normais de expediente.

O Administrador-Delegado, substituto do Presidente do Conselho de Administração

Jorge Luís Sotto-Mayor de Araújo Rego

Ao professor João Cid dos Santos

Homenagem do Sindicato dos Médicos Região Sul

..O Sindicato dos Médicos, Região Sul, presta pública homenagem à memória do professor João Cid dos Santos, figura inesquecível de médico progressista e democrata que, para além da sua actividade científica e docente, desempenhou na Ordem dos Médicos as funções de delegado à Assembleia Geral e de presidente da Assembleia Regional do Sul. Fez parte da Comissão das Carreiras Médicas que elaborou o respectivo relatório, documento notável que marcou o início da luta dos médicos portugueses por um Serviço Nacional de Saúde.

..Com o patrocínio da Ordem dos Médicos, foi o autor de um projecto de reorganização dos hospitais, projecto cuja publicação foi proibida pelo Governo de Salazar.

P.S.P. intervém em conflito com retornados

PORTO, 5 — Forças da P.S.P. carregaram ontem sobre retornados após incidente gerado junto à delegação do Banco de Angola no Porto.

Tudo principiou quando algumas centenas de retornados, que pretendiam trocar escudos angolanos na delegação do Banco de Angola, na Praça D.João I, foram informados que tal operação havia sido adiada. Aliás, foi afixado um aviso de que o câmbio só poderia ser efectuado no aeroporto de Lisboa. Acontece que ontem mesmo tinha sido publicado na Imprensa e anunciado na Rádio que a troca podia ser feita nas delegações do banco, desde ontem e até amanhã. Tal facto serviu para exaltar ainda mais os ânimos dos retornados, principalmente na altura em que as portas do banco foram encerradas. Juntou-se público e, passado algum tempo, a P.S.P. carregou com cacetetes sobre as pessoas.

Entretanto, ao fim da tarde de ontem, a administração do Banco de Angola, em comunicado enviado aos órgãos de Informação, lamentava o sucedido motivado «por razões de controlo rigoroso» e informava que o serviço de troca de escudos angolanos seria retomado a partir de hoje e durante todo o dia de amanhã, na sua delegação do Porto e no aeroporto de Lisboa.

NOTA OFICIOSA

Continuação da pág. 9

quanto à data desse envio, quanto à retirada do C. C. T. de Editores e Livreiros, que como se vê, só agora estava pronto para publicação.

Repudiam-se por mal intencionadas e falsas as afirmações de que o C. C. T. estava retido no gabinete do secretário de Estado de que houvesse intenção de boicotar regalias já conquistadas pelos trabalhadores.

Em tempo oportuno o secretário de Estado demonstrará com factos e números o esforço que tem sido feito por esta Secretaria de Estado e pelo gabinete do secretário de Estado, no sentido de consagrar os direitos e interesses dos trabalhadores para o avanço do processo revolucionário.

Estrangeiro

LUTA NO SARA OCIDENTAL DESMENTIDA EM RABAT

RABAT, 5 (R) — Fontes marroquinas desmentiram hoje que tropas marroquinas estiveram envolvidas em lutas com membros da Frente Polisário do Sara Ocidental ontem e durante o fim-de-semana.

Uma fonte oficial disse que as notícias das lutas emitidas de El Aaiun, capital do território, eram «pura intoxicação» e «completamente falsas».

No domingo passado, o Governo marroquino negou notícias que diziam que forças marroquinas haviam penetrado na extremidade Nordeste do Sara Ocidental para ocupar postos abandonados pelas tropas espanholas.

Mais tarde, Ahmed Osman avistou-se na sede da presidência do Governo com os ministros dos Assuntos Exteriores e do Movimento, respectivamente Pedro Cortina Mauri e Carlos Solis Ruiz, prolongando-se as conversações até ao fim da tarde.

Momentos antes de partir em direcção a Rabat, o primeiro-ministro marroquino declarou aos jornalistas que tinha vindo a Espanha para entregar uma mensagem pessoal do rei Hassan II. para o príncipe de Espanha e que o seu país «compreendeu» o motivo da visita que este último efectuou no passado domingo a El Aaiun, capital do Sara Ocidental.

Referindo-se às conversações mantidas em Madrid com o presidente do Governo espanhol, Osman afirmou que prosseguiam as negociações sobre o território do Sara, e manifestou a esperança de todas as partes envolvidas na questão chegarem a uma solução positiva.

Depois de reafirmar que a «marcha pacífica» em direcção ao Sara Ocidental continuaria e que esta não era dirigida contra o povo espanhol, Osman recusou-se a comentar a atitude argelina relativamente ao problema do Sara dizendo: «Fale-me apenas de Marrocos e da Espanha».

Aparentemente, as autoridades argelinas comunicaram a Marrocos que consideraria «casus belli» qualquer tipo de ocupação do Sara sob administração espanhola por parte do rei Hassan II.

Entretanto, com o objectivo de custear os enormes gastos dispendidos com a organização e desenvolvimento da «marcha pacífica» sobre o Sara Ocidental, o rei Hassan II decidiu adoptar uma série de medidas económicas, segundo revela a agência noticiosa espanhola Efe.

Entre as citadas disposições figuram a de reter compulsivamente entre três a cinco dias de salário de todos os trabalhadores, consoante os vencimentos destes sejam iguais ou superiores ao salário mínimo nacional. Ao mesmo tempo, todos os empresários deveriam abonar uma quota «voluntária» para o mesmo fim.

As empresas particulares às quais foram requisitados pelo Governo camiões para o transporte dos manifestantes deverão elas próprias custear as despesas com a manutenção dos veículos e do respectivo pessoal, os condutores e ajudantes.

De igual modo foi divulgado pela Efe que os hospitais e clínicas das cidades do interior do país mantêm um número reduzido de médicos em serviço, visto as autoridades de Rabat terem ordenado a sua transferência «voluntária» para os postos de assistência médica que acompanham os manifestantes, muitos dos quais teriam sido «voluntariamente» recrutados entre os muitos milhares de trabalhadores desempregados do país.

AHMED OSMAN DEIXOU MADRID

MADRID, 5 (ANOP) — «Nem a marcha pacífica impede as negociações, nem as negociações impedem a realização da marcha pacífica», declarou primeiro-ministro marroquino Ahmed Osman, ao abandonar ontem à tarde a capital espanhola.

Osman, que é cunhado do rei Hassan II de Marrocos, chegou na segunda-feira a Madrid para encetar conversações com o presidente do Governo espanhol, Carlos Arias Navarro, encontrando-se presente o chefe de Estado em exercício, príncipe Juan Carlos.

Militares espanhóis controlam as entradas e saídas de El Aaiun, capital do Sara Ocidental, território que é alvo da «marcha pacífica» organizada pelo rei Hassan II de Marrocos, como forma de impor as suas reivindicações relativamente à última colónia da Espanha em África. Contudo, sob pressão, nomeadamente, da Argélia, o novo chefe do Estado espanhol em exercício, o príncipe Juan Carlos, parece disposto a usar a força a fim de resistir a qualquer intervenção externa que contrarie as disposições da O.N.U. com vista à autodeterminação daquele território

FRANCO AGARRA-SE À VIDA DESESPERADAMENTE

MADRID, 5 (R.) — O generalíssimo Franco agarra-se hoje desesperadamente à vida, mais de 24 horas depois da delicada operação cirúrgica a que foi submetido ao estômago, que até os seus próprios médicos duvidaram que a ela sobrevivesse.

Cirurgiões operaram o ditador, de 82 anos, durante três horas, na segunda-feira à noite, para estancar uma hemorragia maciça no estômago, consequência de uma úlcera gástrica.

As suas casas civil e militar emitiram nove boletins médicos, acontecimento sem precedentes, nas 24 horas que se seguiram à intervenção cirúrgica, dizendo todos que o estado do Caudilho continuava «a ser normal», embora o prognóstico dos médicos fosse extremamente grave.

O último boletim médico, divulgado hoje, de manhã, dizia que Franco passara uma noite sossegada e o seu estado, após a operação, não mudara significativamente.

O generalíssimo encontra-se em estado crítico desde que sofreu o primeiro de uma série de ataques cardíacos, há duas semanas.

A agência noticiosa Europa Press informou que, quando um familiar de Franco perguntou, antes da operação, ao dr. Hidalgo Huerta, o principal cirurgião, as possibilidades de sobrevivência do doente, o médico respondera: «Uma em cem».

O boletim médico mais completo difundido ontem dizia que a pulsação, temperatura e respiração do Caudilho eram normais, após ter passado o efeito da anestesia. Uma comunicação posterior revelava que se tinha registado sintomas de coágulos sanguíneos na coxa esquerda.

O Caudilho passou três semanas numa clínica, em 1974, por causa de coágulos sanguíneos na coxa direita, devido a uma flebite.

O chefe de Estado interino de Espanha, príncipe Juan Carlos visitou ontem, à noite, acompanhado da mulher, a princesa Sofia, o Palácio do Pardo, a residência de Franco, para se informar acerca do estado do doente.

Uma indicação dos problemas internos que Juan Carlos terá de enfrentar, quando se tornar eventualmente chefe de Estado permanente, registou-se ontem quando democratas-cristãos espanhóis afirmaram que a tomada temporária do Poder pelo príncipe revelava «as contradições internas e a decomposição de um regime autocrático».

Os democratas-cristãos difundiram um comunicado identificando-se com outros apelos da oposição para a criação de um sistema multipartidário, após 36 anos de ditadura de Franco.

Pediram a libertação dos presos políticos, plenos direitos humanos, maior autonomia para minorias regionais e a abolição da pena capital.

As duas maiores alianças da oposição em Espanha a Junta Democrática, chefiada pelos comunistas, e a socialista, dominada pela Plataforma Democrática emitiram um apelo conjunto semelhante, no fim da semana.

OFENSIVA DE OUTONO DOS SINDICATOS FRANCESES

PARIS, 5 — (R) — Os sindicatos franceses desencadeiam hoje a sua tradicional ofensiva de Outuno quanto a reivindicações salariais, com greves generalizadas que farão com que não haja carreiras de autocarros, não seja distribuído o correio e o fornecimento da electricidade sofra cortes.

Os primeiros efeitos da acção grevista de dois dias, em apoio de melhores salários e condições de trabalho, serão sentidos pelas multidões que, nas horas de ponta, tentam chegar aos empregos.

A autoridade dos transportes de Paris receia que poucos autocarros deixarão as centrais. No entanto, felizmente para os parisienses, o metropolitano funcionará quase normalmente.

As greves foram pedidas pelas duas principais intersindicais, a C.G.T. e a C.F.D.T., que representam menos de 40 por cento do pessoal do metropolitano.

Entretanto, a greve que desorganizou, durante mais de duas semanas, as carreiras da Air France parece estar perto de uma solução, quando a administração informou que está disposta a dialogar «desde que os sindicatos apresentem uma agenda razoável».

Amanhã, a acção grevista estender-se-á a mais sectores públicos e nacionalizados, enquanto que os ferroviários ameaçaram parar os comboios suburbanos, durante um dia na próxima semana.

COMUNISTAS ESPANHÓIS: 15 POR CENTO DOS VOTOS?

BONA, 5 — (R) — Um alto funcionário do Partido Comunista Espanhol fez uma visita secreta à Alemanha Federal a fim de delinear que política o partido seguirá na sequência da morte do chefe do Estado, Francisco Franco declararam círculos informados.

Esses círculos acrescentaram que Manuel Azecarate, adjunto do secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, Santiago Carrilho, se deslocou a Colónia há duas semanas para discursar perante um grupo privado de académicos e membros de vários partidos políticos, incluindo os sociais-democratas S.P.D. que ocupam o poder.

De acordo com os mesmos círculos Azecarate esboçou os esforços do partido, que tem sede em Paris, para manter uma identidade separada no seu homólogo português que, segundo se disse, está a tentar ocupar o poder em Lisboa pela força.

Falando em inglês, Azecarate afirmou o compromisso dos comunistas espanhóis relativamente a uma democracia multipartidária na Espanha após a morte de Franco.

Numa eleição livre, os comunistas espanhóis obteriam provavelmente cerca de 15 por cento dos votos, segundo Azecarate foi citado como tendo dito.

Caleidoscópio

• BUENOS AIRES, 5 (ANOP) — Perante quatro milhões de telespectadores, a principal figura política da Argentina e dirigente da oposição, Ricardo Balbin, sugeriu a Maria Estela Perón que renuncie à Presidência da República.

A oposição em geral e de acordo com a Imprensa — as Forças Armadas e um sector do peronismo, parecem ter chegado à conclusão de que a solução para a crise generalizada que a Argentina atravessa passa pelo afastamento da presidente.

• LONDRES, 5 — (ANOP) — A nomeação de Elliot Richardson, actual embaixador dos Estados Unidos em Londres, para Ministro do Comércio é o primeiro passo para a sua promoção à candidatura para a vice-presidência, como companheiro de lista de Gerald Ford — anuncia-se em círculos geralmente bem informados de Londres.

Esta posição é considerada ainda mais provável já que o actual vice-presidente, Nelson Rockfeller, anunciara horas antes a sua intenção de não concorrer às eleições presidenciais.

• CUZCO (PERU), 5 — (R) — O presidente Francisco Morales Bermudez desmentiu ontem, à noite, que uma recente remodelação ministerial tivesse dividido as Forças Armadas e pusesse em perigo a Revolução militar peruana.

Num discurso a uma multidão de 100 000 pessoas em Cuzco, no Sul dos Andes, o presidente disse que as mudanças em cargos governamentais e militares eram de carácter puramente institucional e prometeu que a Revolução continuaria a seguir o seu curso.

• NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 5 — (ANOP) — O Egipto e outros países apresentaram nas Nações Unidas uma proposta formal para que a Assembleia Geral desta organização peça a participação da Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.) numa nova conferência de paz de Genebra sobre o Médio Oriente.

O embaixador egípcio Esmat Abdel Megrid apresentou a resolução durante o debate sobre a Palestina efectuado na Assembleia Geral

MÉDICA E DOIS PADRES DETIDOS NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 5 (R.) — O Governo militar do Chile anunciou a noite passada a prisão de dois padres católicos e uma médica britânica sob a acusação de auxiliarem guerrilheiros esquerdistas.

Um comunicado governamental dizia que os três foram presos no sábado em rusgas contra estabelecimentos religiosos.

A cirurgiã britânica Sheila Cassidy foi presa após uma troca de tiros numa casa de repouso dos padres columbianos, uma ordem religiosa católica. Um agente de segurança foi ferido e uma criada morta no tiroteio — dizia o Governo.

O comunicado alegava que a dr.ª Cassidy estava a tratar um elemento ferido do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR), o único grupo armado que resiste activamente à junta militar do Chile.

O Governo afirmava que a dr.ª Cassidy, que se encontra incomunicável desde sábado, forneceu a Nelson Gutierrez, o guerrilheiro ferido, assistência médica no Convento de Nossa Senhora, no centro de Santiago.

Gutierrez foi ferido num recontro recente com forças de segurança em que o segundo comandante do MI.R., Dagoberto Peréz, foi morto — dizia o comunicado.

SACERDOTE MULTADO

PAMPLONA, 5 (R) — O padre Jesus Lezaun, sacerdote de uma paróquia de Pamplona, foi multado em 300 000 pesetas (cerca de 150 contos) por ter proferido um sermão que as autoridades classificaram como um ataque contra a unidade social e política da Espanha.

Um comunicado oficial dizia que o padre Lezaun pregara o sermão, em 5 de Outubro. A predita era «uma recomendação à subversão e uma exaltação do terrorismo».

Fontes bem informadas disseram que o sacerdote baseara o sermão no fuzilamento de cinco guerrilheiros urbanos, em 27 de Setembro.

Espectáculos

O TEATRO SUBSIDIADO EM LUTA

Quem quer fazer tremer o teatro independente?

Conforme o prometido, aqui estamos hoje a contar o que foi a conferência da Imprensa promovida por dez grupos de Teatro independente (Comuna, Bonecreiros, Grupo 4, Cornucópia, Cómicos, Seiva Trupe, Proposta, Teatro Estúdio de Lisboa, Companhia Rafael de Oliveira, e Trabalhadores da Casa da Comédia), ocorrida anteontem no Teatro Vasco Santana, em Lisboa.

Na mesa tomaram lugar representantes de nove destes dez grupos, já que a Seiva Trupe, por estar no Porto, não esteve presente. Da direita para a esquerda: Morais e Castro (Grupo 4), Luzia Maria Martins (TEL), Jorge Silva Melo (Cornucópia), Carmen Santos (Bonecreiros) Carlos Paulo (Comuna) Emília Rosa (Cómicos). Jorge Vale (Trabalhadores do Teatro da Casa da Comédia), Augusto (Proposta) e Canto e Castro (Companhia Rafael de Oliveira).

Morais e Castro leu o primeiro dos três textos, que narrava a história dos grupos de Teatro independente.

Estes grupos defendem que o Teatro, como a Saúde e a Educação, é um serviço público e como tal tem de ser considerado, diria, acrescentando, mais adiante, que uma vez que o Teatro ainda não foi reconhecido oficialmente como serviço público, estes grupos encontram-se na seguinte situação: estão a prestar um serviço público, mas não são um serviço público.

No final: **No momento actual da sociedade portuguesa, o objectivo primordial destes grupos é a sua articulação com os órgãos de Poder Popular nascentes por isso lutam pelo avanço do Poder Popular e experimentam diversificadas formas de colaboração.**

OS SUBSÍDIOS

Na segunda intervenção abordou-se directamente o problema dos subsídios. Luzia Maria Martins leu um texto compacto e exaustivo, elaborado em conjunto pelos trabalhadores destas companhias, no qual se apontam os aspectos negativos e positivos da atribuição de subsídios na época 74/75 e, depois, se focaliza a política de subsídios (in)definida pelo ministro da Comunicação Social para esta época.

Os pontos positivos, segundo o texto lido por Luzia Maria Martins, **provocaram natural expectativa em relação a uma efectiva programação para este novo ano teatral (1975/1976). Essa expectativa foi, porém, uma vez mais, frustrada.** E prosseguiu:

. **Enquanto que noutros países, (num leque que abrange países socialistas e capitalistas) a atribuição de subsídios, além de sistematizada e atenta às necessidades de cada companhia, é feita com um mínimo de 1 ano de antecedência, entre nós, continua a ser feita de molde a não permitir o menor espaço de tempo entre a planificação e a execução de qualquer plano de trabalho. Assim, embora estes grupos tenham apresentado os seus pedidos de subsídio em Julho do corrente ano (de acordo com o que foi estipulado pelo próprio Ministério da Comunicação Social) só foram avisados do despacho referente à atribuição de subsídios no dia 28 de Outubro passado, há 5 dias apenas, isto é, um mês depois da data oficial marcada para a inauguração da nova temporada.**

As companhias subsidiadas foram convocadas, no dia 17 de Outubro, para tomarem conhecimento do parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais. Nesse parecer, se indicava que os subsídios não poderiam atingir um tecto superior a 3.000 contos (mesmo que as propostas de trabalho de alguns grupos excedessem justificadamente aquele montante), e que, dado o desconhecimento da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais da verba do Fundo de Teatro, se tivesse de haver rateio (como no ano anterior), essa redução seria proporcional aos montantes atribuídos.

Depois de reunidos em plenário, deliberaram os trabalhadores que integram estes grupos apresentar ao sr. ministro da Comunicação Social um documento, datado de 20 de Outubro, em que manifestavam a sua recusa de qualquer hipótese de rateio. Tendo em vista, contudo, a carência de receitas do Ministério da Comunicação Social, previstas para perfazer os montantes anuais pedidos e atribuídos pela Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais, os grupos propunham:

a) que nos primeiros seis meses do período consignado fossem dados os subsídios nos montantes mensais por inteiro, conforme o parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais.

b) que entretanto o Ministério da Comunicação Social se obrigaria a envidar todos os esforços no sentido da obtenção de receitas — o que não constitui exigência utópica, dado que a diferença entre a verba prevista para o orçamento anual do Fundo de Teatro e o montante total a ser distribuído por todos os grupos subsidiandos (20) é de cerca de 6 000 000$00.

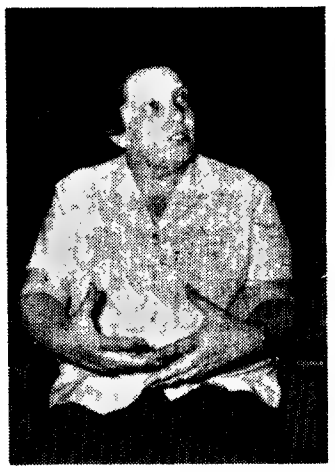
Ainda nesse documento de 20 de Outubro, as companhias sugeriam possíveis medidas de acção, neste capítulo, por parte do Ministério.

No dia 21 de Outubro, a Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais, tendo tomado conhecimento da proposta apresentada e subscrita por estes grupos, manifestou a sua concordância com a mesma em relação à recusa do rateio proposto pelo Ministério.

No dia 24 de Outubro, encontro dos delegados destas Companhias com o director-geral da Acção Cultural, dr. Eduardo Prado Coelho, durante o qual foram informados de que o Ministério da Comunicação Social aprovara em despacho, na generalidade, a proposta dos grupos, quanto ao não-rateio durante os primeiros seis meses, comprometendo-se o Ministério a envidar todos os esforços no sentido de obter receitas de molde a não ter de efectuar qualquer rateio no segundo semestre da presente temporada.

Convocados para o dia 28, no Ministério, os grupos ouviram ler o despacho do ministro, datado de 27, no qual se proclamava a atribuição, a título provisório e precário, dos subsídios atribuídos, durante dois meses (Outubro e Novembro), enquanto o ministro — pressionado pelos protestos de alguns grupos não propostos para subsídio procederia à verificação quanto á idoneidade da Comissão Consultiva para as Actvidades Teatrais na atribuição e distribuição dos subsídios. E uma vez que a actividade da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais levanta dúvidas ao sr. ministro da Comunicação Social também porque não tem conhecimento pessoal dos seus elementos, nem responsabilidade da sua nomeação, conforme afirmação do mesmo, seria criada uma comissão de Revisão, composta por 3 ou 4 elementos da sua inteira confiança pessoal. Nesta reuniao, o sr. ministro da Comunicação Social aventou também a hipótese destes grupos terem representantes na referida Comissão da Revisão dos subsídios, na «situação de advogados do diabo».

Morais e Castro



Luzia Maria Martins

Jorge Silva Melo

UM DESPACHO DESASTROSO

Perante a disparidade verificada entre o parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais e o despacho ministerial, resolveram os trabalhadores que integram estes grupos, em plenário, elaborar um documento, entregue pessoalmente ao ministro da Comunicação Social, no qual manifestavam em termos inequívocos, a sua profunda estranheza pela discrepância entre a informação prestada verbalmente pelo director-geral da Acção Cultural e o despacho ministerial, denunciando o desconhecimento do ministro quanto aos problemas reais da actividade teatral dos grupos independentes, para além das contradições reveladas no referido despacho, embora reconhecendo que o sr. ministro, no seu documento, não ignorava que a manutenção do presente despacho poderá vir a tornar desastrosa a actividade teatral das companhias contempladas devido à frustração de perspectivas criadas e de planos em curso. Nesse documento, sugeriam ainda a revogação imediata do despacho e sua substituição por outro, definitivo, satisfazendo as reivindicações expostas por estes grupos no seu documento de 20 de Outubro.

Este o estado actual da situação em que estes núcleos de produção se encontram. O despacho ministerial, nas suas premissas de carácter provisório, precário e, consequentemente, limitativo de uma acção eficiente ao serviço de um teatro participante, integrado numa dinâmica revolucionária ao serviço do povo, vem colocar estes grupos numa existência ainda mais precária, mais instável planeada de mês a mês! o que representa um retrocesso inadmissível no cômputo geral de pequenas vitórias alcançadas graças a sacrifícios incontáveis da parte dos trabalhadores que integram estas Companhias.

Face aos acontecimentos, decidiram os grupos apresentar ao sr. ministro da Comunicação Social, esta manhã, um documento em que reiteram as decisões expressas nos seus documentos de 20 a 31 de Outubro, respectivamente, e a sua recusa de qualquer participação na proposta Comissão de Revisão dos subsídios (nomeada pessoal e directamente pelo sr. ministro da Comunicação Social) e em qualquer comissão de carácter não deliberativo.

Jorge Silva Melo leria, por último, um texto sobre a **situação das companhias perante o novo ano teatral.**

Denunciando o grave desfazamento entre o parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais e despacho ministerial, que joga na instabilidade económica das companhias, o texto reza, depois, o seguinte:

Entretanto e enquanto se adia toda e qualquer solução estável, o sr. ministro da Comunicação Social, alegando o facto de a Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais ser composta por «pessoas que não conhece» (o problema não é o de representatividade, mas sim o do conhecimento pessoal), reunirá um conselho de pessoas da «sua confiança» com a incumbência de verificar o parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais. O órgão consultivo do Ministério da Comunicação Social é assim ultrapassado por novo órgão cuja única razão é a confiança pessoal do sr. ministro da Comunicação Social.

As diferentes companhias subsidiadas em 1974/75 desenvolveram — inevitavelmente — as suas capacidades de intervenção. Chamadas ao Ministério da Comunicação Social em 17 de Outubro para verificar se aceitavam os termos do parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais em relação à sua actividade, estas companhias aceitaram-no. Entretanto o despacho do sr. ministro da Comunicação Social ignora essa aceitação vindo até revelar as dúvidas do sr. ministro da Comunicação Social quanto a pontos que qualquer companhia considera óbvios como a desigualdade de verbas baseada na desigualdade de projectos. Ao crescimento da capacidade de intervenção das companhias corresponde por parte do Ministério da Comunicação Social uma deterioração brusca das relações companhias/ministério.

É notória no despacho do Ministério da Comunicação Social a ausência de um critério para a definição de uma política cultural — esquecidos até os pontos existentes no parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais que sumariamente tentam esse caminho. As alterações feitas ao parecer da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais não obedecem a uma definição de uma política cultural, mas sim a uma suspeição pessoal.

Consequências dessa actuação:

. Na inexistência de uma política cultural que define o teatro como um serviço público ao serviço da luta das classes exploradas, os grupos de teatro continuam uma situação de marginalização — a prestarem um serviço para o qual não existem as necessárias estruturas e enquadramento.

Os grupos vivem a contradição de recusarem a relação comercial e se verem obrigados a depender de receitas de bilheteira.

Os grupos que depositavam no ano teatral de 75/76 as esperanças de uma temporada intensa, esperanças justificadas pelo trabalho desenvolvido durante o passado ano teatral vêem o início da temporada atrasado, a sua situação económica instável, a total insegurança económica e profissional dos trabalhadores neles integrados, a dificuldade de realizar planos de actividade a longo prazo na provisoriedade que o sr. ministro da Comunicação Social lhes confere, ou seja os grupos verificam a asfixiante dependência económica em que se encontram.

Estes grupos, perante a dependência a que os relega todo este processo, que mais podem antever do seu prolongamento do que a permanente sombra de dominação ideológica?

Uma análise global de todo este processo alertou estes grupos para uma tónica dominante que se não pode deixar de associar à dos mais recentes actos do Ministério da Comunicação Social para com os trabalhadores de actividades dele dependentes e que conduzem sistematicamente à tentativa de colocar esses mesmos trabalhadores em situação «provisória e precária». Não sendo expressas no documento razões semelhantes às que publicamente o Ministério da Comunicação Social tem avançado como justificativas para esses actos, estes grupos verificam que eles não são o reflexo de uma política fundamentada mas antes de uma ideologia. Ideologia que manejando conceitos ambíguos da informação e cultura e sua relação com o social, se objectiva em estruturas económicas tendentes a cortar a segurança dos trabalhadores, colocando as suas liberdades de expressão e dignidade profissional na dependência de circunstancialismos que em última análise pretendem conduzir essa expressão ao reflexo da ideologia que a condiciona, isto é, que o trabalhador se veja obrigado a depender económica e ideologicamente do Governo.

PROSSEGUIR A LUTA

Não aceitaremos que qualquer subsídio seja cortado a qualquer destes grupos, diria Morais e Castro, já no período de perguntas e respostas.

Depois: **A base ideológica que nos une é o antifascismo.**

Quanto ao prosseguimento da luta: **dependerá, no futuro, de cada situação concreta. Vamos começar a trabalhar como se tivessemos o dinheiro que precisamos.**

Muita gente se espanta com o dinheiro que o teatro independente recebe, mas, esse dinheiro dá para pouco mais que os ordenados, que rondam os oito contos de média.

E pronto. A luta dos trabalhadores de teatro independente é esta. A esta posição aderiram, ainda, «O Bando», «A Barraca» e o Teatro Experimental de Cascais. No início da sessão foi lida uma mensagem de solidariedade da «Barraca».

No ar, uma pergunta fica: com que fins se pretende pôr o teatro não comercial em situação precária?

N.G.S.

O "PRAVDA" E O "UNITÁ" ELOGIAM PASOLINI

MOSCOVO, 4 (FP/«DL») — O jornal «Pravda», órgão do Comité Central do Partido Comunista Soviético, resume em poucas palavras na sua edição de hoje as circunstâncias do assassínio de Pier Paolo Pasolini que considera um dos maiores artistas contemporâneos italianos».

«Foi morto tragicamente num bairro pobre da periferia de Roma. O seu assassino é um jovem de 17 anos sem profissão», indica o jornal, sem dar mais pormenores.

«Notam-se muitas contradições na obra de Pasolini — acrescenta o órgão do P.C. soviético — mas nos momentos decisivios esteve sempre do lado das forças democráticas e progressistas do seu pais». E conclui: «O «Unità» (órgão do Partido Comunista Italiano) referiu-se à morte deste brilhante artista como uma tragédia da sociedade em que viveu».

Entretanto, Pelosi, o jovem que assassinou Pasolini, vai ser submetido a novo interrogatório. Amigos do realizador não crêem nas suas palavras e pensam que tenha havido outra causa para a sua morte.

Geral

ENSINO SECUNDÁRIO

ALARGAR O MANIFESTO AO PAÍS

O Secretariado das Intercomissões de luta do Ensino Secundário do distrito de Lisboa reuniu com os órgãos de Informação ontem no Liceu D. Leonor após meia hora de «démarches» para que lhe fosse cedida uma sala que mais não tinha que uma carteira e as recomendações de uma funcionária auxiliar: «Por favor, não deitem muito lixo para o chão».

Foi feito rapidamente um ponto à situação do Ensino Secundário, aos objectivos fundamentais da luta que se começa a desenhar em torno de um manifesto que inicialmente redigido para o distrito de Lisboa poderá vir a ser o ponto comum das reivindicações a nível nacional dos estudantes deste grande ensino. Três temas obrigatórios em princípios do ano lectivo: o início das aulas, a superlotação, o saneamento de professores fascistas.

Sexta-feira passada realizou-se a primeira manifestação deste ano lectivo. Pouca gente, cerca de 800 estudantes, o que não é surpresa para ninguém, nem para o próprio Secretariado das Intercomissões. O primeiro propósito foi atingido: manifestarem-se frente ao M.E.I.C. Quanto ao segundo, serem recebidos por responsáveis daquele Ministério, os estudantes ficaram-se por uma recusa. Formou-se um pequeno aparato policial junto do Ministério, uma comissão subiu ainda ao 13.º andar para falar com o ministro. Não conseguiu. Tentou falar com a Administração Escolar. Também fracassou. O chefe da Polícia haveria de os convidar a abandonar o edifício. No que obedeceram. Com a promessa, porém, que voltariam de novo. Provavelmente para a próxima semana afirma um elemento do Secretariado das Intercomissões de luta.

Entretanto, escolas continuam a abrir em Lisboa. Hoje foram o Liceu Passos Manuel que iniciou o unificado (as aulas para os restantes anos funcionavam já) e o Liceu Gil Vicente; amanhã será a Escola Industrial Fonseca Benevides; dia 12, prevê-se a abertura do Liceu da Amadora a funcionar em três turnos. Aqui a contestação generaliza-se face ao que os estudantes consideram uma medida demagógica. No Barreiro, trabalhadores-estudantes exigem a imediata abertura das escolas «com a respectiva entrada em funcionamento das aulas». Em Alpiarça, os encarregados de educação dos alunos da Escola Secundária «manifestam o seu incondicional apoio à justa luta dos professores que leccionaram no ano transacto pelo direito ao pleno emprego e solidarizam-se, quer a nível local quer a nível nacional, com as formas de luta que as comissões de luta e secretariados dos professores estão a levar a cabo neste momento».

Em Santarém, os estudantes, respectivos encarregados de educação e professores da Escola Industrial e Comercial realizam hoje, às 21 horas, um plenário para que seja posto em prática o início imediato das aulas naquela escola.

I.S.P.A.: A NACIONALIZAÇÃO DESEJADA

Alunos do I.S.P.A. têm desenvolvido ao longo de 12 meses uma luta para que o que foi uma escola «dominada por autoridades eclesiásticas, onde se fazia uma preparação de psicólogos tecnocratas (aplicação de testes, «Psicologia Industrial», «Publicidade», etc.) ao serviço da burguesia» se transforme num autêntico Instituto Superior de Psicologia Aplicada, «aplicada» ao serviço da luta do povo português, «orientada para a sua realidade concreta, definindo campos de actuação de modo a permitir uma intervenção social em campos concretos da saúde mental (hospitais psiquiátricos, clínicas infantis, etc.) e do ensino (escolas, creches, infantários, etc.), na ligação da teoria e da prática pelo apoio às comissões de moradores e trabalhadores na solução destes problemas».

Para tal, torna-se necessária a nacionalização do Instituto, permitindo-se assim o ingresso de mais largas camadas da população. A luta em torno deste objectivo «tem sido entravada por sucessivos boicotes ao longo de 12 meses, tendo atingido uma fase muito próxima de solução em Julho, dado que o M.E.I.C. assumiu o compromisso de uma resposta final, sobre a nacionalização até fins de Setembro».

E o comunicado do Secretariado de Coordenação de Luta para a Nacionalização do I.S.P.A., que estamos a citar, passa a historiar os últimos contactos com o M.E.I.C. e com o departamento de Psicologia da Faculdade de Letras. A respeito dos contactos reiniciados com o M.E.I.C. na base de compromissos assumidos pelo anterior Governo, relata o comunicado: «No entanto e nomeadamente pelas posições assumidas pelo secretário de Estado do Ensino Superior, engenheiro Brotas, que se tem resumido num constante adiamento da resolução do problema através dos mais ardilosos processos burocráticos e que no momento actual já se traduziu por uma recusa em atender as nossas delegações; o M.E.I.C. ainda não tomou uma posição clara face à nossa luta».

Neste entretempo, o «departamento de Psicologia de Letras faz todos os possíveis para criar uma licenciatura em Psicologia a funcionar este ano somente com o 1.º ano (38 alunos), alheando-se totalmente da realidade do I.S.P.A. que tem cerca de 13 anos de ensino de Psicologia e conta actualmente com 1200 alunos e 40 professores com um «curriculum» estruturado, processos de trabalho definidos e organização interna democrática».

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convoca-se o camarada Delegado Sindical para um Plenário a realizar na próxima 4.ª feira, dia 5 de Novembro, pelas 21.00 horas, na VOZ DO OPERÁRIO, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Apresentação dos novos Corpos Gerentes.

2.º — Análise da situação política e reflexos.

a) — Acções a desenvolver.

3.º — Aplicação da portaria.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de Delegado Sindical.

Lisboa, 29 de Outubro de 1975.

A DIRECÇÃO

teatro do bairro alto

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15

teatro da cornucópia

Pequenos Burgueses de Gorki

3.ª a Sábado, 21.15
Domingo às 18.30 h.
Não é permitida a entrada depois do início do espectáculo
Não ac. men. 13 anos

ADÓQUE grupo de teatro

(Ao Martim Moniz)
— Telef. 87 42 80 —

HOJE
NÃO SERVIMOS
A.C.I. DOS CARDEAIS

DESCULPEM
A AUSÊNCIA...
AMANHÃ
às 20.30 e 22.30 horas
★
(Não acons. men. 18 anos)

Hoje

Os Robinsons Suíços

I PROGRAMA

19.00 Abertura e um programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.40 **Das Artes e Ofícios**
20.20 **Vamos Jogar no Totobola** prognósticos para o próximo concurso.
20.30 **Telejornal** 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 Comunicação do secretário de Estado da Administração Escolar.
21.30 **«Lucien Leuwen»** 3.º episódio 2.ª parte com Bruno Garcin e Nicole Jamet. Realização de Claude Autant Lara.
22.00 **A Gente que Nós Somos** um programa apresentado pelo Departamento de Programas Político-Sociais.
22.55 **Cinema Ano II** actualidades cinematográficas. Programa apresentado e realizado por Alfredo Tropa.
23.25 **Telejornal** 3.ª edição
23.40 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada **«Os Robinsons Suíços»**
21.30 **Telejornal** em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.00 **Música, Música!**
22.30 **«Callan»** série de espionagem com alto teor de realismo, e na qual Callan é o espião de bons sentimentos. O actor Edward Woodward é o protagonista.
23.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Lucien Leuwen» (21.30)

II PROGRAMA

Série de Espionagem «Callan» (22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Da Saude e da Vida; **13.00**: Vivendo Futuro — locucão de Gina Esteves; **13.15**: Telejornal — 1.ª edicão; **13.3(** Concerto; **14.00**: Logo à Noite — cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa Porto e da TV; — **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (1.º ano **14.35**: Matemática (2.º ano); **15.00**: Francês (1.º ano); **15.25**: Ciências da Nature za (2.º ano); **15.50**: Educacão Visual (1.º ano); **17.10**: Matemática (1.º ano) **17.35**: Língua Portuguesa (2.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (1.º ano); **18.25** Francês (2.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: Momento Desportivo; **20.00**: Com Todas as Letras **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00** «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; **22.00**: Temas e Problemas. **23.00**: Telejornal — 3.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e série filmada; **21.30**: Telejornal — em diferido a edicão transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.00**: «Serviço Especial» — série policial com George Sewell, Patrick Mower e Paul Eddington; **22.45**: Sabe o que é um Hobby? — apresentação de Rui Ferrão; **23.15**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DE TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONÁUTICA
COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13 B - Rua Macau, 8

Desporto

BENFICA EM BUDAPESTE

...MAS A MELHOR DEFESA AINDA É O ATAQUE

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

BUDAPESTE, 5 — Quando esta minha crónica estiver estampada nas páginas do jornal e o leitor sobre ela se debruçar, já o jogo está a decorrer; em Portugal será ainda dia, mas aqui na Hungria, bem à beira do Danúbio, a noite caiu já e é à luz forte dos holofotes que a esgrima tem lugar.

Está frio em Budapeste: frio que é particularmente sentido por todos quantos (em turismo ou profissionalmente) acompanham os campeões nacionais nesta terceira visita à capital húngara; porque os daqui, os que sentem dia a dia os calores e os frios da cidade, já estão habituados a estas temperaturas. Mas nós não até porque o Verão de S. Martinho é tradição que se respeita aí nesse pedacito de torrão que é onde a Terra acaba e o mar começa.

Por falar em Verão de S. Martinho: Budapeste está vestida das suas melhores galas: não (evidentemente) por causa da visita do Benfica, mas sim porque dentro de dois dias tem aqui lugar uma grandiosa festa: o 7 de Novembro que obriga a feriado nacional para se comemorar mais um aniversário da grande revolução. As ruas estão já embandeiradas, as pessoas sentem já o clima especial desse dia. Alguns jogadores do Benfica lembram-se perfeitamente dessa festa, já que há dois anos o jogo da segunda mão desta segunda eliminatória da Taça dos Campeões Europeus teve lugar (exactamente) nesse dia.

Ontem a comitiva «encarnada» foi treinar ao campo onde o desafio terá lugar: para mim foi uma completa desilusão, pois em vez de aos olhos me surgir um estádio imponente, dei de caras com uma Tapadinha muito mal tratada, sem qualquer espécie de tribuna e com um relvado muito parecido com o do campo do Barreirense...

Nestas condições as dificuldades do Benfica aumentam: os seus jogadores (artistas...) não estão habituados a este tipo de piso e isso pode contar na balança desfavoravelmente.

Todavia, 3 golos de vantagem não deixam de constituir um forte argumento quando se pensa em termos de ultrapassar a barreira número 2 desta edição da Taça dos Campeões.

Talvez a pensar em tudo isto (condições do relvado, campo demasiado pequeno) Mário Wilson pensa em algumas alterações no xadrez da equipa: à hora a que redijo estas simples notas, o treinador mais calmo que já conheci faz balançar dentro de si a hipótese de sacrificar o ataque da sua equipa (retirando o artilheiro-mor desta época chamado Nené) para reforçar o meio-campo: com a entrada de Vítor Martins. Isto o que se pensa que irá suceder, já que à hora a que estou a ser lido, todas as dúvidas tenham sido já resolvidas.

Mas uma coisa me perturba a alma: possuindo Budapeste um estádio excelente, qual a razão porque o Ujpest prefere jogar naquela «Tapadinha» com piso de D. Manuel de Melo?

A resposta foi-me dada por um adepto da Dozda: o seu clube prefere actuar no seu próprio campo, pois foi nesse cenário que conquistou as grandes vitórias da sua história. E é assim que os jogadores do Benfica não vão pisar a mesma relva que os seus conhecidos do Sporting pisaram há precisamente 15 dias...

NADA DE FUTEBOL

Mas, não falemos exclusivamente de futebol, neste país em que poisamos pela segunda vez. Budapeste, capital da Hungria, conta cerca de dois milhões de habitantes, aí se incluíndo eslavos, alemães, romenos, e, evidentemente, uma esmagadora superioridade de hungaros, como obviamente seria de esperar. Budapeste é formada por duas ilhas e dois blocos citadinos. As ilhas de Santa Margarida (gárrula e atraente) e uma outra, mais esfíngica, quase apenas composta por espaços verdes e uma ampla zona industrial. As duas partes da cidade, ligadas por pontes fixas em pilares de pedra, são Buda (O Buda O Alt Ofen) e Peste. Entre elas, o sumptuoso Danúbio das valsas e das melodias ao luar, «culpado» graúdo de peças musicais inesquecíveis e de romances de delicioso sabor a amor proibido.

É altura de diferenciar Buda, de Peste. A primeira, é o ponto-sede da governação hungara, a base dos seus tentáculos administrativos e culturais, com muitos museus e diversos edifícios públicos, qual deles o de mais requintada arquitectura. Peste, por seu turno, em plano mais baixo que Buda, serve de zona comercial por excelência: e, em seu redor se concentra a cintura industrial. É o ponto mais divertido da cidade: que conta uma vida nocturna intensa e animada, com os «forints» (valor próximo do escudo) a escoarem-se de mão para mão.

A religião dominante, na Hungria, é o catolicismo. Mas, as igrejas de outras religiões também são numerosas, numa prova de respeito mútuo pelas crenças do mortal cidadão. Destaque, especial, para a beleza arquitectónica da Igreja de S. Matias e da Basílica de Leopolstadt, como para o Palácio da Justiça ou o Castelo Real, onde as lendas se misturam, em porção semelhante, à verdade escondida por detrás de pedras centenárias.

A Hungria tem largas fontes de riqueza: mas, não andaremos longe se dissermos que é o afluxo de petróleo existente no seu subsolo que lhe proporciona desafogo financeiro verdadeiramente agradável. Em Budapeste (conta-nos, durante a viagem pela dupla cidade) há proliferação de certos negócios que favorecem bons lucros: os medicamentos farmacêuticos)na razão directa de uma Química muito desenvolvida), as alfaias agrícolas, o papel (que falta faz aí, para a Imprensa...), o cimento, o tabaco, a porcelana e o vidro, todos de renome mundial. O nível de vida é (pelo menos para os olhos do visitante) desafogado e sem problemas: assim pudessemos nós, em Portugal, estar situados na mesma bolsa do deve-haver...

Só mais pormenores fora do chuto: Buda começou como colónia romana (Aquincum) passando a capital do reino magiar em meados do século nono. Peste tem a sua origem numa família de ismaelitas, de ascendência bulgaro-germânica e de larga prospensão comercial. Por aqui desfilaram hostes de bárbaros, tártaros e mongóis que tudo espezinharam. Mais tarde, vieram os turcos e or romenos, todos com ideias beliciosas e sangue a ferver. Há coisa de 30 anos, tropas soviéticas entraram pela porta: a 24 de Novembro de 1956, a resistência ao seu poderio terminou, com muito sangue e alguma controvérsia até à modernidade.

Falando do Danúbio: alonga-se por 2800 quilómetros, liga a Floresta Negra ao Mar Negro e traça territórios da Alemanha Oriental, Áustria, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, Bulgária, Roménia e URSS. É fronteira a partir das terras austríacas e tem afluentes que se espalham (como tentáculos) por boa parte da Europa. A caça abunda nas margens deste imponente rio onde a pesca é frutuosa.

Nos museus de Budapeste (indica-nos o guia da «Mercury») há imagens que retratam pedaços da história do Danúbio: desde que os primeiros homens por ele penetraram até aos nossos dias, com detalhes especiais para peças de cerâmicas que os devassadores do Danúbio modelaram (cerca de 2500 AC) em que se foca, predominantemente, o culto do prolongamento de vida. A fecundidade, como se nota (explicam-me) em órgãos sexuais que foram motivo para peças cerâmicas que pervaleceram através dos tempos. Mas, não só, essa admiração foi tema para os habitantes passados das margens do Danúbio: desde longos vasos até anforas esbeltas, de tudo são vasto repositórios as galerias de arte de Budapeste, ponto de estudo obrigatório para quem tenha tempo para estudar a arte antiga e não venha aqui com a missão, fundamental, de relatar para amigos leitores o dia-a-dia de uma equipa desportiva portuguesa em competição com outra turma de emblema magiar.

Voltemos, portanto, ao futebol. Com pena que os praticantes desse belo espectáculo trilhem mundos, devassem ares e ventos, poisem o pé em dezenas de capitais: e de tudo onde passaram apenas recordem, para netos ou noutros vindouros, os aeroportos, as portarias e piscinas de hotéis, um ou outro bar, meia dúzia de estradas ou cinco quarteirões onde, de fugida, compraram um «souvenir» para trazer às namoradas. Que bom seria, nesta época de renovação de ideias e conceitos, que fosse facultada a qualquer caravana desportiva vinda de longes terras a possibilidade, como o Benfica a adoptou desta feita (e, tal e qual como sucedeu há poucas semans em Malta, com a comitiva do Sporting) de se inocular, em rapazes oriundos de diferentes estratos sociais, um pouco de amor pelo estudo e pela cultura. Que nunca fizeram mal em nenhuma bagagem: ainda que da posse de pequenos e ilusórios milionários.

A "MERCURY" ACOMPANHA O BENFICA NA HUNGRIA

O Vasas à chegada a Lisboa

CONFIAR É O VERBO

SPORTING, PORTO E BOAVISTA: AINDA TUDO É POSSÍVEL...

Logo ainda tudo vai ser possivel: apenas e só porque ainda faltam jogar os 90 minutos complementares desta segunda eliminatória dos torneios da UEFA.

Em Glasgow marcará incógnita grande: o nulo absoluto cavado pelo Celtic no Bessa há 15 dias, atirou para cima dos estreantes portugueses nestas andanças, uma responsabilidade muito grande. É certo que um 0-0 numa primeira mão numa prova com o regulamento da Taça das Taças, beneficia mais o clube que visita na segunda mão do que aquele que foi visitante na primeira. E tudo por causa dessa história dos golos fora valerem por dois, quando há igualdade nos golos obtidos. Daí pensar-se que o Boavista não esgotou ainda as suas possibilidades: em Glasgow, um empate com golos satisfaz plenamente o desejo dos axadrezados. Pedroto sabe disso e saberá também como lançar no terreno o antidoto para matar o ímpeto com que todos esperam o Celtic entre em campo.

Também o Sporting pode confiar: não terá Juca os mesmos problemas de Pedroto para formar o «onze» inicial, mas terá outra barreira a ultrapassar. Derrotado em Budapeste por 1-3, o Sporting necessitará de triunfar em Lisboa por dois golos de diferença, desde que não sofra qualquer. E por 3 tentos de diferença se vier a sofrer algum tento.

Ora o Sporting vem num crescendo de forma que poucos acreditavam ser possivel em tão curto espaço de tempo: daí se imaginar que a turma de Alvalade, apoiada pelo seu público consiga passar neste exame e qualificar-se para a eliminatória seguinte.

Resta-nos o F. C. do Porto: que logo descerá às Antas com uma vantagem de um golo conquistada no jogo disputado no campo do seu adversário. Quando foi o sorteio que lhe ditou o Dundee como parceiro desta segunda eliminatória da Taça EUFA, muitos foram os que logo prognosticaram eliminação à vista. Agora, cumprida a primeira parte da eliminatória, é curioso verificar-se que o Porto é o que mais facilitada tarefa tem pela frente...

Mas (o aviso aqui fica) tudo ainda poderá acontecer: pelo que será de esperar que Cubillas e seus pares não se sintam desde já senhores da eliminatória. Têm todos exemplo recente de quão é nefasta a festa fora de horas: o campeonato do ano passado. Que a memória dos homens do Porto não seja fraca, é tudo quanto se deseja: porque seria bonito continuarmos com quatro representantes nas provas futebolistas desta velha Europa...

Boletim Boletim Boletim Bo

OPINIÃO

António Medeiros, treinador do Estoril, fala de um pupilo:

Norberto reuniria todas as condições para ser, realmente, o melhor «ponta-de-lança» do futebol português, se o seu corpo fosse constituído só até ao pescoço. A partir do momento em que ele tem cabeça e pensa mal, pois não o faz como um verdadeiro profissional, eu terei, na verdade, impossibilidade de realizar uma coisa que seria bastante fácil.

PERGUNTAS

Quando é que o árbitro António Garrido é indemnizado (com um novo veículo) do saque e incêndio que sofreu em Guimarães?

Sem ousar beliscar quem quer que seja, vale a pena indagar se uma colectividade popular de Lisboa (o Palmeiras) teria conseguido o concurso dos tenistas de mesa José Alvoeiro e Ivanoel Moreira sem despender um centavo. Foi não?

Alguém sabe quando é oficializada a Sociedade de Construção e Planeamento, idealizada pelo Sporting e (agora, mais que nunca) capaz de criar inúmeros postos de trabalho para os desempregados lisboetas?

Quando será que os bares do Estádio da Tapadinha, além do que já fornecem (bebidas alcoólicas) passam a vender, igualmente, águas minerais, sandes e cafés?

A propósito de campeonatos nacionais de futebol: quantos clubes descem e quantos sobem, em cada divisão? Alguém estará à espera das Calendas para, analisando a lista de aflitos (ou interessados) agir, depois, pelo seguro?

O compromisso do treinador Janos Hrotko com a equipa de futebol do Leixões é a curto prazo: foi por um mês, como se estivesse à experiência. Agora (diz-se...) será prorrogado por mais 30 ou 45 dias. O que diz a isto o esclarecido Sindicato dos Treinadores de Futebol? É legal a situação?

RARIDADES

O Governo peruano conferirá os «lauréis desportivos» à selecção nacional de futebol que conquistou, pela segunda vez no seu historial, o titulo de campeão sul-americano. Serão, também, conferidas condecorações especiais aos jogadores Teofilo Cubillas e Percy Rojas «pelas salientes actuações e grande amor à pátria, este demonstrado nas viagens continuas para defender as cores nacionais».

Cubillas está ao serviço do F.C. doporto e Rojas milita no Independiente, de Buenos Aires.

Ao «mestre» de karate» Tom Slaven, de 35 anos, (um «cinturão negro») doía-lhe um pouco a mão direita, apos proclamar um novo recorde mundial, por ter partido 4487 tijolos de construção civil apenas numa hora, facto ocorrido em Sydney). Slaven, que protegeu a mão direita com uma luva de lona, transformou os tijolos num montão de 17 toneladas de entulho, pulverizando o maximo mundial anterior de 3774 tijolos numa hora.

Os tijolos custaram 800 dolares australianos (cerca de três mil escudos).

Tai, futebolista «axadrezado» convocado paraos trabalhos da selecção nacional, está a um passo de concluir o curso de monitor de Educação Física, e como lhe faltam apenas duas cadeiras para terminar o 6.º ano liceal (Inglês e Matemática) igualmente pretende continuar os estudos. Curiosidade: Tai (António Carlos Sousa Laranjeiro Lima, 27 anos, nascido em Amarante) foi, em tempos, «bateria» num conjunto musical na sua terra natal.

O nosso camarada «O Século», insurge-se, acremente: nem tudo foram rosas, no decurso do torneio de ténis de mesa promovido pelo Grupo Desportivo de Rio de Mouro. O salão utilizado para os jogos era exiguo (sete mesas para intervenção de 227 jogadores) e funcionava um bar dentro do palco dos encontros («pregos» e «bifanas» juntos com bebidas e conversas): alguns entraves a cortarem os atraentes e bem congeminados propósitos da entidade organizadora.

A basquetebolista Maria de Fátima do Algés, sofreu rotura de ligamentos, durante o encontro com o Benfica, respeitante ao lisboeta da modalidade. À falta de clínico «à mão», foi da Ajuda para o hospital.

Júlio Fernandes, ex-campeão e recordista de Atletismo, é o técnico dos jovens praticantes de «Os Ases das Avenidas», o agrupamento que (dirigido por Guilherme Sá Viana) tem impulsionado a modalidade nos jovens escalões etários.

Quota importante dos haveres deixados por Avery Brundage (antigo dirigente do Comité Internacional Olímpico, falecido em Maio) reverte para uma escola de atletas que vai funcionar na Universidade de Illinois (USA).

Geral

O FUTEBOL AMADOR APOIADO PELA D.G.D.

A Direcção-Geral dos Desportos, tendo em atenção a profunda inserção do futebol nas camadas populares, acaba de criar o Movimento Nacional de Futebol Juvenil que, sob sua coordenação, funcionará através de um conselho nacional constituído por elementos ligados à Federação Portuguesa de Futebol, Sindicato de Treinadores, Sindicato de Jogadores, árbitros e jornalistas convidados a título individual.

Este grupo de trabalho (cuja Comissão Central é composta por Teotónio Lima, Manuel Ferreira, Vítor Sobreiro, Manuel Tavares, Artur Jorge, Carlos Silva, Vítor Miranda, César Grácio, António Malva, Mário Real, Carlos Pinhão, Ribeiro Cardoso, Francisco Calado e José Marques, além do dr. Pinto Basto em nome da F.A.O.J.) vai promover a criação de estruturas humanas apoiadas nas iniciativas de movimentos e organizações populares, preparar a formação de quadros desportivos que a médio prazo possam assegurar o acolhimento de praticantes, valorizar uma camada de trabalhadores que pela sua função social junto das populações muito podem contribuir para a formação integral da juventude, resolver os problemas de um sector de trabalho que escapa à capacidade de intervenção dos clubes.

Assim, a nível oficial, vamos ter a democratização do futebol, que será igualmente aproveitado como meio de democratização. Para isso estão lançadas as raízes de uma estrutura que terá forçosamente de ser sólida, para que o novo Desporto (leia-se novo futebol) se enquadre na nova linha política do País.

REUNIÃO DO M.U.T.I.

UM OPERÁRIO ENTRE OS INTELECTUAIS

«Através dos vossos conhecimentos, das vossas actividades, da vossa arte, ajudem a demonstrar aos trabalhadores que a razão está do lado deles», disse ontem, na S. N. B. A., Álvaro Branco, presidente da Federação dos Metalúrgicos, na intervenção que teve na reunião do M. U. T. I. (Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução). Lopes Graça, sintetizando o pensamento de todos, diria que os intelectuais, se têm que levar muita coisa ao povo, terão, sem dúvida, que aprender muito com ele.

Miguel Arraes, que foi governador da Baía no tempo do Governo de João Goulart, falou em seguida. Muito aplaudido: intelectuais portugueses recebiam um homem obrigado ao exílio pela ditadura fascista brasileira.

MOÇÕES

Entre as moções aprovadas, salientam-se que aponta para a recondução de António Hespanha e Raul Caixinha nos cargos que ocupavam e dos quais foram «saneados à esquerda» e a de solidariedade aos trabalhadores progressistas de «O Século».

Das informações prestadas, queremos referir a que diz respeito à situação de Miguel Treffaut Rodrigues, transferido, no Brasil, para outro presídio e barbaramente espancado nos primeiros dias da sua prisão e uma outra que dá conta de que a Gulbenkian concedeu à Associação Portuguesa de Escritores a verba de 100 contos destinada a repor no seu lugar a verdade sobre os prémios de Novelística e Ensaio, atribuídos pela A. P. E. a Luandino Vieira e a Armando de Castro, antes da Associação ser encerrada, em 1965.

CONGRESSO

O Secretariado apresentou uma proposta para o Congresso de Trabalhadores Intelectuais, que se realizará em Beja, nos dias 6 e 7 de Dezembro, com os seguintes temas:

GRUPO A — Formas de colaboração activa e fraterna dos trabalhadores intelectuais, as massas trabalhadoras e seus aliados.

GRUPO B — Ensino e cultura massiva combate à cultura elitista ao serviço da burguesia e seus apaniguados em defesa do ensino e da cultura para as classes trabalhadoras.

GRUPO C — Aliança efectiva e imediata entre trabalhadores intelectuais e as outras massas trabalhadoras e seus aliados para defesa e ajuda à Reforma Agrária um dos fulcros da revolução socialista.

GRUPO D — Ilegalidade burguesa e legalidade revolucionária.

Foi apupado o despacho do dr. Almeida Santos restringindo a participação no plenário de hoje dos trabalhadores do M. C. S. e apoiada a suspensão de Ferreira da Cunha, denunciando a «conivência do ministro».

EL SHAZLY NO M.N.E.

..O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. José Medeiros Ferreira, recebeu o general Saad Mohammed El Shazly, embaixador da República Á rabe do Egipto em Lisboa, que lhe apresentou cumprimentos e lhe expôs a posição do seu país face aos últimos desenvolvimentos dos esforços de resolução da questão do Médio Oriente, tendo-se seguido uma cordial troca de impressões.

VOLTA AO ALGARVE:

BORGES/ANJOS/PORSCHE, VITÓRIA INESPERADA

António Borges e João Anjos, em Porsche Carrera RS, foram os vencedores da 5.ª Volta ao Algarve, importante competição do calendário automobilístico nacional, inscrita no Calendário Desportivo Internacional. Vitória inesperada, não pelo facto do categorizado piloto não ser tido como favorito mas sim porque «Mêquêpê»/Mira Amaral, em Opel 1904 SR e depois Mário Silva/Pedro d' Almeida, em Porsche 911 T estiveram sucessivamente mais perto da vitória do que António Borges e João Anjos.

Dos 27 inscritos apenas 17 alinharam à partida no Casino do Alvor para a primeira etapa de uma manifestação de inegável interesse turístico-desportivo.

A primeira etapa caracterizou-se por um domínio absoluto de «Mêquêpê»/Mira Amaral, que andaram francamente mais depressa que os seus principais competidores. Mas «Mêquêpê» tem um temperamento especial como piloto e agrada-lhe mais andar francamente depressa do que defender uma posição. E desta vez uma aparatosa saída de estrada na 8.ª e última classificativa e o fim de uma prova que comandava confortavelmente.

À partida da 2.ª etapa uma vantagem de 30 segundos separava Mário Silva de António Borges. Na segunda etapa o confronto entre os dois pilotos dos Porsche é empolgante, de prova de classificação para prova de classificação, mas da 9.ª à 14.ª Mário Silva mantém o comando. Depois é a vez de Borges passar a comandar definitivamente a prova. No último troço cronometrado já com a prova decidida é Manuel Inácio o mais rápido.

Isto enquanto Carlos Fontainhas e Manuel Rolo desciam alguns lugares por problemas mecânicos. Rui Lajes, também tem vários problemas e fica aquém das suas possibilidades.

No final, à chegada a Vilamoura, apenas onze carros entre os quais três desclassificados por excessos de penalizações.

Entretanto, simultaneamente com a 1.ª etapa da Volta ao Algarve, disputou-se a Mini-Volta ao Algarve, última prova do Campeonato Regional de «Rallies»-Promoção Zona Sul, que servia para decidir o título de Campeão. Quatro interessados no título davam um aliciante especial à prova.

Benjamim de Oliveira, em Datsun 240 Z, tido como principal favorito, despistou-se por se ter partido uma jante e abandonou. Acabaria por ser Luis Alves, em Fiat Abarth o vencedor da prova. Acompanhado por António Marcelino. Parada-Leitão/Alberto Marques, em Opel 1904 SR, foram uma vez mais os grandes vencidos da prova. António Onofre/João Reis, em Datsun 120 Y, terminam em segundo lugar e mesmo sem nunca terem conseguido ganhar uma prova sagram-se Campeões.

No domingo à noite no Casino de Vilamoura um animado jantar de distribuição de prémios, constituídos por troféus e dinheiro.

As classificações finais das 2 provas foram as seguintes:

. Volta ao Algarve: 1.º António Borges/João Anjos, em Porsche Carrera RS, 2.16,24; 2.º Mário Silva/Pedro d'Almeida-Porsche 911 T-2.16.31; 3.º Manuel Inácio/Pina de Morais-Opel 1904 SR-2.21.37; 4.º Jorge Ortigão/Pedro d'Abreu-Mazda 818 Coupé-2.25.14; 5.º Carlos Fontainhas/Rogério Seromenho -Ford Escort RS 2000 - 2.29.18; 6.º Rui Lajes/Abel Santos -Mazda EX-2, 2.49.08; 7.º Manuel Rolo/Álvaro Barreiros--Datsun 1600 SSS, 2.55.40; 8.º André Martinho/Pedro Picão-Fiat 124 Spyder-2.58.56.

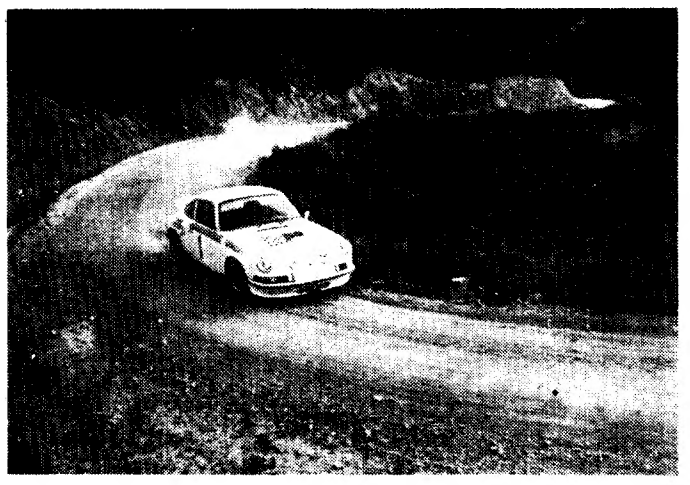
Mini-Volta ao Algarve: 1.º Luis Alves/António Marcelino-Fiat-Abarth 124 Spyder-36.43; 2.º António Onofre/João Reis-Datsun 120 Y-36.51; 3.º Parada-Leitão/Alberto Marques-Opel 1904 SR-37.07; 4.º Bernardo Simões/José Nobre-Datsun 1600 SSS-37.23; 5.º «Jomaro»/José Mariz-37.52; 6.º Guilherme Roldão/Carlos Santos-Fiat 124 ST-38.00; 7.º Fernando Gaspar/Miquel Villar-Datsun 1200-38.15; 8.º Raul Peixoto/José Mourão-Ford Escort México-38.57; 9.º Daniel Silva/Pinto Alves-Volvo 144 S-39.53; 10.º Luis Resina/Fernando Jorge-Opel 1904 SR-39.53.

Classificaram-se mais 6 concorrentes.

Resta apenas sublinhar que a organização, que se saldou como positiva, pertenceu ao Racal Clube, de Silves, com o patrocínio da Direcção-Geral de Turismo, Comissão Regional de Turismo do Algarve, Sointal-Casinos do Algarve, Sacor, Woolmark e FIAAL.

Após esta prova, no que diz respeito ao Campeonato Nacional de «Rallies» a próxima prova, a Volta a Portugal, servirá para decidir o título de Campeão. António Borges e Manuel Inácio são os dois únicos interessados. No que diz respeito aos navegadores, Pina de Morais e João Anjos secundarão os dois pilotos já referidos na discussão do título.

PELEJÃO MARQUES



MOÇÃO

Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos reunidos na Voz do Operário em Assembleia Geral Extraordinária, saudam o heróico Povo Angolano e a sua vanguarda revolucionária, o MPLA.

Repudiando todas as criminosas ingerências estrangeiras que visam transformar Angola num novo Vietname, os trabalhadores presentes nesta Assembleia solidarizam-se com todos os revolucionários consequentes reclamando TODO O PODER AO MPLA.

A escassos dias da Independência, ponto culminante duma corajosa luta contra o Imperialismo e colonialismo, os Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos apoiam calorosamente o MPLA, único representante do Povo de Angola, garante duma Pátria livre, justa, pacífica a caminho do Socialismo.

VIVA O MPLA
MPLA, A VITÓRIA É CERTA
TODO O PODR AO MPLA

Lisboa, 4 de Novembro de 1975.

Fernando Borges (Abbott)
António Luís Franco (Leseque)
Manuela Pontes de Sousa (Lagriffa)
Maria Irene Matos Camacho (Roche)
Romeu do Rosário (Lepetit)
Alberto Fernando (Sanibb)
Carlos Veiga da Silva (Squifo)

AUTO-TANQUE

PRETENDE-SE ADQUIRIR EM BOM ESTADO PARA SERVIÇO PÚBLICO

Resposta ao N.º 1617

TALISMÃ

Saúde, sorte, amor e dinheiro, terá com o maravilhoso TALISMÃ NEGRO DE S. CIPRIANO (origem Antioquia). Preço 550$00. Pedir à Ref.ª DL-05, Apartado 3012, Lisboa — 3.

2 ANDARES EM CASCAIS

A estrear, 2 e 3 assoalhadas, alcatifadas c/ electrodomésticos, forradas a papel c/ aquecimento, telefone, acabamentos de luxo

BASE: 350 e 450.000$

LEILÃO

PRÓXIMO SÁBADO, ÀS 16 HS., NO LOCAL

A Av. Sintra, Lotes «1» - 3.º - E.º E «14» - 1.º - E.º

PAI DO VENTO (Frente ao Colégio Amor de Deus)

Serão postos em praça separadamente nos próprios locais os andares em epígrafe c/ boas cozinhas e grs. varandas e madeiras exóticas cujos preços normais no local variam (s/ electrodomésticos e s/ acabamentos de luxo a papel e madeiras exóticas) entre 520 e 750 c. aproximadamente, praticando-se os alugueres entre cerca de 3.300$ e 4.000$. Transportes públicos à porta. Venda livre de quaisquer encargos ou ónus, prontos a fazer escritura, conforme condições anunciadas no acto da praça.

EM EXPOSIÇÃO: 5.ª e 6.ª f.ª das 15 às 18 Hs.
Sábado das 10 às 13 Hs.

Trata e presta tr das as informações das 11 às 13 Hs.. A:

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 51478 532446
AFRA FILHOS, Lda

PRECISA-SE

Um preparador habilitado com curso de saúde pública para prestar serviço, como eventual, no concelho de Loures. Vencimento Esc. 6 000$00. Resposta a este jornal ao n.º **1616.**

Geral

CHOQUE NA OTA

UM MORTO E TRÊS FERIDOS

Choque de automóveis próximo da Ota: um morto e três feridos.

..O indivíduo que morreu (condutor do veículo) está ainda por identificar.

Os feridos são: Jorge da Silva, de 22 anos; Emídio Marques Gonçalves, da mesma idade, e José Júlio Barbosa Fernandes, de 35.

Encontram-se internados, em estado grave, no Hospital de S. José.

TRABALHADORES SEM 300 CONTOS

PORTO, 5 — Trezentos contos (conseguidos por empréstimo e destinados ao pagamento de salários a mais de 300 trabalhadores da firma Cloisal Portugal, Cooperativa de Produção de Divisórias Amovíveis, de Fânzeres, Gondomar) foram roubados de uma carrinha que os transportava do Banco Espirito Santo.

RUSGA GIGANTE CONTRA MARGINAIS

LOURENÇO MARQUES, 5 (ANOP) — Continuam as investigações sobre milhares de suspeitos de serem marginais, detidos há dias no decurso de uma gigantesca operação policial, efectuada em várias cidades moçambicanas, simultaneamente. Com efeito, no dia 30 e na madrugada de 31, foram detidas cerca de 3000 pessoas em Lourenço Marques, Beira, Nampula, Xai-Xai e Chimoio, por suspeita de se dedicarem ao roubo, alcoolismo, vadiagem, prostituição e droga.

A maior parte dos indivíduos detidos pela Polícia estão declaradamente envolvidos nas práticas mencionadas.

Uma nota do Ministerio do Interior do Governo moçambicano refere que esta operação teve por fim, por um lado, a segurança da população e, por outro, «a recuperação de marginais de toda a espécie, que nesta fase do processo revolucionário ainda abundam no país, como detritos que são do sistema colonialista que durante 500 anos explorou e oprimiu o povo moçambicano».

Os que as averiguações em curso provarem estar realmente envolvidos em tais práticas, serão enviados para campos de trabalho e recuperação,

ASSALTADA A CÂMARA DE SANTA COMBA

SANTA COMBA DÃO, 5 — Foi assaltada, esta madrugada, a Câmara Municipal desta vila.

Os assaltantes levaram algum dinheiro que se encontrava depositado num cofre-forte.

Os danos no edifício são nulos.

SINDICATO DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

MOÇÕES

Os delegados Sindicais da Construção Civil do Barreiro, em reunião, deliberaram e aprovaram as seguintes moções:

1.º Não ceder nem mais um dia além dos 30 propostos pelo Sindicato e aceites pelo M. T. para negociações do C. C. T. vertical para o sector da Construção Civil e Obras Públicas.

2.º Exigir ao VI Governo e ao Conselho da Revolução que pare imediatamente com os saneamentos à esquerda e com a imediata integração dos mesmos que foram saneados nos seus respectivos lugares.

3.º Apoio total à justa luta dos trabalhadores da Rádio Renascença, República e à Reforma Agrária.

4.º Exigir ao Governo que o «Século» esteja ao serviço do Povo como tem estado até aqui e não ao serviço da reacção como pretendem neste momento as infiltrações das direitas no «Século» e nos meios da comunicação em geral, ela é para estar ao serviço dos trabalhadores.

5.º Saida imediata dos Decretos-Lei aprovados pelo V Governo.

ABAIXO A REACÇÃO!
AVANÇAR, AVANÇAR PELO PODER POPULAR!
O POVO É QUEM MAIS ORDENA!

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

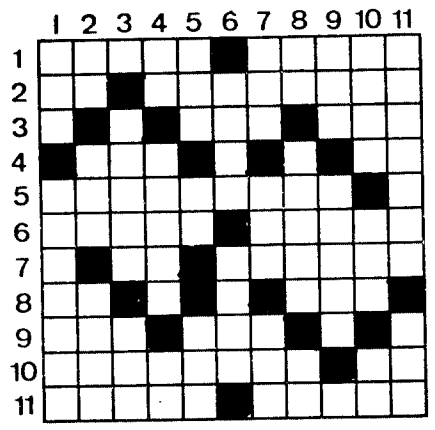
PROBLEMA N.º 11228

HORIZONTAIS:

1 Dá marradas. Marcai o peso da tara em.
2 Ouro (s.q.). Cingiriam.
3 Artigo definido. Bigorna de ourives. Espaço de doze meses.
4 Figura que simboliza o povo americano. Senhor.
5 Pisaras de novo.
6 Rezara. Engordurai.
7 Nota musical. Observais.
8 Em a. Reza.
9 Estima. Página.
10 Regularias as doses de. Alumínio (s.q.).
11 Rezado. Entrada (fig.).

VERTICAIS:

1 Medida de líquidos da Holanda. (Inv.) Resmungado.
2 Ouro (s.q.). Ente. Paixão.
3 Raspar. Pega.
4 Rádio (s.q.). Olhem atentamente. Preposição latina que designa movimento.
5 Artigo. Apelido. Vantagem.
6 Rosto. Rezai.
7 Pronome demonstrativo. Lista. Cidade de França.
8 Brisa. Acougue. Isolado.
9 Braço de mar. Messe.
10 Árvore indiana cuja casca é empregada com adstringente. Camareira. Átomo.
11 Escandalosos. Pronome pessoal.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

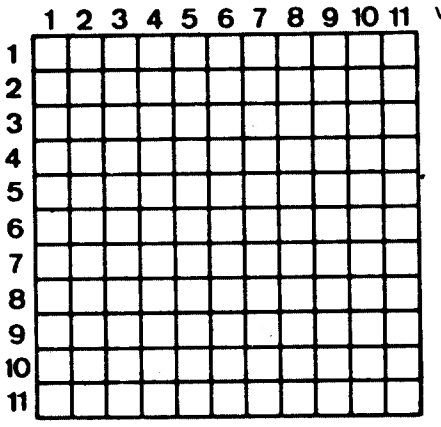
PROBLEMA N.º 7389

HORIZONTAIS:

1 Cobrir. Intestino.
2 Zombem. Prender.
3 Rezo. Uma das Espórades. Empregue.
4 Basta. Utensílio doméstico. Preposição. Porco.
5 Lavrais. Pós data em.
6 Cidade da Umbria. Pernadas de sobreiro.
7 Nome antigo da nota musical dó. Césio (s.q.).
8 Viracão. Olhinho. Rio de Itália.
9 Pronome pessoal. Olá. Figura que simboliza o povo americano.
10 Arremessa. Poise no mar (o avião).
11 Invulgares. Freguesia do concelho de Mirandela.

VERTICAIS:

1 Anda a trote. Remediar.
2 Encolerizara. Direcção.
3 O sustento. Sapo do Amazonas. Senhor em inglês.
4 Amónio (s.q.). Apelido. Batráquio.
5 Morada. Filtras.
6 Boro (s.q.). Doçura.
7 Substância filamentosa produzida pela larva de um insecto. Tragédia de Shakespeare.
8 Rádio (s.q.). Nome de um mês. Moderato.
9 Pau-ferro. Nome de letras. Conjuncão (inv).
10 Comidas. Estacione.
11 Limpou metais. Personagem de uma tragédia de Shakespeare.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11227

HORIZONTAIS	VERTICAIS:
1 QUEM CRIA.	1 Penar. Ps. Fa.
2 Uri. Boimi.	2 Atai. Coavam.
3 Ea. Passaram.	3 Ao. Raspara.
4 Renal. Osaca.	4 Al. Restaram.
5 Otárias. Ar.	5 Sob. ATÉ.
6 Ova. És.	6 Aramaria.
7 Escárnio.	7 Fulanos. Fam.
8 Id. Sós. Saca.	8 AMANHÃ. Aida.
9 Dever. Pires.	9 Ro. Oó. Atoar.
10 Avisar. La.	10 Arassem.
11 Ler. Mimosos.	11 Somara.

Provérbio: NÃO FIO NADA ATÉ AMANHÃ.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7388

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Vale. Lema.	1 Varas. Laura.
2 Aba. Aar. Sor.	2 Abanar. Irar.
3 Ra. Acues. Na.	3 La. Orem. Ase.
4 Anosa. Souto.	4 Asa. As. Ca.
5 Saram. Penas.	5 Acamaradas.
6 Re. Er.	6 Nau. Ló.
7 Mar. Nós.	7 Respondiam
8 Saldo. Sá	8 Soe. Oo. Ro.
9 Ura. Dói. Sir.	9 És. Unes. Ser.
10 Rasca. Arena.	10 Montar. Sina.
11 Áreas. Morar.	11 Araós. Varar.

Bars Boites

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596*264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

Rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Futebol — «Taça dos Campeões Europeus» — relato do jogo Ujpesti-Benfica
19.00 Música variada
20.00 Jornal da noite
20.30 Futebol — «Taça das Taças» — relato do jogo Celtic-Boavista
21.30 Futebol — «Taca U.E.F.A.» — relato em cadeia dos jogos Futebol Clube do Porto-Dundee e Sportino-Vasas
23.30 Cinemanovo, por Maria Cristiana e Damas Nunes
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.20 Temas de educação

2.º Programa

16.25 Música sinfónica
17.15 Música de câmara de Beethoven
18.00 Música do século XX
19.00 Canções de Scarlatti
19.12 Orquestras de câmara
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo

Programa Estereofónico — MF 2 — 94,3 MHz

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.30 Partita n.º 2, para violino solo, de Bach
23.00 Canções de Webern e Berg
23.15 Divertimento em mi bemol maior, de Mozart
24.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 299,18 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Ptrto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua; Modulacao de Frequência (principais emissores) — Lisboa 97,4; Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Lousã, 90,8; Fóia, 86,4 e Mendro, 92 MHz

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Audiório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233.2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

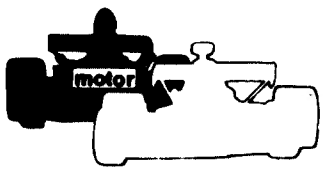
Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às **02.00**



Tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pounublado o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro nalgumas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	14º
FARO	18º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **25,5º**

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima **6,6º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar **16,5º**

Atmosfera **12,8º**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.57	**4,4 m**	10.39	**0,5 m**
17.24	**4,2 m**	22.56	**0,7 m**
Dia 6			
5.41	**4,3 m**	11.22	**0,7 m**
18.09	**4,0 m**	23.36	**0,9 m**
Dia 7			
6.25	**4,1 m**		
18.55	**3,8 m**	12.05	**0,9 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco, neblina ou nevoeiro matinais

AMANHÃ

NASCER AS 8.08
OCASO AS 18.32

DIA 10	DIA 18	DIA 26	DIA 3

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682).
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-B (tel. 821653).
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 801478); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (tel. 41845).
BAIXA
Barral, Rua Augusta 225 (tel. 361534/5).
BELÉM
Remísio, Rua dos Jerónimos 14-C (tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304).
MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas 1 (tel. 661275).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (tel. 311091).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (tel. 571451).
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (tel. 761035).

TURNO C-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (tel. 534027).
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (tel. 40536).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548).
BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa-Hora, 94-A (tel. 631958).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (tel. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10 lojas 18 e 19 (tel. 771661).
GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (tel. 864351).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480).
PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (tel. 42829).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140B/C (tels. 720703-728395).
SANTA CATARINA
Modelar, Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo) (tel. 608896).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo, 25 (tel. 385264).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); Campos, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); Clabel, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T. 974161)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T.951841)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (T. 2930832)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.213953)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Toda a noite.
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T.2471204). Até às 24 horas
S. JOÃO DO ESTORIL
S.João, Quinta da Carreira, 29-A (T.261186). Toda a noite
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T.260008). Até às 22 horas
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R.António dos Santos Jorge, 10 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Central, R.de Olivença, 11 (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Pimenta, R.Cons. António Aguiar, 259 (T.2073012)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T.22488); Louro, R.Frei António Chagas, 24-A (T.24491)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

Até às 22 horas

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; Almeida Cunha, Rua Formosa, 327; Contumil, Rua de Contumil, 540; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636; Vaz Teixeira, Rua do Heroísmo, 56; Birra, Praça da Liberdade, 125; Costa Lima, Avenida da Boavista, 855; Marquês de Mendonça, Rua do Amial, 251; Monte Cativo, Rua do Monte Cativo, 444; São Jerónimo, Rua de Santos Pousada, 622; Cardona dos Santos, Rua de D. Manuel II, 90; Oriental, Rua do Bonjardim, 727.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Contumil, Rua de Contumil, 540; Marques de Mendonça, Rua do Amial, 251; Costa Lima, Avenida da Boavista, 855 e Vaz Teixeira, Rua do Heroísmo, 56.

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 Tel. 22961; Donato, Rua Ferreira Borges, 6, Tel. 22603; Rainha Santa, Rua Figueira da Foz, 11 Tel. 24737

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»
COLISEU
21.30 (6 anos)
Companhia Internacional de Circo
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Os Contos de Canterbury»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Batalha de Neretva»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Uma Mulher Perigosa»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A Pistola»
MOSCAVIDE
21.15 (6 anos)
«Um Por Todos... Todos Por Um»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00, 21.15 (18 anos)
«O Belo Monstro»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»
CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«O Ás do Volante»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«Onde as Balas Voam»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«E o Amor Voltou»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Piedense
21.30 (18 anos)
«O Esquadrão da Morte»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As Bailarinas»
ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (13 anos)
«Teresa a Ladra»

PORTO/Teatros

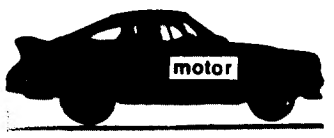
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«La Bambina»
OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A M[illegible] a Puta»
S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Engrenagem»
COLISEU
21.15 (6 anos)
«Música no Coração»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Veredicto»
JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«Catherine, Um Só Amor»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Como Caças um Marido»
ESTUDIO
221.15 (18 anos)
«A Máquina do Amor»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«A Matriarca»

COIMBRA

S.TEOTONIO
21.15 (10 anos)
«As Aventuras do Rabu Racob»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Cama com Música»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Primeira Noite»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Butch Cassidy e o Kid»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Drácula Tem Sede de Sangue»



cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
MUNDIAL
0077
AGENTE INDECENTE

VOX
ESTRANHA FORMA DE AMAR

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme
4.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
12.ª Semana
Às 24.00 Grupo D (18 anos)
MULHER À DERIVA

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
16.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
[illegible] Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

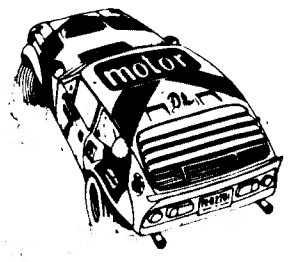
T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A TRAMA
Um filme de Don Sharp
Um ganster não faz amigos, mas os seus inimigos estão mortos!

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
3.ª semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral



UNIVERSAL

T. 774402 15.17, 19.00, 21.00, 23.00
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SEIOS DE GELO
Com Mireille Darc e Alain Delon
Um filme G. Lautner
hoje às 18.30
(Para maiores de 14 anos)
ENCONTRO EM BEAUY

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Grupo D - 18 anos
O novo fenomeno ao filme de accão
BIG BOSS
O IMPLACAVEL

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
2.ª semana
Amigos... e Amantes
Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MADLY A OUTRA MULHER
Nas sessões das 15.30 e 21.15 reportagem da visita do Senhor Presidente da República à Roménia
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O BELO MONSTRO

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
Grupo B - M. 10 anos
OS DEZ MANDAMENTOS

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
2.ª Semana

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 2.ª Semana

VOX

T. 720808 21.30 estreia
Não acons. a menores de 18 anos
ESTRANHA FORMA DE AMAR
A partir de amanhã sessões às 14.15, 16.30, 19 e 21.15 h.

SATÉLITE

T. 562632
Interdito a menores de 18 anos
As 15.00 e 23.00 **O VÍCIO**
As 17.00 e 21.00 **O CIO**
Às 19.00 ... **O PROSTITUTO**

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
Jerry Lewis é
O REI DO CIRCO
Um filme de Joseph Pernev
2.ª Semana
Hoje às 19.00 Festival de Aniversário
Não acons. a menores de 13 anos
ESCRAVOS DE HERBERT

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, e...
O PROFESSOR NUDISTA
3.ª Semana
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
Um filme de alto nivel espectacular e passional
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skav a odisseia de uma jovem raptada e violentada

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
c/ Clint Eastwood
3.ª Semana

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ONDE AS BALAS VOAM

CINEARTE

T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
PECADO VENIAL

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BERNADETTE
Um filme de Gilles Carle

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A BOFETADA
c/Lino Ventura e Annie Girardot

RESTELO

T. 610375 Às 21.00
Interdito a menores de 18 anos
A VERDADE DAQUELA NOITE

MUNDIAL

T. 538743 21.30 noite de estreia
Não acons. a menores de 13 anos
077 AGENTE INDECENTE
Pierre Richard e Mireille Darc

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEF. 32115 4/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

As visitas de Carlucci

Dizia esta manhã o nosso prezado colega «Diário de Notícias», em editorial, considerar urgente mais uma nota oficiosa, num tempo em que diversos departamentos governamentais — e não só — descobriram o estratagema de ocuparem os jornais, ao abrigo do art.º 15 da Lei de Imprensa, com documentos de publicação obrigatória: uma nota oficiosa, mais uma necessária e imprescindível, explicando o que anda a fazer o sr. Frank Carlucci, conhecido embaixador americano, pelo Norte do País, onde todas as portas lhe foram abertas.

O sr. Carlucci dirá que foi a visita mais inocente deste mundo, até porque, (toda a gente o sabe!) o seu país não se mete jamais nos assuntos internos de outros povos: visitou cortesmente o comandante da Região Militar do Norte, o governador civil do Porto, figuras políticas ligadas a partidos que nada têm de revolucionários, presidentes de Câmaras Municipais no Minho e Trás-os-Montes, autoridades religiosas, etc.

Mas há mais, e isto ainda não tornado do conhecimento público: o sr. Carlucci fez na semana passada outra «visita de cortesia», esta ao ministro do Trabalho no edifício da Praça de Londres onde até há pouco acorriam os trabalhadores e agora acorrem patrões e embaixadores em ritmo surpreendente. Lá esteve, pela mesma altura, também o representante diplomático da Alemanha Federal, um social-democrata.

Parece que as deambulações do sr. Carlucci, sobretudo num momento destes e nas regiões ou locais onde se verificam, não podem ficar no segredo dos deuses. E é estranho que umas visitas sejam feitas em segredo e outras sob todas as luzes... O povo português dirá ao representante americano que não lhe reconhece mais direitos que a qualquer outro embaixador. O sr. Carlucci preocupa mesmo o povo trabalhador e o Governo de Lisboa não pode ignorar isso. É urgente que se explique.

A VISITA PROSSEGUE

Frank Carlucci que não se considera embaixador americano em Lisboa, mas em Portugal, está de visita ao Norte do País. E visitar o Norte significa ter mantido um «curto diálogo» com Pires Veloso, no Porto, visitar Trás-os-Montes, Minho, Alto Douro e estar prevista uma entrevista com o dr. Sá Carneiro, secretário-geral do P.P.D. Visita essa «de grande interesse para as relações entre os dois países».

Carlucci deve regressar sábado a Lisboa. Até lá avistar-se-á com entidades militares, civis e religiosas dos distritos e municípios do Norte. Um sistema de segurança bem montado acompanha o diplomata. Ajudas ao E.L.P.? Carlucci responde: «tudo são especulações e nada tenho com essa organização ou qualquer outra».

Ainda: Carlucci não prevê qualquer «revolução ou coisa semelhante». Se não... não abandonaria Lisboa.

TARIFAS DE TRANSPORTE AUMENTAM NA C.P.

Uma portaria de responsabilidade dos ministros do Comércio Interno e dos Transportes e Comunicações hoje publicada no «Diário do Governo», aumenta as tarifas de transporte pela C. P. com entrada em vigor a partir do próximo dia 1 de Dezembro.

Ficam assim estabelecidos os preços de transporte dos volumes, em qualquer percurso do caminho-de-ferro, incluindo a via fluvial entre Lisboa e Barreiro: até 15 kg, 25$00; de mais de 15 kg até 30 kg, 30$00; de mais de 20 até 30 kg, 40$00; de mais de 30 até 40 kg, 45$00; de mais de 40 até 50 kg, 50$00.

Os preços de transporte dos volumes na camionagem são previstos nas respectivas tarifas.

Quanto às tarifas de volumes de urgência ficou estabelecido: até 5 kg, 30$00; de mais de 5 kg até 10 kg, 50$00; de mais de 10 kg até 20 kg, 70$00; de mais de 20 kg até 30 kg, 90$00.

Estas «novas curvas de preços da tarifa geral passam a reflectir — informa o preâmbulo da portaria — a evolução das correspondentes curvas de custos, face à degressividade conjunta tonelagem — distância percorrida, o que efectivamente vem a favorecer os transportes de maior tonelagem e as maiores distâncias, de acordo com a vocacionalidade do caminho-de-ferro».

Assim, são revogadas tarifas gerais de transportes, uma delas datada de 1927 e de avisos públicos vários.

CONVÍVIO NO FORTE DE ALMADA

Dentro do espírito de entendimento, cooperação e amizade, que deve reinar entre os militares das Forças Armadas, realizou-se no destacamento misto do Forte de Almada, um almoço de confraternização a que esteve presente a Comissão Nacional de Sargentos do Exército, que brevemente termina o seu mandato.

Presentes também alguns oficiais, sargentos e praças da Armada, Força Aérea, Regimento de Comandos, Ralis, R. A. C. e B. R. T.

Findo o almoço, que decorreu num ambiente de cordialidade, seguiu-se um colóquio na sala de praças.

ANGOLA INDEPENDENTE

Os combates prosseguiram, tendo progredido as forças invasoras até ao rio Coporolo, sensivelmente a cem quilómetros da capital da província de Benguela. Entretanto, ontem à noite contactamos o Comissariado Político do Estado-Maior Geral das F. A. P. L. A. que nos informou que neste momento os combates se travam em posições sensivelmente localizadas no paralelo de Catengue, a cerca de oitenta quilómetros da cidade capital da província de Benguela. No entanto, posteriores informações davam conta de que os combates já se travavam nos arredores da capital, mas segundo informação do mesmo Comissariado Político, a situação não era clara. De qualquer modo, este avanço das forças mercenárias e invasoras do Exército regular da África do Sul, ELP e seus lacaios da UPA/F. N. L. A. e U. N. I. T. A. vem demonstrar que, na realidade, se trata de uma força considerada, que os observadores avaliaram em cerca de mil e quinhentos homens apoiados por helicópteros que têm a sua base logística em Sá da Bandeira. De salientar por outro lado, o silêncio da parte portuguesa perante o avanço das forças invasoras até quase ao centro do país, se mantem.

Na «Frente Norte», a situação continua inalterável, havendo no entanto a registar algumas acções de flagelação por parte do Exército invasor, na região de Santa Eulália.

PRISÃO DE ELEMENTOS DO E L P

As forças de segurança do M. P. L. A. em conjunto com o Corpo de Polícia de Angola efectuaram várias prisões de cidadãos estrangeiros, sobretudo portugueses, embora estivessem incluídos também alguns angolanos, por suspeita de estarem ligados a uma rede clandestina do E. L. P. em Angola.

Entretanto, as autoridades competentes, dada a importância do assunto e porque as investigações decorrem no sentido de desmantelar toda a criminosa rede, não forneceram qualquer pormenor, por enquanto, aos órgãos de Informação, o que poderá vir a acontecer brevemente.

Apesar do sigilo mantido à volta das detenções, sabe-se que as mesmas orçam as várias dezenas, havendo a registar entre elas a de alguns sul-africanos.

FORÇAS DA FRELIMO E P. A.I.G.C. EM ANGOLA?

As acusações formuladas repetidamente pela U. N. I. T. A. segundo as quais forças da Frelimo combateriam presentemente integradas nas F. A. P. L. A. foram desmentidas pelo M. P. L. A. que frisa que, enquanto as autoridades portuguesas se mantiveram no território, a solidariedade internacionalista se não pode manifestar por forma tão efectiva. Em certos círculos luandenses, contudo, não se exclui a hipótese de elementos das forças populares moçambicanas e mesmo do P. A. I. G. C. virem a integrar-se nas forças populares angolanas, dado que a agressão de que Angola é vítima se integra na luta comum de todas as nações progressistas africanas contra o imperialismo. Neste sentido, há ainda que destacar as afirmações ontem produzidas pelo presidente da República Popular do Congo, Marien N' Gouabi, que preveniu as forças do exército popular nacional de que deveriam ser mobilizadas desde já para apoiarem a justa causa do M. P. L. A.

FRETILIN

Mari Alcatiri, comissário político nacional de Timor-Leste prestou ontem declarações muito importantes ao jornal «Diário de Luanda». Após fazer uma breve análise à forma como o actual Governo Português está a conduzir o processo de descolonização de Timor-Leste, Alcatiri afirmou:

«Presentemente, podemos declarar que todo o Comité Central da Apodeti se encontra nos nossos campos de recuperação. Quanto à U. D. T. só quatro ou cinco elementos do Comité Central conseguiram escapar para a Indonésia. E esses, ao chegarem à Indonésia, dissolveram a U. D. T. e criaram o Movimento Anti-Comunista, passando a defender a integração na Indonésia. Este país, neste momento, serve-se do nome da Apodeti e da U. D. T. para invadir as nossas posições. Mas nós temos provas concretas que são forças regulares indonésias que têm invadido as nossas posições, porque até temos militares indonésios presos.

Portugal sabe disso e até tem provas, mas até à data nunca se pronunciou contra as invasões estrangeiras. Para nós isto é uma cumplicidade criminosa, porque o silêncio de Portugal tem provocado verdadeiros massacres ao nosso povo».

Seguidamente, Mari Alcatiri afirmou:

«O Governo Português tem tido posições ambíguas e declarou que irá ter conversações com os dois partidos fantoches, já totalmente destruídos.

Nós concluimos, portanto, que as negociações de Melo Antunes com Adam Malik, do Governo indonésio, foram de certeza negociações que o Governo Português estava a planear efectuar com os partidos fantoches, tendo Adam Malik como representante desses partidos.»

COMÍCIO DO P.C.P. DE APOIO AO M.P.L.A.

«Estamos aqui reunidos para manifestarmos, uma vez mais, o nosso apoio ao M. P. L. A.», disse Carlos Aboim Inglez, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, no comício que o P. C. ontem realizou em Sacavém.

«Pela sua longa e heróica luta», prosseguiu, «pela sua implantação de massas, pela sua política independente e responsável, demonstrou sem margem a quaisquer dúvidas o seu carácter profundamente patriótico, nacional e progressista, demonstrou ser o único legítimo representante de todo o povo angolano, demonstrou ser o digno interlocutor do povo português e um precioso aliado das forças do trabalho, do progresso e da independência de Portugal.

«Estamos aqui reunidos para dizermos «não!» à agressão imperialista em Angola, à invasão e aos crimes dos mercenários e «elpistas», às manobras, intrigas, pressões e ingerências do imperialismo, que desenvolve uma frenética actividade para defender os seus sórdidos interesses exploradores, para defraudar o direito à completa independência do povo de Angola e impor-lhe «soluções» neocolonialistas, com a ajuda de grupos de lacaios fantoches.

«Estamos aqui reunidos para reclamar dos nossos governantes que respeitem o acesso à independência do povo angolano na data fixada, 11 de Novembro, que não envolvam Portugal nas maquinações imperialistas, que prossigam neste passo essencial, uma linha de descolonização autêntica, a única que corresponde aos interesses do nosso povo e que tão largo prestígio conquistou no mundo para a Revolução portuguesa.»

. No comício, realizado no Pavilhão de Sacavém, onde não cabia uma agulha mais, usaram ainda da palavra Sérgio Vilarigues, do Secretariado da Comissão Política do Comité Central do P.C.P. (a política de descolonização autêntica passa pelo reconhecimento do M.P.L.A. e da Fretilin), Albano Nunes, Sérgio Costa, ambos do P.C.P. e o último do C.C. da U.E.C., e Álvaro Santos, do M.P.L.A., que, em certo momento da sua intervenção diria:

. «Para o M.P.L.A. a situação é clara: não haverá Governo angolano com a participação conjunta do M.P.L.A., U.P.A/F.N.L.A. e U.N.I.T.A. Em 11 de Novembro, seja qual for a posição que o Governo português venha a assumir, será proclamada a independência nacional da nossa Pátria!»

. E, ainda: «O povo angolano rejeita o discurso do ministro Melo Antunes na O.N.U. e as propostas apresentadas. O povo angolano rejeita as tentativas conciliatórias do ministro Vítor Crespo. Estes membros do Governo português são suficientemente esclarecidos, estão suficientemente informados para que possuam um real conhecimento do que representam a U.P.A/F.N.L.A. e a U.N.I.T.A., do seu comportamento durante a guerra colonial e da sua actuação em Angola ao seguir ao acordo do Alvor. Nem a ignorância, nem a ausência de percepção e análise política, e muito menos a ingenuidade, podem invocar-se para justificação das propostas e diligências do Governo português em relação à concretização da transferência de poderes em Angola».

COMISSÃO DE DESCOLONIZAÇÃO DISCUTIU TIMOR

Sob a presidência do general Costa Gomes reuniu esta manhã, em Belém, a Comissão Nacional de Descolonização. Embora nada tenha sido divulgado quanto à agenda de trabalhos, julga-se que a questão de Timor foi largamente debatida, dada a presença, nessa reunião, do coronel Lemos Pires e dos membros do Gabinete de Timor. Melo Antunes, por seu lado, terá feito um pormenorizado relato das suas conversações com o ministro dos Estrangeiros indonésio. A questão angolana, ao que se julga, foi igualmente analisada com detalhe.

Para além desta reunião o dia foi calmo no Palácio de Belém, tendo o Presidente da República recebido apenas, às 15 e 30, o general Alcide de Oliveira.

Em S. Bento reuniu, à tarde, o Conselho Económico.

Nota tome

SANCHES OSÓRIO NÃO ANDA LONGE

Muitos e ilustres visitantes, nacionais e estrangeiros têm entrado nos últimos dias no País. Até há quem pense que está a iniciar-se uma nova estação turística: a «Estação Quente». A particularidade mais curiosa destes turistas é que trazem passaportes do ELP e são muito bem tratados por cá. Por outro lado não têm quaisquer dificuldades de movimentação.

Um destes dias (quarta-feira da semana passada) um familiar do ex-major Sanches Osório apresentou-se nos serviços comerciais da Companhia de Seguros «O Alentejo» pretendendo receber as comissões do pai daquele ex-oficial, já falecido.

O recebimento foi-lhe recusado com a indicação de que, dado haver mais herdeiros, era indispensável que apresentasse uma declaração em papel selado, assinada pelo ex-major Sanches Osório, e reconhecida por notário, em que autorizasse a movimentar a conta.

Pois na segunda-feira seguinte o mesmo familiar apresentou-se munido da referida declaração, com data de 27 de Outubro, devidamente assinada pelo ex-major Sanches Osório e reconhecida pelo notário.

Como se vê Sanches Osório e o seu grupo não devem andar longe e não têm qualquer dificuldade em contactar com os seus familiares autorizar a movimentação de contas, obter documentos oficiais, etc.

E como ele muitos outros andam à vontade pelo País, tendo mesmo muito mais facilidades em vencer a burocracia reinante do que os cidadãos trabalhadores em pleno gozo dos seus direitos cívicos.

ASSIM NÃO

Assim não sr. brigadeiro Pires Veloso. Que a Região Militar do Norte tenha feito as suas investigações sobre as actividades contra-revolucionárias acreditamos.

Que a Região Militar do Norte através do RIB e com a colaboração da PSP tenha desenvolvido uma operação, os revolucionários agradecem.

Agora que um oficial do RIB tenha dito, alto e bom som, p a r a a população «já conseguimos prender dois comunistas», essa não!

. O ELP à esquerda das posições de um oficial do Exército, essa é forte!

. Mas resta ainda fazer uma pergunta ao comandante da RMN: quantos responsáveis pelo seminário de Santiago foram presos?

. Então sr. brigadeiro! Em todas as suas investigações aos contra-revolucionários não há uma única palavrinha de agradecimento para a vigilância popular que detectou a presença daqueles elementos no Norte? Que deu essa informação aos serviços de informações militares em Lisboa e que permitiu ainda que, duas horas antes das suas tropas estarem no local, houvesse uma lista promenorizada de grande parte das pessoas que tomaram parte nessa reunião?